



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A BANDEIRA NEGRA SOBRE A CHINA:
A HISTÓRIA DOS INTELLECTUAIS E MOVIMENTOS
ANARQUISTAS NA CHINA MODERNA**

RAFAEL BORGES DEMINICIS

**NITERÓI - RJ
DEZEMBRO DE 2005**

**A BANDEIRA NEGRA SOBRE A CHINA:
A HISTÓRIA DOS INTELLECTUAIS E MOVIMENTOS
ANARQUISTAS NA CHINA MODERNA**

RAFAEL BORGES DEMINICIS

**“Monografia apresentada ao
Departamento de História da
Universidade Federal Fluminense
(UFF) para obtenção do grau de
Bacharel em História.”**

Orientador: Prof.Dr. Daniel Aarão Reis Filho
NITERÓI - RJ
DEZEMBRO DE 2005



Rafael Borges Deminicis



Niterói - RJ
2005

巴金

“Somos, pois, anarquistas, porque queremos uma sociedade sem governo, uma organização livre, indo do indivíduo ao grupo, do grupo à federação e à confederação, com desprezo das barreiras e fronteiras, sendo a associação baseada sobre o livre acordo e naturalmente determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, idéias e sentimentos dos indivíduos.”

Neno Vasco

“Se quisermos ser livres, ninguém deve poder dizer-nos o que devemos pensar.”

Conelius Castoriadis

“O anarquismo aventurou-se a introduzir órgãos auto-controláveis e auto-dirigidos na sociedade industrial moderna: controle dos trabalhadores, sindicalismo etc.”

Rudolf De Jong

RESUMO

Esta monografia é um esforço pela recuperação da memória da história dos movimentos sociais e políticos e da atuação de intelectuais revolucionários identificados com as propostas libertárias na China na primeira metade do século 20. A partir da descrição do processo de ascensão da ideologia e prática anarquistas na China, procurar-se-á entender o confronto dos indivíduos e coletividades envolvidas com outras correntes políticas, as estratégias de eliminação da hegemonia anarquista do cenário e conseqüentemente a eliminação de suas memórias. A história oficial, os modelos historiográficos divergentes, os interesses históricos internacionais em contextos autoritários posteriores e o “esquecimento” completo na atualidade, compõem a complexidade explicativa da eliminação da memória do anarquismo na China, precursor na inserção do ideal socialista e revolucionário no país.

Palavras-chave: China Moderna, China Contemporânea, Anarquistas, Anarquistas Chineses, Anarquismo, Intelectuais, Política, Poder, Revolução Social, Memória.

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
DEDICATÓRIA.....	8
AGRADECIMENTOS.....	9
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
INTRODUÇÃO.....	16
1. CAPÍTULO 1 – CHINA MODERNA E CONTEMPORÂNEA: GUERRAS E LEVANTES POPULARES.....	19
1.1. A ERA QING: CRESCIMENTO DOS OPOSITORES E MOVIMENTOS POPULARES.....	20
1.2. AS GUERRAS DO ÓPIO E A RESISTÊNCIA ANTI-QING E ANTI OCIDENTAIS.....	22
1.3. O TAIPING TIENQUO (REINO CELESTIAL DA PAZ PERFEITA).....	26
1.4. REVOLTA DOS NIAN.....	30
1.5. LEVANTES MUÇULMANOS.....	31
1.6. A RESTAURAÇÃO E A GUERRA FRANCO-CHINESA.....	32
2. CAPÍTULO 2 – MODERNIZAÇÃO, INDUSTRIALIZAÇÃO E REVOLUÇÃO.....	35
2.1. REFORMISTAS E REVOLUCIONÁRIOS.....	36
2.2. O MOVIMENTO YIHETUAN.....	38
2.3. FORMAÇÃO DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO.....	40

2.4. PRIMEIROS ANARQUISTAS, ESTUDANTES E MILITANTES.....	43
2.5. ATÉ A REVOLUÇÃO DE 1911.....	54
3. CAPÍTULO 3 – A REVOLUÇÃO QUE NÃO FOI E A RADICALIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA (1912-1919).....	59
3.1. TÁTICAS TRADICIONAIS E AS MANIFESTAÇÕES MODERNAS.....	60
3.2. ASSOCIAÇÕES DE CLASSE, SOCIEDADES SECRETAS E MOVIMENTO ESTUDANTIL E OPERÁRIO: EXPRESSÕES ANARQUISTAS.....	62
3.3. O QUATRO DE MAIO DE 1919.....	71
3.4. ANARQUISMO, COMUNISMO E OS PARTIDOS.....	78
3.4.1. HAVIA UMA “REVOLUÇÃO RUSSA” NO CAMINHO DOS REVOLUCIONÁRIOS CHINESES: O PCC.....	80
3.4.2. O PROBLEMA: OS PARTIDOS.....	84
3.4.3. O ANARQUISMO REMANESCENTE NAS ASSOCIAÇÕES DE CLASSE: AS ÚLTIMAS COOPTAÇÕES.....	89
3.5. BREVES COMENTÁRIOS: BA JIN.....	93
4. APONTAMENTOS SOBRE O APAGAMENTO E O ESQUECIMENTO DA HISTÓRIA DO ANARQUISMO.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
BIBLIOGRAFIA.....	120
ANEXOS.....	126
ACERVO ICONOGRÁFICO.....	145
GLOSSÁRIO.....	171

DEDICATÓRIA

Ao *Centre International de Recherches sur l'Anarchisme* (CIRA)¹, localizado na Suíça, que me ofereceu o ponta-pé inicial desta pesquisa, dispondo ótimo banco de dados bibliográficos na internet: <http://www.anarca-bolo.ch/cira/>.

À memória de Li Feigan (o famoso Ba Jin), nascido em 25 de novembro de 1904, um dos grandes anarquistas chineses. Já bastante doente, com mal de Parkinson e câncer, Ba Jin faleceu a 17 de outubro de 2005. Morte que, coincidentemente, se deu na mesma época que eu, a cada momento que lia sua biografia para escrever este trabalho, enchia-me de vontades ilusórias de um dia ainda conhecê-lo. Ir em busca de Ba Jin seria uma justificativa para apressar minha viagem à China (se um órgão de pesquisa qualquer assim financiasse, claro!), agora refreada. Este famoso novelista, poeta e militante político radical que presenciou e participou ativamente todas as revoluções contemporâneas da China, ano passado pode ainda presenciar eventos comemorativos aos seus 100 anos de idade realizados em diversos lugares do país. Como a organizada pelo Museu Nacional de Literatura Moderna iniciada desde novembro de 2003.

A máxima chinesa de desejar vida longa às pessoas queridas realmente funcionou para Ba Jin. Resta-nos neste momento, durante dois meses seguidos, recitar os mantras que o confortem neste momento difícil de transição, e desejando uma boa trajetória iluminada.

OM TARE TAM SOHA

¹ *Centre International de Recherches sur l'Anarchisme* (CIRA, Avenue de Beaumont 24, 1012 Lausanne, Suisse bus 5 depuis la gare, arrêt Hôpital/CHUV, tél. et fax (+41) 21 652 48 19, e-mail: cira@plusloin.org).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu pai Agostinho, mãe Maia Lúcia (Batatinha) e irmão Bruno que mesmo não tendo noção exata da loucura de meu cotidiano de trabalho, faculdade e atuação no movimento social, acompanharam meu esforço para lutar por meus objetivos. Sabedores, por vezes, de vistas grossas, de minha autonomia ou anarquia, deram-me confiança, sem nunca duvidarem de que sempre estive certo de tudo que quero fazer na vida. Sempre me consideraram suficientemente responsável, apesar de todos os conflitos, para seguir meu próprio caminho.

À parentada de Piedade, Quintino, Vila Isabel, Grajaú e Jacarepaguá, mas em especial a Simone, Soraya, Alcidéia, Mário, Aparecida, William e Ana Paula.

Aos amigos, pela descontração e pelas trocas de afetividade e companheirismo, público de minhas presepadas e ouvintes de meus trocadilhos infames. Tantos amigos de caminhada desde os anos de escola, pré-vestibular, graduação e labuta: Mônica Aoki, Alex Pimenta, Marco Túlio, Nério e Névio Capistrano, Renato Nascimento, Taise, Aliene, Vitor Hugo e Marcelo Abraão, Glauber, Leonel, Francisco (o eterno Chicão), Alexandre, César Lawall, Cláudio, Ricardo Machado, André (Dedé), Leonardo, Mineiro, o sumido (e atualmente reencontrado) Églio, Nilton Flávio, Alisson Furtado, Ana Laura, Cléber, Roberta Celi, Elisa, Marcela, Alessandra, Juliana Fonseca, Gustavo (primo), Rafael (primo), Rafael, Bruno, Fábio, Carol (prima), Taisa, Talita, Tatiana, Rodriguinho, Marina Su, Luciana, Ji Lee, Ivi Tavares, Danilo Parmera, Paula Rocha, Felipe, Luis Tinoco, Neoclébio, Viviane Amorim, Alexandra (Nana), Carlos Eduardo (Cadu) da Paz, Daniel Teixeira, Carlos Eduardo (Cadu) Marconi, Bruce Portes, Fabrício, Douglas, Viviane Carmem, Tiago Coelho, André (Dedeco), Andreza Prevot, Luis

Anselmo, Queila, Jair, Leonardo, Priscila, Marina Tedesco (Nina), Rodolfo, Amina, Fabiana Malha, William, Bruno Mussa, Carlos Evangelista, Carlos Augusto, Bruno Mülher, Luciana Pucu, Guido, Caroline Rocha, Martha Myhrra, Eduardo (Mochila), Carlos Contente, Marcelo, Sandra, Mara dos Santos, Chris Victor, Vanini Lima, Ana Maria, Rafael Dutton, Nataraj Trinta e Ricardo do Paraíso.

Aos professores amigos: Magali Engel, Marcos Alvito, Gizlene Neder, Edna Del Pomo, Daniel Aarão (orientador), Ângelo Segrillo, Carlos Addor e Norberto Ferreira.

Aos companheiros do Grupo de Estudos do Anarquismo (GEA), do qual fui coordenador por quase dois anos, e aos companheiros dos diversos círculos de estudos libertários dos quais já freqüentei.

Aos companheiros anarquistas de diversos lugares, mas, em especial aos companheiros da Federação Anarquista do Rio de Janeiro, com quem descobri o significado real da palavra sinceridade e solidariedade.

À filosofia budista, que me oferece os artifícios materiais e mentais para me manter com saúde, conscientizando-me das minhas limitações e reais capacidades, para que eu consiga seguir um caminho equilibrado e correto, ter a felicidade sublime e praticar o dharma.

REPÚDIO...

À cretinice governamental de deixar as Universidades Brasileiras em péssimas condições e que atualmente tem direcionado esforços para a realização da Reforma Universitária, de caráter privatista e mercantil. Neste mesmo sentido, aos gestores das Universidades Públicas Brasileiras que colaboram e muito para a manutenção das condições precárias destas instituições. Aos professores de academicismo excessivo, que, por inúmeras vezes, quase me fizeram desistir da carreira de historiador. Ao tempo perdido com trabalhos de bolsa, que muito me desestimularam à pesquisa historiográfica, pela falta de objetividade, importância, pela burocracia institucional e pela péssima ajuda de custo dos órgãos financiadores.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Deve-se entender, em princípio, que a especulação de que o pensamento anarquista teria se expandido na China por conta de uma cultura “ácrata” pré-existente, originária talvez do daoísmo (taoísmo) ou dos preceitos budistas, não está totalmente refutada. Porém, não se chegamos ao extremo de afirmar que as antigas tradições chinesas eram portadoras de legítimas expressões libertárias, e esse simples fato tornou-as responsáveis pelas origens do anarquismo na China moderna. Essa afirmação foi estimulada pelos escritores Pietro Ferrua, em seu trabalho: “O desenvolvimento das teorias anarquistas na China Antiga”²; Edgar Rodrigues, no texto: “China”, escrito para a revista *Universo Ácrata*³; ou Angel Cappelletti, em seu texto: “Tradicionalismo y anarquismo na filosofia chinesa” da revista *Reconstruir*⁴. As explicações que sugerem o surgimento do anarquismo de maneira filosófica, remetendo-se até mesmo à antiguidade, nos parecem bastante interessantes – como mostra Peter Gue Zarrow em seu belo trabalho *Anarchism and Chinese Political Culture*, mostrando que o anarquismo teria sido “created out of the ruins of Neo-Confucian discourse” ou pelas “taoists ideas of order without coercion”, mas realmente esse não é o nosso foco. Aliás, a algumas das expressões anarquistas na China moderna pouco reivindicaram destas tradições, e em muito se posicionaram contra elas, considerando-as como símbolos do tradicionalismo e bases ideológicas para alienação e a para a desagregação popular.

Nesse sentido, concordamos com a crítica de Arif Dirlik à tradição historiográfica que estabelece este tipo de relação é de grande utilidade sobre esta questão:

² FERRUA, 1955.

³ RODRIGUES, 1999.

⁴ CAPPELLETTI, 1973.

“There is a methodological problem here ... There has been a long-standing tendency - I'm tempted to call it an Orientalist tendency even - to attribute everything new in China to Chinese tradition, which is another way of saying that there is never anything significantly new in China, anything that cannot be explained in terms of the past.

I have been a critic of this tradition in Chinese historiography. I believe that Chinese society was as subject to change as any other society, whether or not we are willing to recognize it. So, I was hesitant, therefore, to attribute the emergence of Anarchism, Marxism, or anything for that matter, to some Chinese tradition or another. The problem is that the Chinese tradition has been used to explain everything, from communism and Maoism to anarchism, and these days it's fashionable to explain Chinese capitalism in terms of tradition. I don't know how valid that is as an explanation, that notion of tradition, when it can explain so many different and contradictory things.

I came to study Chinese anarchism by tracing the origins of this notion of social revolution, and I believe that Chinese anarchism was a radical, new idea. There may be Taoist elements in it, there may be Buddhist elements in it, there may even – through Tolstoy – be Christian elements in it: nevertheless, my concern was with the new ideas that anarchism brought into the Chinese intellectual scene, chief among them this idea of a social revolution.

So, I think this emphasis explains some of the differences. Also, we need to make a distinction between the past as a determinant of the present and the past as a reservoir of ideas upon which people can draw to deal with the present. There is no question that some of the Chinese anarchists - Liu Shipei was the outstanding one among them, and then Shifu - drew on Taoism and Buddhism. However, this is not just the determination or constitution of Chinese anarchism by Daoism or Buddhism, but rather a two way, dialectical process. In other words, the Chinese past is being read in new ways

with the help of anarchism and conversely there is a rereading of anarchism through Taoist and Buddhist ideas. What is important to me is the dialectic, and I stay away from the notion that the Chinese were somehow unconsciously under the sway of this or that tradition that then shaped their readings of anarchism.”⁵

Portanto, o modo como interpretamos em geral a história dos movimentos sociais vai tanto pela observação das estratégias autônomas escolhidas pelos dos movimentos da época, quanto pela demonstração da identidade libertária, adquirida com as experiências mais recentes. No entanto, como estamos tratando de China, lembremos que uma das características do funcionamento das sociedades chinesas é a longa duração. Ou seja, para as sociedades chinesas as experiências mais longínquas no tempo podem ser encaradas como possibilidades bastante atuais. Contudo, ainda, lembremos que ao final do século 20, para mal ou para bem, a sociedade chinesa reduz progressivamente essa característica de longa duração, à medida que vai assimilando as influências ocidentais.

Numa mediatriz entre estas perspectivas, pode-se considerar que as principais motivações para que o ideal anarquista adquirisse importância na formação de uma nova cultura revolucionária e modernizante na China foram as progressivas agitações populares em andamento desde a metade do século 19. Além disso, algumas destas agitações foram também uma mistura com os conceitos e ideologias ocidentais que começavam a se espalhar pelos países orientais. O pesquisador Jean-Christian Petitfils apresenta uma matriz libertária direta, proveniente das idéias de Kang You-Wei (1855-1927). Sua obra, *O Grande Livro da Harmonia*, descreve uma utopia socialista, onde a sociedade seria igualitária, harmoniosa, sem a intervenção do Estado, da família e da propriedade privada, onde as crianças seriam educadas coletivamente, etc., um misto de tradições milenares chinesas e as idéias comunitárias ocidentais de Charles Fourier, por exemplo. A obra de Kang You-wei teria circulado entre revolucionários chineses e japoneses, inspirando-os, e ele próprio teve contato com alguns dos indivíduos pertencentes a esses grupos. Para Petitfils as influências tradicionais seriam um dos elementos do pensamento libertário, junto com as idéias socialistas ocidentais:

“Kang You Wei, cuja obra só foi publicada após sua morte, conheceu certa fama entre os intelectuais chineses exilados no Japão. Partidários seus, moderados e utopistas [anarquistas] opuseram-se

⁵ DIRLIK, 1989.

aos revolucionários socialistas de Sun Yat Sen, em princípio do século 20.* (R. Servoise, 'Une utopie chinoise: l'harmonie universelle de Kang You Wei', *Analyse et Prévision*, I, 1967.).”

Pois bem, a *Era Qing* foi marcada por inúmeras revoltas. As revoltas populares provocadas pelas tensões da *Guerra do Ópio* (1839-1842), o *Movimento dos Taipings* (1850-1864), *Revolta dos Nians* (1851-1868), as *Revoltas Muçulmanas* (1855-1873), o *Levante dos Boxers* (1898-1901), movimentos localizados com pretexto anti-Qing, como a ação de inúmeras sociedades secretas dispersas pela China, configuravam o cenário dos primeiros anos da contemporaneidade chinesa. O anarquismo chinês não seria então uma fase imatura de atuação de uma classe ou dos sujeitos históricos daquele tempo, um modelo revolucionário artificial trazido do estrangeiro ou muito menos uma evolução das experiências de lutas anteriores. O anarquismo chinês foi sim uma expressão (ou uma das expressões) de resistência contra opressões tradicionais, sem concessões e um acúmulo específico das experiências das revoltas do século anterior. Sendo assim, os que viriam a se identificar com idéia e prática anarquistas na China, particularmente reivindicaram: o anti-manchuismo, anti-confucionismo, anti-patriarcalismo, feminismo, anti-mandarinato, anti-militarismo, etc.

Por fim, vale ressaltar que esse trabalho também não tentará enquadrar de maneira harmônica, ou num sistema explicativo fechado, o desenvolvimento histórico dos intelectuais e movimentos anarquistas chineses. Embora, tenha sido desta forma que o pesquisador Arif Dirlik compreendeu a importância do anarquismo às revoluções chinesas do início do século 20, não se imergirá na complexidade deste campo de investigação:

“I was convinced of the necessity of reexamining the emergency of Chinese Communism most only by recently accessible materials that suggest a more complex picture of the origins of the Party that has been previously possible, but also by certain fundamental anomalies in our current understanding of the problem. The problematic of relationship the October Revolution, Marxist ideology, an Communist organization has more or less been bundled into an “entangled web” in existing historical explanations. This study undertakes to disentangle this web.”⁶

⁶ Ibid.

Pretende-se oferecer aqui subsídios suficientes, ao mesmo tempo em que se narram os acontecimentos, ao entendimento complexo das estratégias de apagamento da memória anarquista, em cada momento histórico e na atualidade. Nesta mesma linha e com o mesmo objeto de estudo, destacaram-se nas duas últimas décadas os historiadores e cientistas sociais Edward Krebs⁷, Jacques Gandini⁸, Arif Dirlik⁹, Olga Lang¹⁰ e Peter Zarrow¹¹, que, obviamente, contribuíram com suas obras com parcela substantiva desta pesquisa, como fontes historiográficas secundárias (pois as fontes primárias não são de fácil acesso e as conseguidas são migalhas) e/ou como oferta de importantes perspectivas de interpretação histórica. Nessa trajetória, os militantes ou pesquisadores Victor Garcia¹², Ba Jin, Stuart Christie, Robert A. Scalapino e Vladimiro Muñoz¹³ foram bastante valiosos.

⁷ Pesquisador e tradutor independente, PhD pela Universidade de Washington (1977), publicou os seguintes textos e livros:

1. KREBS, Edward S. "The Chinese Anarchist Critique of Bolshevism during the 1920s", In JEANS, Roger B. (ed.) *Roads Not Taken: The Struggle of Opposition Parties in Twentieth-Century China*, Westview, 1992.

2. KREBS Edward S. "Assassination in the republican revolutionary movement", revista *Ch'ing-shih wen-t'i* 4.6: 45-80, dezembro, 1981.

3. KREBS Edward S. "Socialism and Anarchism in Early Republican China" (w/Arif Dirlik), *Modern China*, April, 1981.

⁸ Ver em Anexo 6, *Acervo Iconográfico*.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Peter G. Zarrow é professor da Universidade de New South Wales, estudiosos de temas ligados a cultura, política e intelectuais da história da China Moderna e Contemporânea. Também é diretor do *Bulletin of Concerned Asian Scholars* (Boletim do Estudante Interessado), vice-president da *Historical Society for Twentieth Century China /HSTCC* (Sociedade de História do Século Vinte na China) e Professor Associado de Pesquisa do no Instituto de História Moderna, Academia Sineca, Taipei, Taiwan. Alguns dos títulos publicados por ele seguem abaixo:

1. ZARROW, Peter G. "He Zhen and Anarcho-feminism in China", *Journal of Asian Studies*, vol. 47, no. 4 (November 1988), pp. 796-813.

2. ZARROW, Peter G. "Social Change and Radical Currents in Republican China, 1912-1949 / A Review Essay", [23:1] DIRLIK, Arif (ed.), *What Is in a Rim? Critical Perspectives on the Pacific Region Idea*, Boulder: Westview Press, 1993.

3. ZARROW, Peter G. "Liang Qichao", "Zhang Binglin", "Liu Shiwei", "He Zhen" and "Wu Zhihui" In BARY, Wm. Theodore de (ed.), *Sources of Chinese Civilization*, Columbia University Press, New York (revised edition, volume two, 2000).

4. ZARROW, Peter G. "Anarchist Movement", "Liu Shiwei", "National Essence", "Subao Case", "Wu Zhihui", "Zhang Binglin", In WANG, Ke-wen, (ed.), *East Asian Nationalism: An Encyclopedia of Modern History*, Garland Press, New York, 1997.

5. ZARROW, Peter G. *Chinese Anarchists: Ideals and the Revolution of 1911*, Columbia University, 1987.

6. ZARROW, Peter G. "Anarchist Notions of Revolution, 1900-1930" (Painel: Anarchist Discourse and Practice in Twentieth-century China), Association of Asian Studies, Chicago, 8 April 1990.

7. ZARROW, Peter G. "Chinese Anarchism: The Origin and Fate of Anti-State Ideologies, 1907-13", Association for Asian Studies, Chicago, 23 March 1986.

¹² Ver em Anexo 6, *Acervo Iconográfico*.

¹³ Autor de *Li Pei Kan and the Chinese Anarchism*, New York: Revisionist Press, 1977.

INTRODUÇÃO

Em primeiríssimo lugar, inicio as páginas deste trabalho de conclusão de minha graduação em História pela Universidade Federal Fluminense com a explicação sobre seu título, ou a primeira parte dele: *A Bandeira Negra sobre a China*. É bem sabido que a bandeira negra é um dos principais símbolos do anarquismo em todo mundo, depois da letra “A” circundada (o famoso “A na bola”). Um bandeira também muito associada ao ideal libertário é a bandeira rubro-negra – cortada em transversal, com uma das metades vermelha, simbolizando o socialismo, e a outra preta, o anarquismo –, surgida nos anos de forte inserção anarquista nos meios operários, representativa do anarco-sindicalismo, e que ficou também bastante marcada como símbolo da Confederação Nacional do Trabalho (CNT) Espanhola, da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) e da Federação Anarquista Ibérica (FAI) nos anos da Guerra Civil (1936-1939).

O título indica que o tema a ser abordado aqui é a presença do ideal anarquista na China. Entretanto, a intenção era de também fazer uma adaptação ao título do clássico livro de Edgar Snow: *A Estrela Vermelha sobre a China*¹⁴. Este livro traça o histórico dos movimentos socialistas de referência marxista na China, sendo um amplo catálogo de biografias, ou autobiografias, e entrevistas com lideranças comunistas chinesas. Na adaptação, substitui a estrela vermelha, símbolo do comunismo, pela bandeira negra, símbolo do socialismo libertário, o anarquismo.

Pois bem, esta pesquisa tem como objeto o estudo da história de intelectuais e movimentos sociais anarquistas na China durante o início da época contemporânea, nas

¹⁴ SNOW, Edgar. *Red Star Over China*. First Revised and Enlarged Edition (the original was written in 1937). New York, Bantam Books, 1968.

primeiras décadas do século 20 (sem tentar se aprofundar nas pequenas contradições pontuais que a parca historiografia não permite resolver), e, conseqüentemente, a elaboração de explicações palpáveis sobre o processo de apagamento desta memória: esquecimento ou prática intencional e sistemática.

Formados nos últimos anos do século 19 e nos primeiros anos do século seguinte, os intelectuais anarquistas chineses, que mais tarde fundaram associações de debate político, jornais, organizações de educação e propaganda e grupos secretos terroristas, têm suas origens em meio aos círculos da juventude que viajava ao estrangeiro com o objetivo realizar estudos em cursos superiores. Nos países onde o pensamento anarquista tinha bastante expressão, especialmente França e Japão, é que, conseqüentemente, apareceram os primeiros intelectuais anarquistas chineses. Entre 1902 e 1910, formavam-se coletivos de apoio aos estudantes no estrangeiro, movimentos educacionais e os primeiros periódicos libertários, o *Shi jie* (*O Mundo*) e o *Xin Shi Ji* (*Novos Tempos*). Alguns destes intelectuais que viriam mais tarde a se assumir anarquistas compuseram movimentos mais amplos em associações revolucionárias, nacionalistas ou científicas, como a *Ai-guo-xue-she* (*Associação Patriótica*), da *Tongmeng hui* (*Aliança Revolucionária*) ou da *Shi jie she* (*Associação Mundial*). No entanto, foi nestes espaços que outros indivíduos começaram a tomar contato com escritos anarquistas, principalmente com livros de Piotr Kropotkin, Eliseé Reclus, Michael Bakunin e Leon Tolstoi. É consenso entre os pesquisadores que tratam do tema que os anarquistas chineses deste período não foram apenas os que primeiro apresentaram a literatura socialista ao país, mas aqueles que foram os precursores na formação de grupos socialistas e revolucionários. Os periódicos anarquistas tiveram intensa produção, tanto no nível da exposição da ideologia e da inserção nos debates das questões contemporâneas como no nível da circulação e do número de exemplares produzidos. Os periódicos adquiriam popularidade nacional e internacional, promovendo traduções de textos anarquistas franceses, americanos, espanhóis e japoneses, traduções dos periódicos chineses para o esperanto, etc.

Após a Revolução de 1911 e o seu descaminho com a atuação de setores remanescentes do governo imperial, cenário de repressão, manobras políticas e desordem liderado pelo governo de Yuan Shikai, muitos anarquistas foram fortemente perseguidos pela república recém instituída. Aliás, foram considerados “fracos” ou “vendidos” aqueles que se desviaram dos rumos dos movimentos ou da militância anarquista. Mesmo tendo consciência da insuficiência dos métodos e da teoria dos revolucionários republicanos seguidores de Sun Yat Sen, ainda assim, alguns anarquistas criaram expectativas em relação às transformações

produzidas pela Revolução de 1911. Mas se houve desilusão ou não, fato é que os movimentos anarquistas a partir deste marco começaram a borbulhar na China. Recobrava-se a idéia de que uma reforma social só viria através de uma revolução política e econômica.

Com as novas discussões, agora sobre a discordância aos caminhos seguidos pela república (que, a partir de 1913, já havia expurgado ou domesticado a parcela saudosista do Império), e a exposição dos princípios revolucionários libertários, éticos e organizacionais, o anarquismo voltava à tona. Diversas sociedades foram criadas, a exemplo da *Chin-te Hui* (Sociedade para o Avanço Moral), a *Liu-pu Hui* (Sociedade dos Seis Nãos), a *Hui-ming Hsüe-she* (Sociedade de Auxílio Público), a *Hsin-she* (Sociedade do Coração), etc., e jornais começavam a ser fundados, como o *Ming Shen* (A Voz do Povo) e o *Hui-ming lu* (A Opinião Pública). Entre 1913 e 1919, culminando nos emblemáticos protestos do *Quatro de Maio* de 1919, o ideário anarquista sobressai aos círculos de movimentos revolucionários. Além disso, diversos grupos estudantis de ajuda mútua, que formaram o “Movimento de Estudo Frugal e Trabalho Diligente”, dentre eles a “Sociedade pela Igualdade” para estudos no estrangeiro serão ativados sob a responsabilidade de militantes anarquistas chineses da época.

A partir de 1920 é que o anarquismo na China começa a perder espaço. Apesar de terem conquistado grandes feitos como a construção de uma Universidade Popular direcionada aos trabalhadores, na cidade de Shanghai, a formação de grupos anarquistas em diversas cidades, fundação dos primeiros sindicatos de orientação libertária nas grandes e a realização de greves isoladas de diversos setores, a perspectiva frente aos outros movimentos revolucionários é negativa. O declínio do pensamento anarquista coincide no tempo com o crescimento da propaganda marxista e a formação de organizações partidárias comunistas. Verdade que alguns militantes anarquistas teriam participado da fundação do Partido Comunista, dos quadros do *Guomindang* e outros órgãos, ludibriados pelos desdobramentos da Revolução Russa de 1917, mas a proporção destas ocorrências não afeta o andamento geral do movimento anarquista. Este novo pensamento socialista, nacionalista e autoritário, que se expandia na China embrenhou-se na disputa pela hegemonia com os demais pensamentos e organizações, ação jamais cogitada entre os anarquistas. Sendo assim, o marxismo conquistava espaço através da derrocada libertária. Apesar de importante participação direta nas diversas transformações históricas na China, os anarquistas de aí formam arremessados ao “esquecimento”, sobrando apenas cacos a serem coletados. Dentro do grande bolo da historiografia, são raros os materiais onde consta a participação ou a existência dos libertários na China, o que imprimiu gigantesca dificuldade à realização desta pesquisa.

1. CAPÍTULO 1: CHINA MODERNA E CONTEMPORÂNEA: GUERRAS, LEVANTES E REBELIÕES POPULARES

Tempos antes de ser adotado oficialmente o calendário gregoriano na China (1911), uma série de acontecimentos modifica o quadro econômico, político e social do continente asiático. O que se enquadraria então na medida temporal do século 19, é um período de acirramento de conflitos internos, entre diferentes classes e concepções políticas, e a sublevação de setores aristocráticos e setores populares contra a dinastia vigente e a intervenção imperialista européia, baseada na expansão comercial, religiosa e invasão militar.

A contextualização geral do processo histórico referido será descrito abaixo, entretanto, a importância maior deste capítulo é oferecer uma mostra das diversas experiências sociais que contribuíram para a formação de uma consciência e ação revolucionárias, e libertárias, no período anterior e nos anos posteriores à queda do império Qing.

Em primeiro plano, o tema aparentemente não atrai os pesquisadores ocidentais. Em plano mais raso, muitos são aqueles que dão dedicação incorreta à especificidade da história contemporânea das nações da Ásia, África, Oriente Médio ou da América ao Sul ao Rio Grande. As explicações historiográficas e sociológicas sobre a organização social destas sociedades e suas histórias e tradições particulares, a contemporaneidade, com as crescentes manifestações revolucionárias em reação ao colonialismo ou à opressão interna, as iniciativas de modernização (mesmo quando são adotadas com a tática de ocidentalização), são generalizantes e insuficientes, e, quando não, preconceituosas. São exemplares as teses, que dão alguma visibilidade às sublevações dos povos terceiro-mundistas, porém, justificam-nas como efeitos inevitáveis da crise do próprio sistema colonial ocidental e não citam os efeitos da resistência destes povos oprimidos. Determinismo que enxergamos nas palavras de G. Barraclough:

“É certo, evidentemente, que a emancipação da Ásia e da África e o progresso da crise européia marcharam de mãos dadas. Entre os fatores que facilitaram o surto de movimentos de independência da África e na Ásia, devemos incluir o enfraquecimento do pulso das potências européias, em grande parte como resultado de suas próprias rivalidades e desavenças, bem como drenagem de recursos motivada por suas guerras.”¹⁵

Com isso, talvez venham à mente alguns questionamentos preliminares. Afinal, a história dos países colonizados só faz sentido quando está a cargo da história ocidental? As revoltas e as idéias de transformação e revolução modernas justamente ocorreram porquê o colonialismo enfraquecia-se ou foi a própria colonização que serviu de fator para a intensificação destas revoltas? A crise é uma condição para a insurgência ou uma consequência aditiva à ação insurgente? Quem organizava as revoltas, afinal, era o inimigo colonialista ou o próprio povo colonizado? Estas perguntas parecem inocentes, já que grande parte das teorias dos processos revolucionários que se explicam pela crise já foram colocadas por terra. O trabalho de Valério Arcary, “Quatro critérios para a classificação das revoluções do século 20”, é útil para esclarecer especificamente estes pontos (apesar deste trabalho encontrar-se limitado por conceitos marxistas e centralistas, ancorados pela dogmática de Trotsky) quando explica a que a insustentabilidade das “teoria da pobreza” e “teoria reativa” se deu ou pelo fato das experiências históricas terem provado o oposto ou pela existência e longevidade de sistemas ditatoriais e opressivos, com esquemas de controle social eficiente. Pois bem, estes questionamentos servirão para o início de nossa compreensão do surgimento e crescimento dos processos gerais de insurgência e revolução, bem como do início do anarquismo na China.

1.1. A ERA QING: CRESCIMENTO DOS OPOSITORES E MOVIMENTOS POPULARES

A dinastia Qing, de etnia *manchu* (proveniente do nordeste da Ásia), iniciou o seu governo com a derrubada da dinastia Ming, no período datado de 1644. A era de administração Qing, obviamente, não esteve salva de conflitos e crises. Tanto no governo do imperador Kangxi (1662-1723) quanto no governo de Qianlong (1736-1796) não faltaram momentos de disputas e insurreições. Porém, é sob o controle dos imperadores Jiaqing (1796-1821) e

¹⁵ BARRACLOUGH, 1983

Daoguang (1821-1851), que a crise e os conflitos se avolumam. Ao longo do século XVIII a intromissão européia havia se intensificado, através de inúmeros acordos comerciais, peças-chave da estratégia colonialista. A conseqüente intervenção européia no campo político e nas estruturas produtivas e econômicas chinesas interfere diretamente nas relações sociais e complexifica o sentimento de insatisfação contra governo *manchu*.

Expressões societárias autônomas e desenvolvimento de formas políticas independentes de grandes estruturas hierárquicas têm largo trajeto na Ásia, originadas muito antes de o modelo imperial ser colocado em pauta. Vale destacar, então, que as diversas respostas contrárias à manutenção da desordem, o controle imperial e a entrada estrangeira no século XIX na China são parte destas expressões, mas foram inventadas, principalmente, de acordo com a interpretação sobre as intervenções promovidas pelo império e pelos estrangeiros em suas realidades e, decorrente disto, o surgimento de idéias de transformação política e econômica.

Na primeira metade do século XIX, as guerras provocadas pela crise do comércio de ópio ganha elevadas proporções, incitando ainda mais o cenário de oposição e a ocorrência de rebeliões contra o império Qing, levando ao extremo a recusa à presença ocidental. Após várias batalhas o incidente termina, trazendo consigo não apenas o resultado negativo da derrota, mas também abrindo caminho à realização de tratados desfavoráveis, perda de algumas regiões (ilhas, cidades ou portos) e ao processo invasões e guerras inglesas, francesas e japonesas nos anos decorrentes.

Porém, os estandartes da oposição ao governo imperial deste período foram as agitações camponesas e os levantes de inúmeras sociedades secretas em todos os cantos. As mais conhecidas e de maior dimensão foram as rebeliões da sociedade do *Lótus Branco*, dos *Taiping*, dos *Niam* e dos *Miao* e os levantes muçulmanos do sudoeste e do noroeste da China. Os intelectuais sempre foram importantes figuras na história da China em momentos de transformação.

1.2. AS GUERRAS DO ÓPIO (1838-1842 & 1856-1860) E A RESISTÊNCIA ANTI-QUING E ANTI-OCIDENTAL

Nas primeiras décadas do século 19, o consumo de ópio estava disseminado entre a sociedade chinesa. O comércio do ópio se fazia próspero, apesar dos embargos emitidos pelo imperador Jiaqing entre os anos de 1800 e 1813. Entretanto, na década seguinte, seguiram-se prisões de comerciantes, forte repressão contra o tráfico e campanhas contra os usuários da droga, principalmente, durante o governo de Daoguang.

A partir de 1834, quando a Inglaterra encerra o monopólio do comércio da *Companhia das Índias Orientais* na Ásia, mercadores europeus e estadunidenses inserem-se nas vendas de ópio para a China e aumentam sobremaneira este comércio. O comércio do ópio, mesmo que reprimido nas cidades litorâneas ao sudeste, causava grande impacto econômico à China, pois permitia saída de grande quantidade de prata.

Da parte chinesa, motivos não faltavam para que um conflito ocorresse contra a entrada estrangeira, que até o momento havia ocasionado problemas, como a disseminação do vício do ópio, deslocamentos sociais, favorecimento de uma pequena classe de comerciantes chineses, desrespeito às normas legais etc. Entre 1836 e 1838, o imperador Daoguang convoca funcionários para o estudo das estratégias contra o tráfico do ópio. A legalização e a cobrança de taxas sobre o produto foi um dos resultados e uma das possibilidades de ação governamental, e, confiando nisso, comerciantes estrangeiros estocaram enormidade do volume da droga em estaleiros chineses. Em 1839, o imperador proíbe definitivamente o comércio do ópio, confiscando e destruindo carregamentos do produto e embarcações estrangeiras. Os mercadores ingleses que haviam perdido seus produtos com o confisco cobram do governo de seu país o pagamento de indenizações.

O ministro das Relações Exteriores, lord Palmerston, tenta negociação com o império chinês, pedindo retratação pelos maus tratos aos residentes britânicos, mas sem obter retorno. A rainha, mesmo contrária ao comércio do ópio, não permitiu que os súditos ingleses que viviam no exterior fossem tratados com “violência e expostos a insultos e injustiças”. A notícia desta ação chega ao Parlamento inglês, pois firmas e câmeras de comércio com a China pressionam para que medidas retaliatórias sejam tomadas. As forças militares e navios de guerra ingleses logo são mobilizados, inicialmente, apenas para garantir “satisfações e reparações” e, se necessário, ‘prender em custódia navios dos chineses e suas cargas’ (SPENCE, 1996). Frotas inglesas de navios armados são enviadas para o bloqueio de portos e

idades centrais e à invasão de ilhas e cidades na costa asiática, estratégicas, como Xiamen (Amoy) e Ningbo. A cidade de Guangzhou é cercada e soldados ingleses são enviados para localidades rurais. Em 1842, contando com efetivo de indianos, os ingleses capturam Shanghai e Zhenjiang, bloqueando o canal do principal rio chinês, o Yangzi.

O ataque naval e militar provou-se bastante eficiente, mas os fatores que mais influenciaram na vitória estrangeira sobre a China foram a adoção da política conciliatória e a vasta corrupção disseminada entre os governantes provinciais e da casta imperial, embora houvesse o esforço de alguns governadores, como a facção representada pelo governador das províncias de Hunan e Hubei, Lin Zexu. Ao final deste ano o império chinês vê-se impelido a assinar o *Tratado de Nanjing*, que determinava: liberação comercial das cidades de Guangzhou, Xiamen, Ningbo, Shanghai e Fuzhou, com abertura de consulados em cada uma destas cidades, pagamento de indenização pelos carregamentos de ópio tomados pelo governo de Guangzhou; entrega da ilha de Hongcong à posse inglesa por tempo indeterminado.

Os confrontos com base no comércio do ópio retornaram em 1856, agora direcionados às regiões de Guangzhou, Guandong e Beijing, que não seguiram os tratados de 1842-44, eram entraves à ambição ocidental de se ampliar o domínio de portos ao interior e ao Norte da China (além dos cinco previstos no tratado de Nanjing) e eram focos de fortes resistências populares, motivo das derrotas e humilhações das tropas ocidentais.

O governo imperial havia destituído Lin Zexu como governador de Guangzhou em 1841, oposição ao partido da conciliação. Porém, em 1848, a nomeação de Xu Guangjin e Ye Mingzhen em Guangzhou, e, em 1850, com a morte do imperador Daoguang, a entrada do imperador Xianfeng, hostil aos estrangeiros, constituíram a vitória dos “intransigentes”¹⁶. Associados ao mandarinato e aos correligionários do antigo império, ingleses e franceses se empenharam na derrubada de Xianfeng, tomando e saqueando a capital, incluindo o célebre Palácio de Verão em 1858. Qi-ying, representante da “facção dos príncipes”¹⁷ da conciliação, foi colocado como intermediário dos acordos e negociações com o ocidente. Foram assinados, então, os tratados de Tianjin e Beijing (1858-1860), que decretavam a abertura de onze novos portos, permissão do acesso de navios ocidentais por alguns rios que levavam ao interior, dando direito aos ocidentais de adquirir propriedades de terras e comercialização do ópio. Entre os príncipes da conciliação, a aliança franco-inglesa representava, em primeiro lugar, a manutenção do regime e da sua dinastia, mas também a possibilidade de obter auxílio contra

¹⁶ CHESNEAUX, 1969

¹⁷ Ibid.

as rebeliões populares, o que necessitou, portanto, de um processo de modernização infra-estrutural.

Como mostra J. Chesneaux em seus livros: *Historie de la Chine – 1 des guerres de l’opium à la guerre franco-chinoise, 1840-1885* e *Les sociétés secrètes en Chine, XIX^e-XX^e siècles*, o período das guerras do ópio é marcado, principalmente, pela forte insurgência popular, pré-existente em menor grau, principalmente entre camponeses e sociedades secretas. Através de acesso a documentos ingleses da época Chesneaux mostra uma série de conflitos que ocorreram na década de 1830, destacando a sublevação de 1832-33, nas localidades de Hunan, Guangdong e Guangxi. Liderada por indivíduo conhecido como “Dragão de Ouro”, reuniu uma sociedade secreta com mais de trinta mil homens para o combate direto contra o governo de Guangzhou. A sociedade secreta chamada *Triade*, encabeçou a organização de camponeses descontentes, promovendo intervenções terroristas contra autoridades locais e o sistema de transportes oficiais. As sublevações organizadas pela sociedade secreta *Lótus Branco*, e, posteriormente, por um ramo desta organização, a *Bandeira Negra*, terminavam em assaltos e matança de integrantes do regime manchu. Na Manchúria a sociedade secreta *mafei (bandidos a cavalo)* praticava a bandidagem em incursões de longa distância como fizeram os *Nian*. Enfim, apesar da sobressalência dos setores conciliadores com o ocidente, nos últimos anos da década de 1830, quando se davam os fortes conflitos oficiais em decorrência do comércio de ópio, inúmeras milícias camponesas e sociedades secretas se organizaram (algumas delas também com o apoio de pequenas elites locais).

Um outro levante que ficou marcado na história da resistência popular foi o levante de Sanyuanli, tomado, inclusive, como exemplo da veia revolucionária do povo chinês pela história oficial dos tempos de Mao Zedong, como mostra o livro publicado pelo governo chinês em 1980, *Breve História Moderna da China (1840-1919)* – traduzido para o espanhol. Depois da assinatura do “Tratado de Guangzhou”, as forças estrangeiras invadiram localidades próximas à cidade, e foram muitos os casos de roubo, assassinato, estupros e assalto das oferendas aos mortos nos cemitérios. Próximo a Guangzhou, em uma localidade vizinha de Nicheng, havia um povoado composto por centenas de famílias, que sofrera com estas situações. A partir do descontentamento, os habitantes deste povoado se organizaram em resistência, sendo uma das primeiras ações o ataque de uma unidade inglesa que percorria o local, terminando com a morte de 9 soldados, em 29 de maio de 1841. Em uma assembléia popular realizada em frete ao templo principal da cidade, os aldeões escolheram Wei Shao-kuang com líder e tomaram uma bandeira vermelha de três estrelas como símbolo da batalha que se seguiria.

“Poesia popular que exalta a resistência dos camponeses contra o exército inglês¹⁸.

Rugiam como o trono diante de Sanyuanli:

Mil, dez mil, reunidos por vez¹⁹,

A virtude trás cólera,

e a cólera trás os guerreiros,

Assim a força dos camponeses

destroçava as fileiras de inimigos.

Campos e povos – todos deviam ter sua guarnição.

Ninguém esperava o rufar do tambor

para despertar seu ardor,

As mulheres estavam de todo coração

com seus homens heróicos

Adagas e adagões eram armas ao alcance de todos.

Junto às aldeias, próximas ou distantes,

passaram como relâmpagos

As bandeiras de todas as cores e todas as matizes:

uma brigada, cem brigadas se espalhavam

pelas colinas no horizonte,

Então, os bárbaros levantaram a vista

e subitamente empalideceram.”

¹⁸ Poesia extraída e traduzida do livro de Jean Chesneaux, *Les sociétés secrètes en Chine, XIX^e-XX^e siècles* (1965).

¹⁹ “Os clamores em Sanyuanli soavam como tronos; milhares e milhares de almas se incorporam à luta.” (tradução desta parte da poesia realizada pelo Impresso da República Popular da China, *Breve História Moderna da China* - 1980).

Juntavam-se a eles aldeões de cidades vizinhas, artesãos, pescadores e pequenos proprietários de terra. Representantes de cerca de 103 localidades reuniram-se em Niulankuang (que fica a 6 quilômetros ao norte de Guangzhou), formando uma frente anti-britânica. Em junho de 1841, ao atrair as tropas inglesas para Niulankuang o exército popular, reunindo 8.000 combatentes, promoveu forte ataque. Após alguns dias, tentou-se sabotagem por parte de governantes imperiais e latifundiários aliados aos ingleses, entretanto, estava garantida a vitória do povo de Sanyuanli e das cidades vizinhas.

1.3. O TAIPING TIENQUO (REINO CELESTIAL DA PAZ PERFEITA)

Em Guangxi, justamente em uma das localidades mais inseridas na vida moderna e marcadas pelas atividades ocidentais (inclusive, impactada pelas guerras do ópio), vizinha de Guangzhou, nasce um agrupamento disposto à revolta extrema e à organização de uma ordem social revolucionária. Este grupo, que ganhou, nos anos decorrentes, filosofia articulada, sofisticadas estratégias de combate e grande número de adeptos, ficou conhecido como *Taiping*.

As rivalidades étnicas, fruto das tentativas de unificação e das migrações provocadas pelas dinastias imperiais, presentes nesta região rural, haviam ocasionado ao longo do tempo forte segregação social. Os grupos originários ficavam reclusos às terras já ocupadas, enquanto as terras restantes eram ocupadas por novas populações, de maneira desigual. Os *bendi* estabeleceram-se nas melhores terras e aos *hakka* ficaram as terras de pior qualidade. No decorrer do século 19, em meio à classe camponesa mais pobre, procede-se a organização de grupos para a luta contra as milícias privadas dos proprietários de terra.

Muitos *hakka* chegaram a formar com outros setores descontentes da província de Guangxi, mineiros, carvoeiros, camponeses sem terra, carregadores, desempregados e integrantes de sociedades secretas (como contrabandistas, curandeiros e soldados desertores), um movimento de resistência denominado *Sociedade dos Adoradores de Deus*. A rejeição popular às tradições de estreitas relações com a ideologia oficial confuciana foi muito forte e, associado a isso, procuraram-se novos parâmetros religiosos e políticos que dessem conta dos anseios sociais. A influência ocidental-cristã deste movimento é explícita, pois através de parte da filosofia cristã adquirida (contato com as missões religiosas ocidentais, principalmente os protestantes anglo-saxões), em que constava o igualitarismo, pode-se vislumbrar uma

organização social alternativa. Esta foi uma das primeiras expressões do que se configurou como o *Movimento dos Taiping*.

Atribui-se a fundação do *Movimento dos Taiping* ao aldeão de etnia hakka, proveniente de uma família de camponeses pobres, Hong Xiuquan. Em sua juventude Hong fracassou nos exames oficiais, mas, posteriormente, ao freqüentar escolas de missionários ocidentais de Guangzhou motivou-se à pregação evangélica. Credo cumprir uma missão divina e libertadora, ele reuniu em torno de si “um pequeno grupo de homens decididos”²⁰. O grupo era composto pelo professor Feng Yunshan, de etnia hakka, o carvoeiro Yang Xiuqing, o lenhador Xiao Chaogui; Shi Dakai, outro hakka que fracassou nos exames confucianos e se interessava pelas questões militares, e Wei Changhui, proprietário de terras, conhecido por suas atividades filantrópicas em períodos de carestia. A exceção do último, todos os componentes da frente do movimento tinham relações diretas com os setores populares, eram eles letrados frustrados, artesãos itinerantes, marginalizados do meio rural, etc.

Afirma Chesneaux que muitos historiadores (marxistas, por suposto) de sua época atribuem classificação de *pré-proletários* aos adeptos deste movimento, um preconceito comum na historiografia geral, que se empenhou em simplificar o *Taiping* a um movimento milenarista e a-ideológico. Talvez seja destas fontes que tenha bebido o velho Hobsbawm. Pois o que vemos é o contrário, os *Taiping* formam um campo extremamente fértil de prática e ideologia revolucionária que certamente serviu de influência aos movimentos dos anos seguintes.

O que mais determinava o vigor da luta dos Taiping era a busca de um nacionalismo popular e, principalmente, a sua ideologia igualitária, representada na utopia agrária:

“O utopismo agrário dos Taiping: Lei sobre a terra da dinastia celeste (1853).

Fonte: J. C. Cheng, *Chinese sources for the Taiping rebellion*, Hongcong, 1963, p.39-41. ²¹

A distribuição da terra se efetua segundo o tamanho de cada família, sem consideração de sexos e tendo unicamente em conta o número de pessoas; quanto maior seja dito o número, mais terras receberão, e vice-versa. As terras a repartir dividem-se em nove categorias. Em

²⁰ CHESNEAUX, 1969

²¹ Extraído e traduzido do livro de J. Chesneaux - *Les sociétés secrètes en Chine, XIX^e-XX^e siècles* (1965).

uma família de seis pessoas, três receberão terra boa e três receberão terra má, quer dizer, a metade boa e a metade má. Todas as terras que se encontram a baixo do céu serão cultivadas conjuntamente pelos homens a baixo do céu. Se uma produção é insuficiente em um lugar, que se dirija a outra em que seja mais abundante. Toda a terra que se encontre a baixo do céu deve ser acessível tanto em tempo de abundância como em tempo de escassez. Se houver miséria em uma zona, levar-se até ali os excedentes de outra zona onde reine a abundância, com a finalidade de alimentar os famintos. Deste modo, os homens que estão a baixo do céu gozarão todos da grande felicidade concedida pelo Pai Celeste, Senhor Supremo e Deus Augusto. A terra se repartirá entre todos, o arroz será consumido por todos, todos terão vestimentas, o dinheiro será gasto por todos. Não haverá desigualdade, e ninguém ficará sem alimento nem proteção contra o frio.

Tanto se é homem, como mulher, cada indivíduo de mais de dezesseis anos receberá um pedaço de terra. E se sobrar terra, as pessoas de quinze anos ou menos receberão a metade de um pedaço. Por exemplo, uma pessoa de mais de dezesseis anos recebe um mu de terra da categoria superior-superior, outra de quinze anos ou menos receberá a metade de uma parte, quer dizer, um mu e meio de terra da categoria inferior-inferior.

Em todo o império se plantarão amoreiras junto aos muros. Todas as mulheres criarão bichos da seda, tecerão e confeccionarão prendas de vestir. No Império, cada família sem exceção possuirá cinco galinhas e dois porcos. Durante a colheita, o chefe de seção assessorará ao chefe de equipe para a reserva da quantidade de grão novo que seja necessário para suas vinte e cinco famílias e entregará o resto ao celeiro público. A mesma regra se aplicará também ao trigo, ao cânhamo, aos tecidos, a seda, aos cavalos, aos cachorros, etc. E também ao dinheiro. Já sobre a terra, tudo pertence a grande família do Pai Celeste, Senhor Supremo e Deus Augusto. Ninguém no Império poderá possuir propriedade privada, já que tudo pertence a Deus, de modo que só Ele pode dispor de todas as coisas. Na Grande família do Céu, todos os lugares são iguais e cada um vive em abundância. Tal é o édito do Pai Celeste, Senhor Supremo e Deus Augusto, que tem dado muito especialmente ao Verdadeiro Senhor dos Taiping a ordem de salvar o mundo

Sem dúvida, o chefe da seção levará uma conta das quantidades de dinheiro e grãos, comunicando-a ao tesoureiro, a que tenha feito desembolso e a destinatário. Para cada grupo de vinte e cinco famílias, se estabelecerá um celeiro público e uma capela onde residirá o chefe da seção. Para cada grupo de vinte e cinco famílias, as questões tais como a celebração de

bodas ou de nascimento se efetuarão a cargo do celeiro público. Mas serão devidamente controladas e se proibirá o gasto de uma moeda mais do que o necessário:

“Quando se celebrar uma boda em uma família, se entregarão a ele mil moedas e cem libras de grãos. No Império, tudo será uniforme. Em tudo se haverá bom uso nos gastos, em previsão das guerras e as calamidades. No Império, as bodas não se celebrarão de acordo com a fortuna. Em cada grupo de vinte e cinco famílias, os chefes de seção e os particulares será a vez de ferreiros, carpinteiros e pedreiros em seus tempos livres depois do trabalho no campo. Todos os chefes de seção serão responsáveis, dentro de seus grupos respectivos de vinte e cinco famílias, de celebrações tais como bodas, nascimentos, etc.”

À medida que o grupo próximo a Hong Xiuquan crescia, crescia também a contradição do fator que os mobilizava ao que mobilizava diversas sociedades secretas. Até 1850, houve atuação conjunta entre sociedades secretas numerosas e influentes e da China meridional, que tinham o mesmo fundo social e ideológico de recusa da ordem estabelecida, de movimentos populares e de insurreição. Porém, uma parte destas sociedades secretas passou a apoiar a restauração da dinastia Ming após a derrubada dos Qing, como fez a *Tríade* em Shanghai (1853-1855). Os correligionários da *Sociedade dos Adoradores de Deus* encamparam luta radical, contando com colaboração das tribos Yao e Miao, e o apoderamento da província de Guangxi, instaurando o *Taiping Tianguo (Reino Celestial da Paz Perfeita)*, em 1851. Nos anos seguintes vieram a ocupar cidades ao longo do rio Yangzi, Wuchang, Jiujiang e Nanjing (que recebeu o nome de *Tainjing* – capital celestial – capital do Estado Taiping até 1864). Além disso, houve tentativas de se chegar a Beijing, mas todas elas fracassaram.

O Reino Celestial foi governado sob a autoridade formal de Hong Xiuquan, reconhecido também como autoridade religiosa, por acreditarem que ele seria a representação do Espírito Santo, a própria voz de Deus. Entre os anos de 1853 e 1854, Hong Xiuquan alcançou estabilidade no governo. Porém o movimento Taiping começava a sofrer uma grave crise de direção, o que foi o ponto crucial de seu fracasso. Os chefes militares, discípulos de Hong, adquiriam poderes na divisão do Reino Celestial em quatro regiões, Yang Xiuqing ficara como governador (*wang*), da região Leste; Xiao Chaogui, do Oeste; Feng Yunshan, do Sul; e Wei Changhui, do Norte, cada qual se cercando do máximo de partidários dos Taiping. Hong Xiuquan isola ou alia-se mais estreitamente com alguns deles de acordo com a conveniência

baseada no equilíbrio de poderes. Por conta disso, seguem-se disputas e assassinatos decorrentes destas disputas e, o mais grave, a perda de crédito entre os líderes de maior influência popular, como Yang Xiuqing e Shi Dakai (que havia se tornado um importante general após as campanhas de 1852) em 1856.

Hong passou a governar com familiares, incapazes de desempenhar os cargos para os quais foram solicitados. O Reino mantinha-se com grandes dificuldades, a arrecadação de dinheiro e a divisão de terras se faziam precárias, começava a aparecer a segregação étnica dentro das regiões conquistadas, principalmente em Nanjing, e os esforços estavam centralizados nas ações militares.

Um novo impulso é dado após a vitória de Li Xiucheng, general militar do norte (camponês pobre que até então havia apenas assumido cargos militares secundários), em Anhui, e que, posteriormente, conseguiu cativar aliança com os rebeldes Nian. Em 1859, o dirigente político Hong Rengan é nomeado *rei escudo*, “primeiro ministro”, ao tempo em que Hong Xiuquan encontrava-se já com problemas mentais. Iniciam-se reformas administrativas contra a corrupção e o abandono e o plano militar de ataque e resistência contra o general machu Zeng Guofan é colocado em prática. São nomeados homens de confiança para os cargos administrativos locais e os melhores generais, Li Xiucheng, para a frente do Norte, e Chen Yucheng, para o Sul e é aberto contato com o ocidente. Todavia, as conquistas são poucas, o que só os faz resistir até 1864, ano em que é dissolvido o Reino Celeste. Para muitos historiadores, a decadência dos Taiping e seu ideal foi o desvio autoritário de suas lideranças, que de acordo com as conquistas afastavam-se do “dinamismo militante”, “deixando de ser um ‘movimento’ baseado na capacidade de ação coletiva das massas populares”²² e se deixaram levar pelo aparato político-militar, que buscou a todo o momento a manutenção de postos de poder.

1.4. REVOLTA DOS NIAN

Por conta da aliança dos *Nian* aos Taiping, costuma-se datar o seu surgimento na década de 1850, mas os *Nian* são uma sociedade secreta ramificada da famosa *Lótus Branco* que se formou ao Norte da China no século XVIII, em meio às aldeias pobres e periféricas, nas províncias de Anhui, Jiangu, Henan e Shandong. Até 1855 os Nian dedicaram-se ao ataque

²² CHESNEAUX, 1969.

das forças oficiais, destruindo prisões e funcionários imperiais, ao roubo de ricos negociantes, usurários e latifundiários. Tratava-se de um movimento essencialmente camponês, expressão da solidariedade e da revolta aldeã dos desta região, mas também contava com pessoas marginalizadas da sociedade rural, como os contrabandistas de sal, soldados licenciados ou desertores, pequenos proprietários insatisfeitos, letrados pobres e candidatos frustrados dos exames oficiais. Os letrados foram essenciais às ações dos Nian pela contribuição das informações sobre os escritos oficiais a que tinham acesso.

Diferentemente dos Taiping, os Nian organizavam-se de maneira descentralizada e com funções diferenciadas. A liderança de Zhang Luoxing era relacionada à sua função de chefe da aliança Han (que dava um pequeno tom étnico à revolta contra os Qing). O movimento dos Nian que tinha vinculação ideológica de propósito nacionalista e anti-manchu, é também considerado por certos autores pelo aspecto econômico, como “bandidos-justiceiros” (CHESNEAUX, 1969), já que suas incursões contra os membros da elite caracterizavam-se pelo roubo de bens e a distribuição entre seus partidários.

Nesta medida, os Nian organizavam lutas militares contra a corte Qing. Com o aparecimento de outros líderes que substituíram Zhang Luoxing, promoveram-se guerrilhas de alto alcance, armados de canhões, fuzis, lanças de bambu ou montados em cavalaria. Suas lutas duraram quinze anos até que se somassem aos Taiping, mas com a vitória destes aliados em 1864, o exército imperial ganhou confiança, intensificou os ataques e os derrubou em 1868, novamente por comando de Zeng Guofan.

1.5. LEVANTES MUÇULMANOS

Outra rebelião de grande proporção que aparece neste período é efetuada por povos muçulmanos nas regiões marginais do noroeste e sudoeste. O estopim da rebelião foi a partir de 1856, em Yunnan, onde já se exacerbavam as contradições entre mineiros chineses islamizados e não-islamizados, sendo o primeiro grupo historicamente discriminado pelo mandarinato local, mas que após alguns protestos organizaram um massacre contra os fiéis do Islã. Na cidade de Dali formou-se a célula da rebelião muçulmana. Ma Dexin, sacerdote muçulmano foi eleito chefe religioso, Ma Rulong, irmão de um mineiro morto no massacre, eleito chefe militar, e Du Wenxiu, jovem letrado de família muçulmana, eleito dirigente político do declarado Estado de Dali, sob o nome de Sultão Suleimão. Da pequena rebelião localizada de

fundo religioso, espalhou-se rapidamente a idéia insurgente de luta contra a dinastia Qing, apoiando-se inclusive na união com os chineses de etnia Han, na adesão de camponeses dos povos Miao e Yi e de unidades femininas nas ações militares rebeldes. Em 1862, foi formado um código de princípios de caráter popular, para os âmbitos sociais, políticos e militares, anti-hierárquico, proibindo a bandidagem e os abusos de poder e foram criadas diversas escolas muçulmanas, que vingaram até o início da década de 1870, quando os violentos ataques imperiais derrubaram o Estado de Dali, assassinando metade da população muçulmana residente.

Todavia, muçulmanos de etnia Hui, dos estados de Shenxi e Guansu (a Noroeste), sensibilizados pela revolta dos Taiping, entraram em levante a partir do ano de 1863. Ma Hualong, um dos chefes do movimento de reforma islâmica, a “Nova Doutrina”, liderou a rebelião. A resistência durou até 1867, quando o exército imperial pouco a pouco massacrou toda a população muçulmana local, totalizando milhões de mortos.

1.6. A RESTAURAÇÃO E A GUERRA FRANCO-CHINESA

As pesadas investidas da dinastia Qing na contenção das rebeliões, expressão do esforço na manutenção no poder e, em certa parte, da prestação de serviço para a conciliação com o ocidente, foram seguidas de uma intensa reforma política e econômica. Estas ações e transformações eram consideradas pelo Império como uma “restauração”, dos valores políticos confucianos, dos valores morais e culturais tradicionais. Entretanto, o caminho adotado para alcançar tal objetivo passou pelo uso da tecnologia ocidental, o que foi chamado de “autofortalecimento”. A associação desta idéia ao crescimento econômico foi denominada *zhiqiang* (auto-consolidação), um conceito tradicional presente no livro *Clássico das Transformações* que o conselheiro Feng Guifen aplicou para os problemas da modernização. Em 1862, o famoso chefe militar Zeng Guofan registrava que para se alcançar o fortalecimento do Império havia a necessidade de se reformar o serviço público, formação de homens capazes e adquirir-se conhecimento para a produção de bombas, navios a vapor e outros tipos de maquinário útil. O comércio do ópio apenas abriu as portas e a ideologia restauradora ou reformista que se efetivou entre os 1860-1885 abriria todo o resto para a colonização mercantil, militar e política do Ocidente. Nesse período foram abertas 61 empresas estrangeiras, sendo inglesas 47 destas. O Império importava o ópio, o algodão, petróleo, tecidos, ferro e cobre e exportava o chá, a seda e a soja. Aplicava-se uma forte política de modernização do interior,

conhecida por política do *yangwu*²³. Missões religiosas tinham concessão direta para se estabelecerem e criarem suas igrejas, hospitais e escolas.

Com a restauração, o Império Qing conseguiu criar infra-estrutura renovada para lidar com as relações exteriores, aperfeiçoar a coleta alfandegária, construir modernas embarcações e armas e adquirido conhecimento o bastante sobre direito internacional e ciência moderna. As inovações sustentavam a sobrevivência da dinastia, intitulada propositalmente de *Restauração Tongzhi*, em referência ao nome do jovem imperador. Mas, em 1875, ocorre a interrupção da liderança imperial pela morte de Tongzhi, com apenas dezoito anos de idade, e como sua noiva Cian não foi reconhecida como capaz de ocupar o posto, assume a imperatriz viúva Cixi (mãe do imperador falecido). Cixi, assegurou sua permanência no poder como regente, indicando que seu sobrinho Guangxu, então com três anos, quando chegasse a idade madura assumiria o trono.

O empenho com que o Império realizava as transformações internas, de certa maneira, começava a não corresponder às expectativas de equilíbrio das relações com as potências estrangeiras. As propostas chinesas de revisão dos tratados desiguais assinados entre os anos de 1842 e 1860 foram sistematicamente rechaçadas; aumentaram as usurpações dos estrangeiros nas cidades em que eles se instalavam, reiniciando diversas rebeliões; e configurou-se um quadro de pressão internacional contra a China para que se liberassem os territórios de Taiwan e Coréia. A perspectiva de fracasso dos partidários da política *yangwu* e dos conciliadores era patente, sendo assim, a ala de oposição ganhava força. A tendência dos intransigentes, representada agora pelo grupo *qingliu* (defensores de uma política “pura”), alcançou importância nas reuniões do Grande Conselho e na Grande Secretaria do Império, em 1880. Já em 1881, é cancelado o *tratado de Livadia*, que liberava a região de Ili à Rússia. Condenava-se à morte Chonghou, encarregado do Império para a assinatura e as negociações do tratado, e o território de Ili foi devolvido à China.

A região de Tonkin, limite com o Vietnam, foi ocupada por algum tempo por chineses da sociedade secreta Bandeiras Negras (cujo chefe havia pertencido à Tríade e esteve associado aos Taiping), com aprovação do governo de Annam, território tributário da China (hoje, Vietnam), e constituíram um obstáculo à entrada francesa. As tensões estavam à flor da pele, pois a França já havia expandido sua colonização a Hanoi e Haifong, e pressionava a China para conseguir concessões em Annam. Em 1883, na ocupação de Hanoi, esbarra nos

²³ *Yangwu yundong*, ou seja, *movimento para as atividades à la ocidental*.

Bandeiras Negras, que assassinam Rivière, o comandante da missão, e neste mesmo ano os franceses abrem ataque contra Tonkin.

O Império Qing considera-se diretamente interessado na defesa desta região, convocando os governadores dos estados vizinhos de Guangxi, Yunnan e Guandong. Entretanto, o avanço sobre as forças francesas fica limitado pela política *yangwu*, representada por Li Hongzhang, que, ainda tinha boa expressão no sul. Comprometido com a conciliação e a modernização, Li recomendou um acordo negociado com a França, conhecido como *Convênio Li-Fourrier*. Por outro lado, um incidente em Bac-Le em 1884 enfraqueceu as negociações e precipitou a guerra geral entre França e China. Desta forma, o *Convênio Li-Fourrier* foi denunciado pelo grupo *qingliu* e, com aval da imperatriz Cixi, que havia preparado praticamente um golpe de Estado, retirando poderes do príncipe Gong (chefe dos *zongli yamen*²⁴ e adepto da política conciliadora), são replanejadas as estratégias militares da região, com incitação dos Bandeiras Negras para a luta contra os franceses. No verão de 1884, o almirante francês Courbet, bombardeia sem declaração formal o porto de Fuzhou, em Guangzhou, e estabelece cerco a Taiwan²⁵ e pequenas ilhas de pescadores. Após intenso bombardeio à precária frota de embarcações chinesas, o Império Qing renuncia o direito sobre Annam, assinando o *tratado de Tianjing* em 1885, e é impelido a abrir o sudeste ao comércio francês e a começar acordos para a entrada de maquinário para construção de ferrovias no país.

Guangzhou e suas cidades vizinhas eram novamente palco de levantes. As agitações tinham caráter popular, mas, um pouco diferente do que movia as sociedades secretas e camponeses taiping, nian, etc, a revolta era prioritariamente contra estrangeiros, devido aos ataques franceses, aos abusos dos missionários nas cidades do interior e ao apoio de autoridades manchus de oposição e de letrados confucianos insatisfeitos. Capelas e igrejas católicas e protestantes foram incendiadas em várias localidades; em Hongcong, em 1885, instaurou-se uma greve geral dos trabalhadores portuários, coordenada pela sociedade Tríade, o que forçou as autoridades inglesas a aportarem seus navios em território japonês; rebeliões anti-francesas instauraram-se desta mesma forma no porto de Wenzhou, próximo a Taiwan.

²⁴ Abreviatura de *zongli geguo shiwu yamen* (*oficina de administração geral dos assuntos com todos os países*, ou seja, uma secretaria de relações internacionais).

²⁵ *Taiwan*, na língua local. Taiwan foi o nome dado pela China a partir da Segunda Guerra Mundial à ilha nomeada *Formosa* pelos colonizadores portugueses desde 1516. O nome "Taiwan", atualmente, é usado como sinônimo de República da China em Taiwan (Jhonghua Minguo).

2. CAPÍTULO 2: MODERNIZAÇÃO, INDUSTRIALIZAÇÃO E REVOLUÇÃO

“A guerra do ópio, as sucessivas derrotas de Tonquim [Tonkin], de Yalu e a especulação e a expedição internacional dos Boxers, por um lado; por outro lado, os Cem Dias e ainda a guerra russo-japonesa, despertam definitivamente o dragão adormecido.”²⁶

A descrição do capítulo anterior torna-se importante para o encaixe contextual com o que será dito neste capítulo. Os fatos que geraram as propostas políticas de reforma do Império Qing, a modernização tecnológica, a dependência do Ocidente e o desgaste dos setores populares chineses frente à violenta repressão aos levantes e a opressão cotidiana evoluem ao final da última década do século 19. A desarmonia se eleva na primeira década do século 20, sob responsabilidade de sujeitos sociais que haviam acumulado experiência e conhecimento sobre o passado e adquirido novos conceitos no exterior, propagando e agindo em prol de causas revolucionárias. Os conflitos internacionais, desta vez com o Japão, e os fortes levantes populares ainda eram recorrentes, sendo os de maior expressão os promovidos *pelo Yihetuan* (“Boxers”). A adesão e a força adquirida por estes grupos e suas novas táticas foram importantes não apenas pela derrubada do governo Qing, sonho antigo de setores populares, como para a derrubada do sistema Imperial. Dentre os revolucionários com influência socialista, utópica ou cientificista, aparecem os primeiros anarquistas.

²⁶ CHENG, 1945. Trecho extraído do livro *Minha mãe e eu através da Revolução Chinesa*. Trad. de Jorge Amado, 1945.

*Tradução ao espanhol: CHENG, Sheng. *Mi madre y yo: a través de la revolución China*. Prólogo de Paul Valery. Trad. do francês por Antonio Buendía Aragón, 1929.

2.1. REFORMISTA E REVOLUCIONÁRIOS

Apesar da presença cada vez maior das potências estrangeiras na China, os restauradores Qing tinham fixo que a concessão era estratégica apenas para a aquisição comercial e tecnológica. As escolas fundadas na década de 1860 em Beijing (*Tong Wen Guan*, ou seja, *Oficina de Tradução*), Shanghai, Guangzhou e Nanjing, especializadas apenas no ensino de idiomas e diplomacia (formação de intérpretes que seriam necessários aos *zonli yamen*), e raramente matemática e física, eram exemplos das intenções deste período. Mas o projeto de modernização, a partir de 1885, ficava mais próximo da via ocidentalizadora de absorção de novas idéias políticas e econômicas, ainda associada à introdução dos meios técnicos e ao desenvolvimento comercial.

O desenvolvimento da indústria, com grande participação econômica oficial e discreta participação privada, gerou a necessidade da criação de novas escolas destinadas à formação de técnicos ou oficiais, como foi o *Instituto do Saber Ocidental* de Guangzhou em 1880 e em Tianjin, a *Escola do Telégrafo*, no mesmo ano, a *Academia Naval* e *Escola de Médicos do Exército*, em 1881, e a *Academia Militar*, em 1885. Entre 1872 e 1881, aproximadamente 120 estudantes chineses do sexo masculino foram mandados a escolas estadunidenses e européias para que adquirissem conhecimento técnico útil ao Império. Para os restauradores este era um programa infeliz pois tendia a ocidentalizá-los em demasia. É importante ressaltar, que aumentavam sobremaneira as escolas integradas ao *ziqiang*, mas a maioria dos jovens chineses de famílias abastadas continuavam sobre a educação clássica confucionista, visando à titulação local de *shengyuan* e os exames estadual, *juren*, e nacional, *jinshi*. Aliás, com o processo de industrialização crescia o conjunto do proletariado, que em 1885 já alcançava o número de 40.000 trabalhadores, principalmente mineradores, operadores navais e portuários. Surgia também uma burguesia, formada por integrantes do desenvolvimento industrial que possuíam fortes laços com a elite tradicional, como funcionários, compradores, comerciantes, proprietários de terra e investidores.

A guerra contra o Japão na última década do século 19, engrossava o caldo dos reformistas mais radicais, pois provava em mais uma oportunidade diretamente que as forças militares encontravam-se extremamente frágeis e, indiretamente, grande atraso no desenvolvimento técnico. O contato com a Coréia²⁷ era constantemente realizado pela China

²⁷ “Coréia” vem da pronúncia primitiva dos colonizadores europeus do nome *Goryeo*, do período histórico desta região quando governava o *Império Gouryeo* da Antiguidade. A língua coreana, atualmente, refere-se à Coréia do Norte como *Choson* e a Coréia do Sul como *Hanguk*.

para manter esta região como tributária do Império e abertas as suas vias marítimas. Nas últimas décadas houve a tentativa de negociar a independência da região sem que a influência chinesa fosse prejudicada, mas em 1894 um conflito interno ameaçou a corte coreana, atraindo o Japão, que tinha interesses em estabelecer domínio na área. Frotas japonesas foram mobilizadas com agilidade e um governante aliado foi empossado. A partir da ocupação da Coreia, o Japão passou a atacar embarcações que navegavam nas cercanias e em pouco tempo tropas terrestres derrotavam forças chinesas em Seul e Pyongyang; cruzavam o rio Yalu, adentrando o Império Qing; tomando o porto de Lushun; e estava a postos para entrar em Shanghaiguan. Novamente Li Hongzhang é nomeado para negociações de guerra. Em humilhação, provocada pelo avanço avassalador dos japoneses sobre a China, Li viaja ao Japão para formalizar os termos do *tratado de Simonoseki*, em 1895, com os vencedores.

A exemplo de Zhang Zhidong, funcionário confucionista, que foi governador dos estados de Hunan e Hubei e um dos mais eficientes reformadores locais, que atraiu investimentos estrangeiros para a abertura da ferrovia que interligava Beijing a Hankou e constituiu o primeiro complexo de extração de carvão, ferro e aço da China, o Han-Ye-Ping, em 1895, declarou a necessidade de uma reforma nacional mais rigorosa.

Os intelectuais Kang Youwei e Liang Qichao, (discípulo de Kang), encabeçaram um movimento reformista em 1898, baseado na revisão dos escritos confucianos, mostrando que este pensamento era maleável às transformações sociais e ia de acordo com as idéias básicas de desenvolvimento e progressos humanos. Kang Youwei embora fosse um brilhante erudito clássico, foi em grande parcela influenciado pelo pensamento confucionista popularizado e pelo budismo. Kang examinou as expressões do desenvolvimento urbano e técnico ocidental na China, percorrendo Hongcong e Shanghai, e embrenhou-se na literatura sobre física, sendo também convencido da união *ti-yong*, que já havia se disseminado por variados setores da sociedade.

“O conhecimento chinês devia continuar sendo a essência, mas o conhecimento ocidental devia ser usado para o desenvolvimento prático’. Geralmente abreviada para ti-yong (das palavras chinesas, ‘essência’ e ‘uso prático’).”²⁸

O imperador Guangxu, agora aos 24 anos, apoiava essa expressão, mas seu poder ainda estava a cargo da de sua tia Cixi. Kang Youwei e seus companheiros criam a *Sociedade*

²⁸ SPENCE, 1996.

para a Proteção à Pátria, estimulando o sentimento nacional e a formação de uma proposta formal e objetiva para as reformas. Os regulamentos desta Sociedade pretendiam criar seus órgãos centrais em Beijing e Shanghai, instituir prefeituras e distritos em todas as províncias, chegando a configurar verdadeiramente a estrutura de um partido político. Foram convocados três congressos para tentar agregar mais adeptos entre os proprietários letrados e os oficiais da burocracia, mas setores conservadores ameaçaram abertamente esta organização, que rapidamente se desfez.

A Sociedade acabava, mas em um lapso de força o imperador Guangxu, aprova as propostas de reforma de Liang Qichao, inspiradas em um texto escrito por Kang Youwei. Num período de 103 dias uma nova política foi colocada em prática, o governo iniciou a modernização da administração, das Forças Armadas, da Justiça, do comércio e da indústria, encerrada pelo golpe de Estado desencadeado pela imperatriz Cixi. Os conservadores que estavam por traz da imperatriz elegeram uma série de retaliações contra as reformas e aos que advogavam destas idéias. Liang Qichao, Kang Youwei, Tan Situng, Liu Kuangti, Yang Yui e Lin Su são isolados em cargos inferiores do governo.

Kang Youwei, tomado em dilemas, sai do país e é neste período que começa a mudar sua perspectiva para o apoio ao caminho revolucionário, ao invés das reformas, fomentando uma ideologia utópica. Muitos jovens intelectuais que entravam nos exames *jinshi*, e que também apresentavam esta ideologia reformista, começavam a acreditar que pela via tradicional não se conseguiria correspondência. Uma parte destes jovens intelectuais, infieis ao poder dinástico, a exemplo de Sun Zhongshan, Charlie Soong e Zou Rong, indivíduos que ficariam bastante conhecidos posteriormente, trilharam caminho diferente, a luta revolucionária.

2.2. O MOVIMENTO YIHETUAN

A guerra sino-japonesa debilitou a capacidade de resistência chinesa à entrada das potências imperialistas ocidentais. Em 1897, a Alemanha se apodera da baía de Kiaochow onde ficava a cidade portuária de Qingdao, em Shandong, e posteriormente considera todo o estado como sua área de influência. O sentimento “anti-estrangeiro” aos poucos mobilizava as massas populares a se organizarem em resistência. Diversas sociedades secretas e unidades de autodefesa populares existentes no sul de Shangdong, que haviam se formado nos anos anteriores em resposta aos abusos de missionários, agregavam-se a camponeses que se

encontravam em desespero com más condições de plantio e trabalho provocadas pelas secas recentes na região e a outros trabalhadores: artesãos, ambulantes, homens de riquixá, carregadores de liteiras, barqueiros, soldados dispensados e contrabandistas de sal. Em 1898, fundaram o *Movimento Yihetuan*²⁹ (*Sociedade da Harmonia Perfeita*), que adquiria ideologia radical e luta contra os estrangeiros, antiimperialista e nacionalista. Juntavam-se a eles também grupos femininos compostos por mulheres oriundas dos setores de trabalhadores, como o grupo *Jungtengchao* (*Lanternas Vermelhas Cintilantes*) e *Lanternas das Panela*.

A luta contra a dominação do Império Qing também era parte da vontade e da prática Yihetuan, mas o movimento Yihetuan utilizou-se da máxima “apoiar a dinastia Qing e exterminar aos estrangeiros”³⁰ para conseguir cativar mais adeptos. Em menos de três meses a rebelião já se encontrava ativa nas localidades de Chiping e Kaotang, a oeste de Shangdong, sob a liderança de Chu Jung-teng e o bonzo Pen Min. Em 1899, alcançava a localidade de Chiangkai e Senluotien, na cidade de Pingyuan.

Em 1899, iniciou-se também a ofensiva governamental contra o movimento Yihetuan. Após brava resistência e algumas vitórias, o agrupamento de Chu Jungtseng é detido e assassinado por uma numerosa tropa enviada. Mesmo sem uma figura central, o que marcou o movimento pelo resto de sua trajetória, o progresso dessa rebelião continuou vigoroso. No final deste ano, com apoio de forças aliadas dos Estados Unidos, Yuan Shikai é nomeado governador do estado de Shangdong e com seu *Novo Exército* inicia o enlouquecido massacre à militância Yihetuan. Esta medida apenas fez aumentar a revolta geral das massas populares shangdongesas, que cercaram a catedral de Jungchialou na capital Jinan e em Feichan assassinaram missionários. Unidades Yihetuan lideradas por Wang Yuchen, Wang Wenyi e Sun Luochuan avançaram respectivamente sobre o noroeste, norte e nordeste do estado, reagindo contra o *Novo Exército*. Em 1900, a rebelião Yihetuan surgia também no centro de Jili no estado de Hebei e chegava em duas frentes a Beijing e Tianjin. Nos estados de Shanxi e Henan houve ampla rebelião, com incêndio de inúmeras catedrais e igrejas.

²⁹ *Yihetuan* foi um nome geral dado à junção das sociedades secretas *Yihechuan* (Sociedade dos Punhos da Justiça e da Harmonia), a *Tataojui* (Sociedade da Grande Espada) e a *Meijujui* (Sociedade das Flores de Ameixeira). A insurgência deste movimento ficou conhecida no ocidente como *Rebelião dos Boxers* (em chinês, *Yihetuan Qiyi*), reunindo mais de 200 mil integrantes. Por adotarem as artes marciais como técnicas de combate, os rebeldes foram identificados como lutadores, “boxeadores” (no inglês, *boxers*). A conotação também foi utilizada como desqualificação, retirando o caráter ideológico, político e social da rebelião.

³⁰ Extraído da obra publicada pelo Impresso da República Popular da China, *Breve História Moderna da China* – 1980.

O desenvolvimento desta sociedade e os incidentes provocados por ela atemorizaram as nações estrangeiras. Vendo que o governo Qing não conseguia enfrentá-la, enviados diplomáticos dos Estados Unidos, Alemanha, França e Inglaterra reuniram-se para apresentar uma proposta de extermínio completo dos Yihetuan, com a intervenção de suas tropas. Na metade do ano de 1900, compôs-se um efetivo com as infantarias de oito países (Inglaterra, França, Japão, Rússia, Alemanha, EUA, Itália e Áustria), totalizando 440 pessoas, enviado a Beijing. Um mês depois desta primeira missão outra tropa invasora de 600 pessoas, desembarcou em Dangku e entrou em Tianjin, com o objetivo de tomar as fortalezas de Daku e deste ponto estabelecer o ataque aos Yihetuan. Diante da atuação militar estrangeira, o governo Qing dividia-se em muitas tendências. Aqueles que eram a favor a entrada estrangeira dentro do modelo de “autofortalecimento”, os restauradores, dividiram-se entre entusiastas e receosos. Os receosos, representados principalmente pelos correligionários da Imperatriz Cixi, creram que, encerrado o conflito, os estrangeiros se aproximariam dos reformistas que apoiavam o imperador Guangxu. Entre os reformistas esta divisão também existiu. Em torno dos movimentos populares a única polêmica existente tanto em meio aos restauradores e reformistas como entre eles era se o Yihetuan deveria ser combatido ou apaziguado. A imperatriz Cixi e alguns governantes locais tentaram negociar com os rebeldes, cedendo parte de suas tropas para o combate aos estrangeiros. Intensificaram-se os casos de assassinato a missionários, arrancaram-se trilhos de ferrovias, incendiaram-se estações e linhas telegráficas foram cortadas. A potência dos levantes, o direcionamento destes ao governo e a obsessão das potências aliadas conduziram a que a perspectiva de apaziguamento estivesse no mesmo nível de eficiência que o combate. Ao final do ano de 1900, uma coluna de mais de 20 mil soldados estrangeiros deixou Tianjin a caminho de Beijing, de onde montaram cerco. Comandantes imperiais suicidaram-se e a resistência Yihetuan chegou ao fim. Em 1901, com a corte exilada em Xian (cidade protegida no vale do rio Wei), Li Hongzhang assinou um tratado chamado de *Protocolo dos Boxers*, que previa o pagamento de uma série de indenizações e concessões e exigia a execução de governantes que foram partidários do Yihetuan. No começo de 1902, a Imperatriz Cixi retorna a Beijing e pessoalmente recebe os membros diplomáticos estrangeiros para formalizar a reconciliação.

2.3. FORMAÇÃO DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

Consumido pela administração dos conflitos internos e dividido entre as tendências modernas e tradicionais para a recuperação da prosperidade econômica nacional, o Império

Qing por um lado desregulou-se da manutenção de seu sistema de ensino e, por outro lado, enfrentava a insatisfação dos excluídos dos exames. O sistema de exames entrava em colapso. Este quadro contribuiu para o crescimento de um conjunto de intelectuais formado por reformistas desiludidos e pensadores extremistas, advindos das camadas populares ou burguesas, que começaram a formar uma consciência revolucionária, com todo o acúmulo das experiências das sociedades secretas e populares de espírito libertador e igualitário e proposta anti-feudal, anti-manchu, anti-dinástica e anti-imperialista. Em alguns casos acrescia-se ao histórico destes intelectuais a formação nas religiões tradicionais populares ou nas escolas religiosas missionárias.

Da década de 1870 em diante, o interesse pelo ocidente evoluía na medida em que progredia a dominação da China pelas potências colonizadoras, sendo assim, o próprio Império estabeleceu acordo com o Japão, Estados Unidos e algumas nações europeias e financiou a ida de estudantes para a formação no estrangeiro, as conhecidas “Missões Educacionais Chinesas (MEC)”³¹. Muitos intelectuais e estudantes foram seduzidos ao estudo nestes países e o trilharam de maneira independente (para que pudessem transitar e efetivar suas viagens, a falsificação de documentos era recorrente entre este grupo). As idéias políticas com as quais se entrava em contato no ocidente e no Japão criaram ou convergiram aos anseios de transformação. Houve interesse especial pelas teorias científicas darwinistas, liberais e libertárias. Os que visitavam o exterior mantiveram contato com companheiros e intelectuais interessados na China, com os quais compartilharam as informações adquiridas. Seguiu-se uma série de traduções de livros como *A Evolução das Espécies* de Charles Darwin, *Evolução e ética* de Thomas Huxley, *Sobre a liberdade* de Stuart Mill, *A riqueza das nações* de Adam Smith³² e *O apoio mútuo* de Piotr Kropotkin³³. Surgia a edição de livretos e periódicos expondo estes conteúdos em proposições políticas, discussões, notícias ou traduções textuais. Em 1903, o jovem estudante Zou Rong lança uma publicação chamada *O exército revolucionário*, onde, além de denúncias à opressão da dinastia manchu e a invasão estrangeira, contém a defesa da independência nacional revolucionária, o sistema eleitoral, a igualdade de direitos para as mulheres e a liberdade de imprensa e associação.

Em 1905, a corte dos Qing aboliu o sistema tradicional de exame, portanto, a carreira acadêmica e intelectual tornava-se uma opção para a juventude chinesa. O jovem Zhou Shuren (que adotou o codinome Lu Xun, pelo qual ficou conhecido), educado em escolas confucianas,

³¹ YING-YUE, 2002.

³² SPENCE, 1996.

³³ PELLETIER, 1992.

teve acesso às traduções das obras darwinistas. Chegou a cursar medicina no Japão, mas após entender a opressão japonesa sobre a China, resolveu dedicar-se à literatura, que acreditava ser uma poderosa ferramenta de conscientização do povo. Ele próprio então passou a traduzir obras do realismo social da Europa e da Rússia.

Um outro e, bem conhecido, jovem que teve um trajeto parecido foi Sun Zhongshan³⁴, de origem camponesa e nascido em Cuiheng, distrito de Xiangshan do estado de Guandong, que estudou durante sua infância em escolas missionárias inglesas e estadunidenses. Em 1883, Sun Zhongshan embrenhou-se pela carreira médica em institutos de medicina em Guangzhou, Honolulu (Havaí) e depois em Hongcong, alcançando titulação no Instituto de Medicina Ocidental de Hongcong em 1902. Sua formação esteve estreitamente ligada à ideologia democrático-burguesa e sua expressão política manifestou-se inicialmente parelha ao reformismo. No contexto das humilhações da guerra sino-japonesa cresceu em sua mente a inquietação de compreender que uma transformação promovida pelo império seria impossível, mudando suas concepções reformistas para um radicalismo democrático. Em 1894 reuniu um grupo de integrantes da pequena burguesia chinesa para formar a *Xing Zhong Hui* (Sociedade para a Regeneração da China), que um ano depois já contava com quase 10 mil pessoas e ensaiava um levante, na melhor tradição das sociedades secretas. Sun acreditava na instalação de uma república burguesa através da revolução violenta.

Aliás, um tema que começava a ser tratado pelos movimentos reformistas do final do século 19, desenvolveu-se entre os grupos revolucionários: a luta pelos direitos das mulheres. As causas feministas foram colocadas em pauta em numerosos jornais entre 1902 e 1911. No periódico revolucionário *Min bao* (Jornal do Povo) constaram várias matérias tratando desse assunto. Neste período, foi criado também um jornal exclusivamente feminista chamado *Zhongguo xin nüjie zazhi* (Novo Mundo Feminino Chinês).

As novas idéias eram transmitidas por via literária, mas a forma mais efetiva de aprendizado era o contato com os movimentos políticos dos locais visitados e, conseqüentemente a formação de grupos ativistas na China. As influências da maioria dos revolucionários chineses eram oriundas dos ativos grupos japoneses de expressão “socialista cristã”³⁵. A ideologia revolucionária, nacionalista e republicana, espalhava-se por outros setores

³⁴ Ao ser batizado na religião protestante aos 17 anos, Sun adotou um novo nome: *Rixi-n*, que significa “renovação diária”. Mais tarde, seu professor de literatura sugeriu seu nome como *Yixiān*. Os ideogramas correspondentes a este nome se pronunciam em cantonês como *Yat-sen*. E foi com este nome e pronúncia que ficou conhecido no Ocidente.

³⁵ BERNAL, 1968.

da sociedade chinesa. Grande parte da intelectualidade japonesa que já advogava por esta proposta, gradativamente conquistava um número substancial de estudantes chineses instalados no país. Entre 1903 e 1905, fundavam-se diversas sociedades de caráter republicano, em Shanghai a *Guang Fu Hui* (Sociedade para o Restabelecimento), em Changsha a *Juan Sing Hui* (Sociedade para o Renascimento da China), a *Tong chou Hui* (Sociedade de Oposição ao Inimigo Comum). Em 1905, finalmente, Sun Zhongshan congregou as diversas sociedades revolucionárias existentes em prol da derrubada do governo Qing, fundando em 1905 a *Tong Meng Hui* (Aliança Revolucionária³⁶). Aos poucos a *Tong Meng Hui* vai acertando a sua plataforma que combinava republicanismo, nacionalismo e socialismo. Os “Três Princípios do Povo” escrito por Sun Zhongshan (Sun Yat-sen) formaliza a plataforma revolucionária, que, sinteticamente definia-se por: *independência, soberania e bem-estar*. A atuação da Sociedade possuía duas frentes prioritárias: a propaganda revolucionária, que divulgava seus princípios básicos e difamava veementemente o reformismo e o imperialismo, e a formação de uma revolta armada contra a dinastia Qing.

Em 1906 o número de estudantes chineses no Japão era enorme, cerca de 10 mil pessoas. Espalhados pela Europa e Estado Unidos totalizavam mais uns mil estudantes. Percebendo o perigo das sociedades revolucionárias, autoridades chinesas utilizavam estrategicamente o envio de jovens ao estrangeiro para deslocá-los de suas atividades:

“Chu-Ho-chung, enviado à Alemanha durante este período, relatou que autoridades locais da região de Wuhan [Hunan] enviavam os estudantes ‘ativistas’ ao estrangeiro para afastá-los; os mais radicais eram enviados à Europa e os menos radicais ao Japão”³⁷

2.4. PRIMEIROS ANARQUISTAS: OS INTERCÂMBIOS LIBERTÁRIOS NA FRANÇA E JAPÃO

Na memória e na história oficial “desapareceram” alguns dos importantes componentes revolucionários deste tempo. Direcionar a responsabilidade do “esquecimento” da história dos grupos revolucionários que não eram signatários de Sun Zhongshan aos próprios, por ser este um resultado natural da discrição das particularidades em prol de uma ação unificada, no caso

³⁶ Que também ficou conhecida no ocidente como *Sociedade Revolucionária Unida, Liga Unida* ou *Liga Revolucionária da China*.

³⁷ SCALAPINO, 1975

dos anarquistas é uma gafe imensurável. As inerentes disputas onde havia divergências ideológicas e, conseqüentemente, práticas entre as diferentes tendências que compunham a *Aliança Revolucionária* foram o motivo essencial. O parasitismo demonstrado pelas tendências social-democráticas fez com que sobressaíssem às demais expressões das outras sociedades, e mesmo populares. Os anarquistas, ao contrário, não se utilizaram do esforço conjunto para o auto-elogio, pois criaram a autonomia necessária à publicação de sua própria propaganda e ainda foram contribuintes ativos da radicalização do movimento revolucionário (mesmo que posteriormente, ao culminar da revolução, alguns componentes tenham cambiado para outra organização ou partido centralista), demonstrando estratégias e táticas imunes aos desvios moderados ou antidemocráticos. A derrubada da dinastia Qing em 1911 culminou com a conquista do poder pelos sociais democratas, que gradativamente alinhavam-se ao marxismo. A centralização da memória no protagonismo deste grupo, adornado de heroísmo, enfeixou todas as outras. O desenvolvimento republicano cristalizou esta “história harmônica” e a historiografia oficial, utilizando-se do materialismo histórico, do governo de Mao Zedong anos mais tarde ressaltou-a.

“Entre os que ofereciam críticas significativas aos Qing e apresentavam seus próprios programas políticos estavam os monarquistas constitucionais que seguiam a liderança de Kang Youwei, os nacionalistas influenciados por Liang Qichao, vários grupos anarquistas e marxistas, bem como se agrupavam na Aliança *Revolucionária dirigida por Sun Yat-sen* [Sun Zhongshan].”³⁸

Por outro lado, superando a dúvida sobre a existência de militantes anarquistas neste período, pois as provas documentais que se apresentam em diversas pesquisas são inquestionáveis (como a que aparece no trecho acima do precioso livro de Jonathan Spence *Em Busca da China Moderna*), atribuir o “esquecimento” à falta de participação dos anarquistas no campo da ação armada revolucionária é um erro ainda mais atroz. Talvez ainda não se tenha alcançado a dimensão real da atuação dos anarquistas neste âmbito, pelo próprio processo de espraiamento do limbo, mas as poucas provas existentes já são o suficiente para desconstruir esta afirmação. A propagação de material anarquista independente, jornais, periódicos e obras traduzidas, e a atuação dos anarquistas no interior da *Tong Meng Hui*, que de certa maneira se fez principal nos conteúdos do seu veículo de divulgação, o *Min bao*, e na

³⁸ SPENCE, 1996.

influência direta dos momentos em que se optou pela ação direta como tática dos levantes, são evidências claras.

Em 1899, Liang Qichao escreve um artigo para o boletim *Discussão*, comentando sobre a idéia do “socialismo libertário”. Em 1903, a palavra *wu-cheng-fu chu-i* (anarquismo) aparece pela primeira vez na China, através de um artigo publicado relatando elogiosamente as ações de anarquistas terroristas ocidentais. Neste mesmo ano aparece um panfleto editado por Zhang Ji³⁹, com a tradução de um texto de Erico Malatesta, “Anarchia”⁴⁰, que recebe o nome de *Wu-cheng-fu chu-i*⁴¹.

Em 1902, uma Missão Educacional Chinesa (MEC) é destinada a Paris com diversos estudantes interessados no aprendizado de ciências políticas, direito e economia. Dois estudantes de famílias renomadas chamados Li Shizeng (1881-1948) e Zhang Jingjiang (1877-1950) compunham esta missão. O primeiro era oriundo de Beijing, filho de Li Hung-Tsao, destacado funcionário do governo (morto em 1897), e o segundo veio da cidade de Naxun do estado de Zhejiang, filho de abastados comerciantes de Shanghai. Em toda a França o movimento operário encontrava-se em agitação, tendo à frente a *Confederação Geral dos Trabalhadores* (C.G.T.) de tendência anarco-sindicalista, e este fato impressiona os dois jovens chineses que nunca haviam escutado sobre uma organização sindical. Com esta inspiração Zhang Jingjiang resolve criar uma empresa de comercialização de produtos chineses em Paris⁴², a *Tung Yun*, oferecendo oportunidade a outros jovens de Zhejiang (e mais tarde, de outras regiões) que quisessem estudar autonomamente no estrangeiro. Sem as bolsas governamentais essas pessoas teriam de dividir seu tempo do estudo privado com o trabalho na empresa, o que garantiria o seu auto-financiamento. A proposta de Zhang era que o tempo de trabalho na empresa também pudesse ser dividido entre o estudo sobre anarquismo e organização operária. Em pouco tempo a demanda dos novos estudantes chineses tornou-se grande e em breve um restaurante e uma casa de chá chineses foram abertos pela “Companhia”⁴³. O interesse de Li Shizeng pelos temas importantes ao governo chinês logo

³⁹ Na obra de Robert A. Scalapino aparece a indicação de um outro nome pelo qual Zhang Ji era designado: Chang Pu-chuang (?).

⁴⁰ Publicado originalmente por Erico Malatesta em 1896. Este panfleto traduzido por Zhang Ji será divulgado novamente no jornal da *Tong Meng Hui*, em 1906.

⁴¹ BERNAL, 1968.

⁴² Pelo conteúdo da proposta, aparentemente a empresa funcionou em autogestão, mas não há informação detalhada.

⁴³ GENOFONTE, 10.11.2005. Neste mesmo artigo, comenta-se que Zhang teria mantido suas transações comerciais na base do suborno às autoridades alfandegárias chinesas, o que não era muito difícil, pois seu pai era um conhecido comerciante de Shanghai e, ainda, ao falecer deixou a ele uma herança polpuda.

minguou, e ao mesmo tempo em que começou a estudar biologia por própria conta, interessou-se pela literatura e militância libertária. Junto com Zhang, colegas desde 1901 na China, e os militantes anarquistas que se formavam na *Tung Yun*, participou da administração da empresa e da formação política coletiva. As atividades da empresa dos anarquistas chineses de Paris expandia e tornava-se referência nos círculos revolucionários internacionais.

Zhang era amigo pessoal de Sun Zhongshan, a quem prometeu apoio financeiro caso necessitasse⁴⁴ quando de um encontro em Londres em 1904. Nesta oportunidade, acompanhavam Sun o seu velho professor Dr. James Cantlie e um amigo chamado Wu Zhihui (1864-1954), a quem Zhang conheceu pela primeira vez. Lia já conhecia Wu desde 1902 durante uma viagem a França. Wu nasceu no estado de Jiangsu e recebeu em sua infância o ensino tradicional chinês, mas foi durante sua estada em Guangzhou e Tokio nos anos de 1901 e 1902 que tomou contato com o movimento revolucionário. Em 1906, Wu Zhihui, que já era formado em biologia, mudou-se para Paris a fim de estudar química. Ao conhecer o movimento que estava sendo alavancado por Li e Zhang, sensibilizado pelo anarco-sindicalismo e pelas teorias biológicas e sociais do anarquista Piotr Kropotkin, Wu resolve aderir.

Enquanto Zhang proporcionava a “capacidade criativa”, Li funcionava como “fermento intelectual”⁴⁵ e Wu e Chu eram as lideranças executoras do grupo. Este empenho e a perspectiva de que divulgar o ideal anarco-sindicalista e o anarquismo a poucas dezenas de compatriotas na França era insuficiente animou a todos para que se constituísse um veículo de discussão e propaganda. Aproveitou-se uma viagem de Zhang a sua terra natal em 1906 para a aquisição de uma prensa (*Imprimerie Chinoise*) especializada para a edição de escritos em língua chinesa em Singapura. Além disso, Zhang trouxe em sua companhia uma pessoa para trabalhar nesta prensa⁴⁶. No final de 1906, publicava-se a revista ilustrada *Shijie she* (Sociedade Mundial), que só teve dois números e um suplemento, e no ano seguinte o periódico *Xin Shi Ji (Novos Tempos)*⁴⁷, de clara inspiração na revista editada pelo anarco-sindicalista Jean Grave, *Les Temps Nouveaux*⁴⁸. Com estas atividades pioneiras eles ficaram conhecidos como o “Grupo de Paris”⁴⁹, e estiveram eles diretamente vinculados a *Tong Meng*

⁴⁴ SCALAPINO, 1975.

⁴⁵ PELLETIER, 1992.

⁴⁶ GENOFONTE, 10.11.2005.

⁴⁷ A tradução adotada pelo próprio grupo para o nome do periódico *Xin Shi Ji* em esperanto, ficara *La tempoj novaj*. Em algumas obras o título deste periódico é traduzido como *New Century* (em inglês) e *El Nuevo Siglo* (em espanhol) ou *Nova Era* (em português).

⁴⁸ Jean Grave (1854-1939) foi editor junto com Eliséé Reclus do periódico *Le Revolte*, em Paris. Tanto esta como a *Les Temps Nouveaux* divulgavam as idéias anarquistas de Piotr Kropotkin.

⁴⁹ SCALAPINO, 1975.

Hui e compuseram com outros grupos revolucionários a *She hui chu-i chiang-hsi-hui* (Sociedade para o Estudo do Socialismo)⁵⁰, formado pelos anarquistas chineses no Japão em 1907. Em 1907, organiza-se também a *Associação de Estudos Biológicos do Oriente Distante*, que possuía um laboratório ao lado da imprensa anarquista, com a presença de Li e um outro militante anarquista chamado Xia Jianzhong⁵¹.

“Após a fundação do Partido Socialista japonês, em 1906, o interesse chinês convergiu para um foco. Embora um partido socialista chinês só viesse a se organizar em 1911, já em 1907 o intelectual clássico chinês Jiang Kanghu, que lia o japonês, inglês, francês e alemão, começava o estudo científico do socialismo, Jiang fora conselheiro educacional de Yuan Shikai e era um ardente feminista. Em 1909, compareceu ao Congresso da Segunda Internacional, realizado em Bruxelas.

Outros chineses foram atraídos para o anarquismo, especificamente para as teorias de Bakunin e Kropotkin, que criticavam toda a estrutura de idéias da época sobre o Estado e enfatizavam o papel do indivíduo, o poder de transformação cultural e a importância da participação popular em todos os processos revolucionários. Um grupo de chineses residentes em Paris fundou a anarquista Sociedade Novo Mundo em 1906 e publicou o periódico *Nova Era* [Novos Tempos]. A maioria desses chineses estava ligada à Aliança Revolucionária de Sun Yat-sen [Sun Zhongshan] mas eram afortunados por ter sua própria fonte de capital, uma vez que um deles era dono de uma fábrica de coalho de feijão [dofu] e de um restaurante e casa de chá. Os objetivos dos anarquistas eram amplos e visionários: abolir a autoridade política e os militares; abolir todas as leis; abolir as distinções de classe e abolir a propriedade privada e o capital. Defendiam várias maneiras de avançar em direção à revolução: propaganda escrita, associações populares, greves, boicotes, levantes de massa e assassinatos quando comprometidos por compromisso moral. Um outro grupo anarquista chinês surgiu em Tóquio [Tokio] na mesma época, porém mais voltado para o fardo da mulher na sociedade tradicional e com uma posição antimodernista e agrária. O herói deles era Tolstói e levavam a sério o papel

⁵⁰ BERNAL, 1968.

⁵¹ SCALAPINO, 1975. No livro a referência do nome Xia Jianzhong (passada ao pinyin) aparece como Hsia Chien-chung.

do campesinato na revolução, discutindo tópicos como a vida comunitária no campo das possibilidades de combinar agricultura e indústria numa economia rural.⁵²

“The lives of Chinese students in Japan were greatly shaped by the tide of international and domestic conditions. In times of crisis, or when a crisis was perceived by students in general, even the bookworms or loafers or delinquents could become followers of the political activists. In 1903, about 500 students were brought into the revolutionary movement through the anti-Russian movement in Tokio. Some of the rallies in later years were able to mobilize thousands of students. The organizations among Chinese students first took the form of fraternal groups. A Chinese Student Union was organized in 1902 as a place for the gathering of students. As the number of students increased, “Associations of fellow-provincials” were gradually led to the influence of Liang Qichao, reformer organizations were more prominent at first, but the situation began to change after 1903 movement and clearly reversed around the founding of the Revolution Alliance in 1905 in Tokio and the publication of its organ *Minbao*. The students published books and journals on different sorts of topics, ranging from literary, political to academic, since 1900. The number of these publications increased rapidly under nationalistic and revolutionary atmosphere after 1903. Numerous works of social and political science from various western countries and Japan were translated into Chinese, among which were western works through their Japanese translated versions. Views on nationalism, revolution, constitutional monarchy, parliamentary democracy, socialism, anarchism were introduced and discussed in the student publication, but the main theme focused on how to save China from the aggression of the western imperialism. These books and journals were shipped back to China, usually via the treaty port Shanghai, and then smuggled to other cities in the country, and thus were able to exert great

⁵² SPENCE, 1996.

influence upon the development of nationalism and the revolutionary tide among local students in modern Chinese schools.”⁵³

Como demonstram os textos acima (um deles, um dos poucos trechos do livro de Jonathan Spence que aponta para a presença de anarquistas no processo revolucionário anterior a 1911 na China), quase no mesmo momento que se formava em Paris um núcleo libertário, a ideologia anarquista também se fazia presente no Japão, mas com características diferenciadas. Oriundo de família renomada, de proprietários de terra e acadêmicos de Hubei, Zhang Ji foi um dos primeiros estudantes chineses no Japão em 1900, estudou ciências políticas e economia na Universidade de Waseda. Em pouco tempo de sua estada no Japão já se considerava parte do movimento revolucionário. Neste tempo, a amizade com os socialistas libertários japoneses aproximou-o da proposta anarquista. Zhang Ji, em 1905, integrou-se a *Tong Meng Hui* logo em sua fundação.

Liu Shiwei (1884-1919)⁵⁴, descendente de uma classe de acadêmicos, tentou trilhar o mesmo caminho (em 1903 chegou a passar pelo exame *juren*), mas frustrou-se. Em 1904, Liu associou-se à *Guang Fu Hui* (Sociedade para o Restabelecimento)⁵⁵ em Shanghai. Em 1906, Liu viajou com sua mulher, He Zhe, para o Japão.

Boa parte dos estudantes japoneses de tendência revolucionária interessava-se pela atuação dos populistas, anarquistas e nihilistas russos deste período⁵⁶, que obtinham ótimos avanços sobre a elite czarista em seu país. Algumas obras incrementaram a formação desta juventude que se declararia anarquista: a tradução feita por Chin I (Chin Sug-ts'en) do livro *Kinsei museifu shugi* (O Anarquismo Moderno), editada em língua chinesa em 1904 sob o título de *Wu-cheng-fu chu-i* (O Anarquismo)⁵⁷. O contato de Liu Shiwei com o ideal anarquista motivou-o a estabelecer, em agosto de 1907, junto com seu um companheiro libertário chamado Zhang Ji, a *She-hui chu-i chiang-hsi-hui* (Sociedade para o Estudo do Socialismo). Em um momento ímpar, os dois convidaram o anarquista japonês Kotoku Shusui para que discursasse na fundação da Sociedade. Na oportunidade, Liu Shiwei proclamou que o intuito da organização

⁵³ YING-YUE, 2002.

⁵⁴ Muito conhecido também como Liu Shen Shu, ou apenas Shen Shu.

⁵⁵ No livro de SCALAPINO (1975) a *Sociedade para o Restabelecimento* e chamada de *Sociedade Patriótica*.

⁵⁶ BERNAL, 1968.

⁵⁷ Em uma outra edição, que ficou mais conhecida, esta obra recebeu o nome de *Tzu-yu hsüeh* (Sangue da Liberdade).

“não era o mero estudo do socialismo, se não a prática do anarquismo”⁵⁸. Segundo historiadores, o evento contou com aproximadamente noventa pessoas.

Em 1907, antes da criação da *She-hui chu-i chiang-hsi-hui*, por iniciativa de He Zhen é editado o *Tianyi bao* (Jornal da Justiça Perfeita), o primeiro periódico anarquista editado na Ásia. He Zhen empenha-se na defesa de um feminismo radical, “representando o mais profundo interesse por valores da igualdade humana e liberdade”⁵⁹. Um outro periódico anarquista, do qual não se tem muita informação, *Heng bao* (Reflexão)⁶⁰ também é editado a partir de 1907. Liu Shippei professa nas páginas do *Tianyi bao* o ideal anarco-comunista (*kung-ch’an chu-i*), ou comunitarista, com óbvia influência dos conceitos libertários de Tolstói e Kropotkin. Diferente dos conceitos formulados pelos signatários de Sun Zhongzhan, para os quais o “socialismo” (*she-hui chu-i*) estava próximo de “bem-estar das massas” (*min-sheng chu-i*) e coletivismo (*chi-chüan chu-i*) significava “nacionalização” (*min-tsu chu-i*) e “social democracia” (*min-tsu chu-i*), para o grupo de Tokio estes conceitos eram parelhos ao “comunismo igualitarista” (*kung-ch’na chün-fu chu-i*). Além disso, o conceito de “independência” era levado por estes anarquistas radicalmente à questão individualista (entenda-se o individualismo discutido em uma sociedade que tem por preceito básico o confucionismo, o hierarquismo), ao qual se agregavam as idéias de dignidade humana, autonomia, privacidade (como uma forma de reconhecimento das particularidades, participação, em um mundo público e não de isolamento) e auto-desenvolvimento, ou auto-realização.

Observando o conteúdo do *Tianyi bao*, em primeiro lugar, pode-se compreender a diferença das expressões dos anarquistas chineses no Japão e os anarquistas chineses na França. Não apenas pela questão geográfica, a especificidade do anarquismo daqueles militantes que estavam no Japão levou os historiadores a denominá-los de “Grupo de Tokio”⁶¹. Tanto a idéia de solidariedade de classe e o estudo e trabalho frugal estabelecido pelo “Grupo de Paris”, como as discussões sobre feminismo, coletivismo e autonomia do “Grupo de Tokio” terão imensa repercussão na China, foram conteúdo das reivindicações dos movimentos sociais pós-revolução de 1911 e dos debates para a formação dos parâmetros educacionais adotados na China nas décadas seguintes.

⁵⁸ SCALAPINO, 1975.

⁵⁹ Ole P. Fossgård é estudante PhD da Universidade de Oslo, integrante do Institutt for Kulturstudier og Orientalske Språk (IKOS) [Instituto de Estudos Culturais e Lingüísticos Orientais] da Universidade de Oslo. Obra publicada: FOSSGÅRD, Ole P. *The Creation of a Modern Chinese National Identity: Sun Yat-sen’s Discourse on Race and Nation*. Hovedoppgave, Universitetet i Oslo, 2002.

⁶⁰ No livro de Robert Scalapino, *El Movimiento Anarquista em China* (19169), traduz o nome do periódico como *Medida*.

⁶¹ PELLETIER, 1992.

O jovem revolucionário Zhang Binglin⁶², por sua proximidade com Wu Zihui (desde 1903⁶³), Liu Shipei, He Zhen e Zhang Ji, tornou-se simpático ao anarquismo a partir de 1906. Nesta época ele havia retornado da prisão em Shangai ao Japão e, imediatamente, assumiu a posição de editor do jornal da *Tong Meng Hui*, o *Min bao*, enfraquecendo a influencia de Sun e seus apoiadores de Guangzhou. O *Min bao* passou a destinar seções para a divulgação do anarquismo.

“Cria pensões e envia jovens ao estrangeiro, principalmente ao Japão. Os que regressam do Micado de Mitsuhiro, já são revolucionários.”⁶⁴

Em consequência dos fatos, o Japão tornou-se a matriz da formação dos revolucionários chineses. Dentre outras atividades, os integrantes do movimento revolucionário, inclusos os anarquistas influenciados pelo “grupo de Tóquio”, dedicaram-se à constituição de uma estrutura de intercâmbio de estudantes chineses e alojamentos, como aponta o texto acima. Muitas das sociedades secretas instaladas no país atuavam dentro das instituições governamentais sob a fachada de grupos de estudo e de solidariedade, e através delas recrutavam a militância. Todavia, ao tomar conhecimento da agitação dos jovens chineses no Japão, as autoridades do país agiram com forte repressão. No final de 1907, Zhang Ji deixa o Japão para trasladar-se à França. No ano seguinte, na companhia de um amigo que também havia fugido do Japão, Zhu Minyi, Zhang Ji entrou em contato com os anarquistas em Paris, com quem passou a atuar. Em 1908, o *Min bao* e os dois jornais anarquistas *Tianyi bao* e *Hen bao* tiveram de encerrar suas edições por perseguição do governo japonês. De qualquer modo, a partir do vigésimo número o *Min bao* passou a ser publicado secretamente e, umas edições à diante, em 1909, o grupo editorial anarquista do *Xin Shi Ji* responsabilizou-se pela publicação deste jornal. Por conta da repressão, Liu Shipei e He Zhe, retornaram a Shanghai. Neste retorno, He Zhe é presa, torturada pela polícia da *Concessão Internacional de Shanghai*, forçada a informar sobre as atividades da *Tong Meng Hui*, e morta. Liu Shipei foge, em exílio. Posteriormente, em 1916, na oportunidade em que o amigo e militante revolucionário Cai Yuanpei assume a presidência da Universidade de Beijing, Liu é chamado para ocupar uma cátedra.

⁶² Também conhecido como Zhang Taiyan.

⁶³ SCALAPINO, 1975.

⁶⁴ Sheng Cheng (1899-1996) editou uma obra, citada abaixo, que poderia conter algumas informações importantes sobre os anarquistas chineses, mas esta não foi encontrada para se ter confirmação. CHENG, Tcheng [Sheng Cheng], *Le Mouvement des étudiants-ouvriers chinois en France*, La Politique de Pékin, n° 38, 1931.

Abrindo um parêntese, uma questão que muito se estranha na pesquisa sobre a biografia de He Zhen é a ocorrência da acusação (que em nenhum momento é comprovada por algum discurso ou qualquer tipo de fonte) de que ela (e, inclusive, Liu Shipei) estaria atuando como espiã do governo Qing ou da polícia *Concessão Internacional de Shanghai*. Alega-se que a delação feita por ela teria esta razão. Os historiadores Robert A. Scalapino e Huiying Liu⁶⁵ citam este fato, mas através de suas palavras percebe-se grande contradição. Enquanto ele e outros historiadores reforçam a tese de a ideologia e militância anarca-feminista provocaram grandes transformações por influência direta no movimento político da época, de repente ela se torna uma vilã desprezível. Entretanto, por que ela foi torturada e depois assassinada, como é relatado? Por que ela teria de ser torturada para denunciar as atividades revolucionárias? Não se pretende aqui estabelecer o julgamento deste fato, pois o contraponto também necessita de alguma fonte historiográfica na qual se apegar. Mas desprovendo-se da tentativa de construir uma teoria da conspiração, o simples fato de ter He Zhen se identificado com a causa anarquista, parece ter sido o motivo de sua desgraça e o fator que contribuiu para o lançamento de sua reputação ao limbo.

Ademais, o estranhamento aumenta quando se analisa a biografia de uma feminista contemporânea a He Zhen e com trajetória aparentemente menos radical do que a dela. Qiu Jin (1875-1907) tornou-se mártir da defesa dos direitos das mulheres na China, após ter sido torturada e morta pelo governo Qing. Em 1907, seu primo Hsu Hsi-lin, que atuava com ela nas atividades revolucionárias de uma sociedade secreta, foi preso após o atentado contra um oficial Qing, torturado e forçado à confissão das atividades de seu grupo e do nome dos integrantes. Qiu Jin viajara ao Japão a estudos em 1903, posteriormente participou da publicação de uma revista feminista e envolveu-se na luta anti-manchu e nacionalista, mas foi interrompida pela repressão governamental. Nem por isso Hsu Hsi-lin foi considerado espião pela história e Qiu Jin não foi suspeita de apoiar os manchus.

O mesmo Robert A. Scalapino também não explica muito bem quais foram os motivos do rompimento de relações de Liu Shipei com Zhang Binglin, apenas cita-o. Aliás, a passagem estranha e repentina de Zhang Binglin, que, vale atentar, recém havia saído da prisão, de Shanghai, entre os círculos anarquistas e da *Tung Men Hui* e seu ódio virulento a Sun Zhongshan (que nesta época ainda tinha grande estima de alguns anarquistas e de futuros simpatizantes do anarquismo como Wang Jingwei, Hu Hanmin e Chu Chi-hsin, com quem ele, inclusive, disputou o poder da direção do *Min Bao*) são indícios no mínimo interessantes. Com o

⁶⁵ LIU, 2003.

acirramento das divergências com Sun, Zhang teria forçado o isolamento da sociedade secreta da qual ele fazia parte, a *Guangfu Hui*⁶⁶, da *Tung Men Hui*. Enquanto Li Shipei afastou-se da militância política (por trauma da morte de sua esposa ou por medo da repressão), enquanto Zhang passou a gozar de mais prestígio. Em 1913, enquanto os setores mais radicais se colocavam contra o poder dos velhos constitucionistas, ele foi nomeado conselheiro de Yuan Shikai. Passaram-se alguns meses desta nomeação e Zhang envolveu-se no assassinato de um revolucionário do grupo de Sun Zhongshan, Song Jiaoren. Preso mais uma vez, Zhang só foi libertado em 1916, após a morte de Yuan Shikai. Zhang Bingling poderia ter plantado esta versão junto aos militantes próximos, como Cai Yuanpei, líder da *Guangfu Hui*, ou ele mesmo teria sido o delator, e/ou ainda teria ocorrido o uso de He Zhen como bode-expiatório? A pesquisa é instigante e as lacunas não inúmeras, valeria uma melhor dedicação.

Enfim, a movimentação revolucionária externa resultou também no surgimento de grupos anarquistas no interior da China. Um círculo muito maior do que outras tendências de militantes chegou a identificar-se com o anarquismo⁶⁷. Liu Shifu⁶⁸ (1884-1915) foi um dos primeiros a introduzir na China o periódico anarquista *Xin Shi Ji*. Estudante do ensino clássico chinês, natural do estado de Guandong, interessou-se pela proposta revolucionária. Decidiu completar seus estudos no Japão em 1904, tendo participado no ano seguinte da fundação da *Tong Meng Hui*. Informado de que a *Tung Meng Hui* organizaria um levante em Guangzhou na China, em 1906, Shifu retorna ao país para atuar com o grupo. Entretanto, ao aportar em Hongcong, decidiu que sua contribuição ao levante será promovendo o assassinato do governador ou do comandante naval de Guangzhou. O atentado não obteve êxito, pois a bomba montada para explodir nas mãos de Li Chun (o comandante naval), explodiu com seu companheiro na ação e Shifu terminou preso por três anos.

Durante o tempo de prisão, Shifu, que já havia tomado contato com as idéias de Bakunin e Kropotkin quando esteve no Japão, identificou-se com o anarquismo. Em 1909, posto em liberdade, ele regressou a Hongcong onde participou diretamente da organização do famoso periódico *Ping Ming* e se juntou a outros militantes que resolvem organizar um grupo terrorista dedicado ao assassinato revolucionário, sem vínculo com a *Tung Meng Hui*. Eram bastantes os

⁶⁶ A mesma sociedade de que a mártir feminista Qiu Jin fez parte.

⁶⁷ SCALAPINO, 1975.

⁶⁸ "Originally he was Liu Shabin, the name his parents gave him. When as a teenager he began to regard himself as a reformer, he used the name Liu Sifu, 'thinking of restoration[of Han people]'. When he became an anarchist he called himself Shifu, 'to teach renewal'. With the last change he stopped using his family name in order to comply with his anarchist principles; among other things he sought to change the family system. For this last period in his life it is correct to call him "Liu" or "Sifu", and will adopt these usages in all that follows." (KREBS, 1998)

anarquistas ligados à proposta de organização terrorista revolucionária. Depois da tentativa de promover o assassinato do príncipe regente junto com outro militante anarquista Wang Jingwei⁶⁹, ele passa a viver em Shanghai, acreditando ser um local perfeito para a disseminação de atividades subversivas. A militância declaradamente anarquista, às vésperas da Revolução de 1911, fornecia mais subsídios para o desfecho esperado pelo povo, “os assassinatos e as ‘ações diretas’ estavam na ordem do dia”⁷⁰.

2.5. ATÉ A REVOLUÇÃO DE 1911

“A minha mãe está entre dois fogos.

Quer seguir a tradição como os avós e deixar-nos caminhar, seguir o caminho do futuro.

Quantas cenas familiares se passaram nessa época de transição para nos libertarmos das mãos da tradição.

O meu irmão Lien chora!

As lágrimas eram a sua única arma de conquista para a liberdade e o progresso.

Eu, menino terrível, escolho armas de conquista mais revolucionárias.

Vou diariamente ao templo de Confúcio oferecer-lhe as minhas injúrias.

Mais tarde irei a todos os templos. Organizo o exército do barulho.

Destruímos, a pretexto de desenraizar a tradição, os templos búdicos e civis.

Os pobres monges estão loucos.

⁶⁹ SCALAPINO, 1968.

⁷⁰ *Ibid.*

Não conseguem queixar-se contra nós diante de um tribunal.

Vê avó! Desta forma desaba a tradição.

(...)

Indústria, comércio, instrução, exército. Principalmente o exército. Todas as coisas denotavam progresso. Havia mesmo quem afirmasse que a China devia ser elevada até o nível das grandes potências.

A imperatriz poderia ter desenvolvido o raro e desconhecido gênio chinês se tivesse trabalhando no interesse do país.

Porém a avó voluptuosa da China tinha morrido e era necessário chorá-la. Toda a China se vestiu de luto, luto nacional.

(...)

Todos choram segundo a sua posição. Os animais dançam no meio da cerimônia.

Tomam o luto a sério porque vão desaparecer com o império, enquanto nós, os novos, não queremos mais filas de chorões.”⁷¹

Mais do que uma revolução política, de transformação da estrutura imperial para a republicana (até porque a transformação anunciada concretizou-se somente anos mais tarde, depois de muitas rebeliões e disputas), a Revolução de 1911 foi o marco de uma revolução social na China, com a quebra de um modelo educacional secular, de valores religiosos, da maioria dos costumes familiares e reorientação do trabalho e da ocupação do espaço geográfico. Talvez para a macro-história, 1911 signifique o enclave da transição de uma China Moderna para uma China Contemporânea, imersa nos intercâmbios globais, militares, políticos e econômicos.

O setor que lutava prioritariamente para derrubar o poder monárquico instituído e instaurar a república democrática e a soberania nacional frente às potências estrangeiras, desde 1904, pelo menos, intensifica suas ações. As sociedades secretas, unidas a *Tung Men*

⁷¹ CHENG, 1945.

Hui, são o foco da agitação social e a articulação de uma rebelião armada, com o assassinato das figuras centrais do governo Qing, é tática para a ruína do império. A formação de sociedades literárias, de estudos ou de solidariedade era uma estratégia para a infiltração em algumas das estruturas de controle governamental, como bem funcionou para a infiltração de militantes revolucionários no *Exército Novo*, que proporcionou o aprendizado militar, fabricação de bombas e explosivos, o convencimento de componentes daquela instituição para a causa revolucionária, etc. O número de integrados à *Tung Men Hui* em 1905 que era de quase quatrocentos militantes, em 1911 já são cerca de 10 mil. Entre 1906 e 1908 uma série de levantes e atentados contra o governo ocorrerá em Hunan, Yunnan, Anhui, Guanxi e Guandong.

O governo manchu era ameaçado pelos grupos revolucionários. Contudo, a conjuntura não o favorecia, pois se encontrava sem forças para a reação e sem o apoio estrangeiro – pois nesse momento a Rússia enfrentava uma avassaladora onda revolucionária contra o poder czarista (movimentação que também serviu de inspiração para os chineses), o governo japonês entretinha-se na guerra contra os exércitos russos e as potências ocidentais já estavam assentadas sobre seus protetorados e não consideraram que os novos movimentos sociais ofereceriam ameaça ao comércio e às relações internacionais (em alguns casos, até consideraram-nos positivos, por serem encabeçados por uma classe burguesa e modernizante). Por outro lado, o império Qing, desde os insucessos da guerra sino-japonesa, contra a invasão russa e na contensão do *Movimento Yihetuan*, é caracterizado pela maior participação da ala adepta ao reformismo. Na década de 1890, mandarins e governadores locais começavam a apreciar o sistema presidencial e congressual americano, pelo poderio do estado francês em sua expansão internacional, o poderio industrial e militar alemão e a mescla parlamentar e imperial japonesa, que em menos de vinte anos fez o país conquistar alto desenvolvimento econômico, industrial e de seu exército e marinha. Para elevar o conhecimento sobre as estruturas de funcionamento governamentais destas potências, a imperatriz Cixi formou em 1905 um pequeno grupo de estudos de cinco príncipes e funcionários – três manchus e dois chineses – para visitar estes países e finalizar com um parecer sobre o que poderia ser reproduzido. Em 1906, a comitiva retorna à China com a recomendação que se programasse uma reforma constitucional e sugere o Japão como modelo, pois ali a família real manteve-se no poder. Alguns governadores, informados da breve preparação de uma Constituição, preparam seus estados para a reorganização, formulando propostas de uma rede de governos locais, planos escolares, política urbana e arrecadação de fundos. Em 1905, o sistema de exames estatais foi abolido, permitindo que os cargos públicos passassem a ser ocupados pela

crescente elite econômica. O Departamento de Assuntos Governamentais, criado neste mesmo ano, já estimulava a divisão administrativa dos *xian* (condados) em instâncias menores, comunitárias, o que substituiria o poder local dos magistrados, inoperante. Em alguns estados as eleições para formação de Conselhos são autorizadas pelo governo.

Em 1908, a corte anuncia o estabelecimento da monarquia constitucional, publicando os “Princípios Gerais da Constituição”, com prazo de preparação de nove anos, para a formação de uma estrutura parlamentar, orçamentária, militar, de política externa e poder judiciário e sistema de governo eleito em âmbito central, provincial e local. A morte da imperatriz Cixi e Guanxu neste mesmo ano em nada modificou os planos. A regência manchu, formada até que se desse a maioria do imperador Puyi, com três anos de idade, e fosse convocado o parlamento e o gabinete central, levou a reforma constitucional em passos lentos. Os representantes regionais se reuniram em Shanghai e organizaram a *Associação de Peticionários pela Convocação do Parlamento*. Em 1910 este grupo foi a Beijing para pressionar, sendo aprovada a instalação da Assembléia Consultiva Geral, que elegeria os deputados. Um ano depois os deputados e os governadores estaduais pressionam pela convocação e início dos trabalhos do Parlamento.

A convocação do Parlamento finalizou-se com a nomeação da aristocracia manchu e membros da família imperial como maioria. Reformistas representantes das assembléias consultivas propuseram a dissolução deste parlamento, “gabinete imperial”, pois consideraram que a articulação constitucional foi uma farsa. A corte manchu esperava que a luta contra os revolucionários conseguiria sensibilizar os reformistas e estas discussões seria postergadas, todavia, não foi o que ocorreu. A cisão entre estes grupos enfraqueceu o império e em poucos meses as rebeliões, algumas delas já contada com o apoio dos reformistas (forte colaboração do *Exército Novo*), mas com imenso efetivo de trabalhadores, camponeses e populares, conquistaram a derrubada. As mortes nos motins, greves, boicotes, foram muitas principalmente no *Levante de Chengdu*, registrado na história das elites como “Massacre de Chengdu”, e no *Levante de Wuchang*, que ficou conhecido como a “Revolução de 1911”, fruto da radicalização importante para o alcance dos seus objetivos.

A parte social democrata dos revolucionários cessou as rebeliões logo após a derrubada do Império e passou a ocupar assembléias regionais e os postos de soldados e oficiais do *Exército Novo* e se dedicar à constituição do novo governo republicano. Em muitas regiões o poder foi ocupado por velhos burocratas e constitucionalistas e o poder central também seguia este caminho, pois os levantes e a *Tung Men Hui* não haviam constituído força para a indicação

de grandes lideranças que competentemente ocupariam os cargos de governo. Justamente, grande parte do movimento revolucionário provavelmente reusou este tipo de construção, principalmente a que era composta por anarquistas.

A dedicação conjunta entre velhos constitucionalistas e sociais democratas foi neste momento também à manutenção da ordem e contenção do movimento popular. Nos distritos vizinhos a Shanghai, que havia declarado independência, movimentos camponeses intensificaram suas ações contra o poder tradicional; trabalhadores da *Fábrica de Maquinaria de Shanghai*⁷² organizaram uma *Sociedade de Manufatureiros*, que foi violentamente reprimida pelo governador militar da localidade, membro da *Tung Men Hui*; o *movimento de recuperação dos direitos*⁷³ foi dissolvido em Sechuan; o *Exército Novo* se pôs a controlar e massacrar o movimento popular que continuava em insurgência em Wuchang; etc. A *Tung Men Hui*, que se desmoralizou perante os movimentos populares, dissolveu-se ao integrar-se ao governo.

⁷² IMPRESSO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 1980.

⁷³ SPENCE, 1996. Movimento em favor da recuperação e continuação da abertura de linhas férreas na China, que, além de manifestações, organizou a arrecadação de fundos na compra de apólices pelos chineses e assim se pudesse comprar de volta o direito das ferrovias de investidores estrangeiros e recuperar o controle sobre o sistema de transportes.

3. CAPÍTULO 3: A REVOLUÇÃO QUE NÃO FOI E A RADICALIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA (1912-1919)

Yuan Shikai, velho militar constitucionalista, governador do estado de Jili e chefe do *Exército Novo*, que já havia sido nomeado pelo “gabinete imperial” como Primeiro Ministro e possuía enorme afinidade com as forças imperialistas, foi designado por uma assembléia composta por representantes estaduais em 1º de dezembro de 1911 como o Presidente Provisional de sua confiança. No final do mês de dezembro desse ano, um representante do *exército revolucionário* (parte da antiga *Tung Men Hui*) e um representante do *Exército Novo*, liderado por Yuan Shikai, sob a mediação de cônsules dos EUA, Inglaterra, Rússia, França e Japão, reúnem-se em Shanghai para planejar a conciliação com as potências estrangeiras e o controle da agitação que ainda pairava em todas as partes. As potências estrangeiras também já haviam elegido Yuan Shikai como o ideal para a ocupação da presidência republicana, mas os sociais democratas se movimentaram para colocar alguém de sua representação. Em 1º de janeiro de 1912 Sun Zhongshan, escolhido como presidente, declarou a fundação da República da China, Li Yuan-jung como vice-presidente e aprovou nove correligionários para a composição do Governo Provisional de Nanjing. Instaurava-se um regime republicano, democrático burguês e a favor do desenvolvimento industrial e capitalista.

Vários fatores contribuíram para que este poder social-democrático geral não se sustentasse. A *Tung Men Hui* se esfarelou como meio de ação revolucionária para aqueles que se incorporaram ao governo, os velhos constitucionalistas haviam se infiltrado nas fileiras militantes revolucionárias, minando sua força e sabotando suas ações facilmente, a descrença do exterior na capacidade de Sun Zhongshan e seu exército em unificar a sociedade chinesa em prol da “democracia” e a confiança plena em Yuan Shikai foram pontos-chave para a renúncia dos sociais democratas em pouco mais de vinte dias depois da proclamação da república. Em 26 de janeiro de 1912, Yuan Shikai assumiu a presidência, que em poucos

meses maquinou-se como ditadura, com poderes modernos e política longinquamente mais articulada do que durante a dinastia Qing. Os sociais democratas não estavam no centro do Estado, mas, de certa forma, conquistaram uma boa fatia da administração pública da China, a maioria dos governos regionais do sul estavam em suas mãos, enquanto o poder sobre os estados do norte estavam sobre domínio dos “caudilhos militares”⁷⁴. Em abril de 1912, o Senado Provisional, que foi transferido para Nanjing, retornou a Beijing e começou a executar as funções e poderes parlamentares.

A disputa parlamentar foi estabelecida entre a *Tung Men Hui*, que saiu da clandestinidade em 1911, e o *Partido Republicano*, criado em maio de 1912 e composto por alguns desertores da antiga sociedade revolucionária e ex-membros de vários pequenos partidos e organizações constitucionalistas (com estes últimos na liderança do partido). A *Constituição Provisional* e o funcionamento do *Gabinete de Ação Limitada (GAL)*⁷⁵ limitavam a atuação de Yuan Shikai e reforçavam o uso destes instrumentos políticos era a grande ambição dos líderes da *Tung Men Hui*. Em agosto de 1912, com a *Tung Men Hui* à frente e a direção de Sun Zhongshan, é criado o *Guomindang* (Partido Nacionalista), contando com membros da antiga sociedade revolucionária, alguns constitucionalistas e velhos burocratas e com o seguinte programa político básico: 1. *impulsionar a unificação política*; 2. *desenvolver a autonomia local*; 3. *praticar a assimilação étnica*; 4. *ter atenção com a vida do povo*; 5. *manter a paz internacional*⁷⁶.

Enfim, a revolução que despontou no horizonte e nos corações da população oprimida, parecia desfazer-se no ar. O excêntrico reconhecimento do imperador Puyi, que já havia sido deposto do poder, com o título de honra como soberano, pagamento de 4 milhões de *yuanes* por ano e a permissão de que continuasse vivendo no Palácio Imperial marcou a imensa nostalgia.

3.1. TÁTICAS TRADICIONAIS E AS MANIFESTAÇÕES MODERNAS

As coisas se transformam, mas tudo continua no mesmo lugar. Esta afirmação serve bem para representar o quadro geral da China no momento em que se instaurou o sistema republicano. Abstraindo a configuração dos poderes autoritários, para a causa revolucionária,

⁷⁴ IMPRESSO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 1980.

⁷⁵ *Ibid.*

⁷⁶ *Ibid.*

felizmente, o quadro geral também continuava exatamente igual: as sociedades secretas e as rebeliões populares permaneciam, com algumas baixas, entretanto, de acordo com a intensidade do entreguismo ao estrangeiro, dos privilégios, da exploração e da repressão, aumentava o contingente rebelde.

Aparecem algumas inovações no âmbito da política estatal com a formação de partidos políticos, mas algumas novidades também ocorreram nas expressões populares e revolucionárias surgidas ou remanescentes. Enquanto o grupo de Sun Zhongshan acredita cegamente na via parlamentar, florescem jornais e materiais de propaganda do povo, crescem as associações estudantis e surgem os primeiros sindicatos de trabalhadores. A fundação do *Guomindang* inaugurou a retirada de algumas das propostas mais radicais concretizadas no período de ouro da aliança entre as sociedades revolucionárias: a reforma agrária e a igualdade entre os sexos. Visualizou-se também a dificuldade de atuação parlamentar com os componentes deste partido, que tinha postura bastante conciliadora com o governo de Yuan Shikai. Além disso, os componentes mais radicais do partido foram perseguidos pelo governo.

Yuan Shikai em seu governo ditatorial retornava com alguns aspectos da cultura oficial da época do império, cerimônias religiosas e formalidades políticas, assumindo vagarosamente a capa de imperador. Através das maquinações políticas com a assembléia geral e o parlamento, ao final de 1915, coloca-se em votação a proposta de retorno do antigo regime, com Yuan como imperador, que é aprovada unanimemente. Porém, após a instauração boa parte dos antigos constitucionalistas e apoiadores de Yuan abandonam-no. Em todos os estados acontecem protestos populares e governamentais. Yuan Shikai e seus correligionários reagiram às hostilidades, mas, contando com pouco poder de repressão nos estados e a abstenção ocidental frente a estes fatos, a iniciativa iria por água abaixo. Pressionado e desiludido Yuan Shikai falece em meados de 1916. O anacronismo da proposta de restauração imperial retorna em exato um ano encabeçada pelo general Zhang Xun. Em 1917, irrompe-se um golpe militar ao governo de Li Yuanhong, o vice-presidente. Li, forte aliado dos velhos revolucionários, se esforçava pela conciliação entre o governo nacional e os estados, a reativação do parlamento (que se encontrava por dois anos propositalmente paralisado) e as negociações com as potências estrangeiras, mas não teve sustentação suficiente para agüentar qualquer tipo de pressão. A intervenção de outros generais, fez com que o golpe ruísse, entretanto, a partir destes fatos os militares assumem o controle do governo, deixando de lado o sistema democrático e apenas administrando os conflitos surgidos entre si. O tempo em que os generais estiveram no poder ficou conhecido como a era dos “senhores guerreiros”.

Em 1913, Sun e outros políticos foram o *Gemindang* (Partido Revolucionário), fundado oficialmente em 1914 em Tóquio. O *Gemindang*, em seu primeiro manifesto, declara que “os seus companheiros no exílio estavam ‘desestimulados’ e que ‘o espírito e a organização revolucionários de vinte anos estão quase sem alento’, mas afirmava que o novo partido restauraria o ímpeto revolucionário”⁷⁷. Afastado como estava do movimento revolucionário real, achava mesmo Sun que estes não se encontravam ativos. Estariam mais se não fossem as ambições da governança traidora, sua aliada. Sem a capa do nacionalismo e tendo adquirido experiência com as traições, na segunda década do século 20 o movimento buscou a almejada revolução e caracterizou-se por grande nível ideológico e organizacional anárquico. As agitações que culminaram em 1919 com uma grande manifestação e diversos conflitos foram as provas destas expressões sinceras.

3.2. ASSOCIAÇÕES DE CLASSE, SOCIEDADES SECRETAS E MOVIMENTO ESTUDANTIL E OPERÁRIO - EXPRESSÕES ANARQUISTAS

“Estes estão agora reunidos em sociedades e sindicatos em que debatem em conjunto os grandes problemas do país. Organizam reuniões e manifestações em que frequentemente não hesitam em tomar posições contra as autoridades. Por vezes, também, organizam greves. Em alguns meses, se não semanas transformam-se numa força viva na China. Entre outras manifestações, estabeleceram o costume de comemorar, todos os anos, à sua maneira, a aceitação das ‘Vinte e uma exigências’ japonesas por Yuan Che-kai [Yuan Shikai] – o que consideram o cúmulo da humilhação nacional.”⁷⁸

Em 1912, ao mesmo tempo que os políticos da *Tung Men Hui* disputam um lugar ao sol no parlamento recém implantado, Liu Shifu e outros militantes revolucionários, libertários, editam o periódico *Hui-ming Hsueh-she* (Galos que cantam na escuridão)⁷⁹, que mas tarde

⁷⁷ SPENCE, 1996.

⁷⁸ KRIEG, 1951.

⁷⁹ Na obra de Stuart Christie *The Origins of the Anarchist Movement in China* (1969) a tradução para o nome deste periódico é *Cock crying in the darkness* e em *El Movimiento anarquista en China* (1968) de Robert A. Scalapino é chamado de *Sociedade dos Gallos que Cantan em la Oscurdad*.

mudou de nome para *Ming Shen* (Voz do Povo)⁸⁰. Este periódico e a sociedade de militantes que estava associada à publicação serviram de fator de agitação da classe operária, incentivando a organização de sociedades e federações de trabalhadores. Parte do conteúdo estava vinculada às denúncias de traição por parte do Guomindang e dos integrantes da velha guarda revolucionária que se deixaram levar pela oportunidade. Durante os três anos seguintes, até a sua morte aos vinte e nove anos de idade, Shifu foi um dos grandes propulsores do ativismo político desta década.

Em 1913, Shifu e outros camaradas criaram a *Xin she* (Sociedade do Coração) também em Guangzhou, no estilo das sociedades secretas tradicionais, com sério regimento interno e acordo leal entre os componentes:

“1. não se podia comer carne; 2. não se podia beber bebidas alcoólicas nem licores; 3. não se podia fumar; 4. não se podia possuir empregados; 5. não se podia contrair matrimônio; 6. não se podia usar o nome de família; 7. não se podiam aceitar cargos do governo; 8. não se podia andar em cadeirinhas ou riquixás; 9. não se podia afiliar a partidos políticos; 10. não se podia alistar-se ao exército nem à marinha; 11. não se podia aceitar a religião.”⁸¹

Dois dos anarquistas de Paris, Wu Zihui, Li Shizeng, Zhang Ji, após a Revolução de 1911 retornaram à China para trabalhar com o contexto do novo regime republicano, reativando a *Shijie she* (Sociedade Mundial), fundada originalmente em 1906 em Paris. O “grupo de Paris” continuava ativo e nesta época fundou a *Jing De Hui* (Sociedade para o Avanço Moral), por Wu Zihui, Li Shizeng, Zhang Ji e Wang Jingwei, de ideologia anarquista. Esta sociedade era uma mescla do modelo tradicional das sociedades secretas chinesas e, não por coincidência, com o federalismo especificista dos anarquistas franceses, sem cargos de representação prolongada e presidência, sem um regulamento rígido, pois o ponto de partida era o compromisso ético estabelecido entre os membros, com divisão de responsabilidades e atribuições diferenciadas a cada tipo de membro: os “membros de apoio” concordavam em não visitarem prostitutas nem jogarem jogos de azar; os “membros gerais” agregavam a isso o compromisso de não terem concubinas. Entre os que compunham o grupo de “membros gerais”, havia o compromissos

⁸⁰ Este jornal possuiu a sua versão em esperanto que se denominou *La voco de la Popolo*. Em alguns números do *Ming Shen* constaram reimpressões de artigos e traduções publicados no famoso *Xin Shi Ji* (Novos Tempos).

⁸¹ SCALAPINO, 1968.

ético estabelecido, ou “pacto”⁸², de jamais poder se tornar membro do parlamento ou vir a ser funcionário do governo, não fumar, não beber álcool e não comer carne.

Funda-se da *Liu Bu Hui* (Sociedade dos Seis Não), em 1912, sociedade secreta formada por revolucionários próximos ao anarquismo, como o próprio anarquista Cai Yuan Pei. Provavelmente esta sociedade foi uma extensão da *Jing De Hui*, pois estabelecia: não ao relacionamento com prostitutas, concubinas, jogos de azar, carne, álcool nem tabaco. A Sociedade anarquista também influenciaria grupos progressistas da época, que fundaram a *Sociedade de Estudo 3-2* (dos “três não” dos “dois cada”)⁸³. Os “três não” se referiam: não ao governo, não à família e não à religião.

Alguns historiadores mostram que a influência anarquista também se fez presente no *Partido Socialista Chinês*⁸⁴ em Shanghai, criado alguns meses depois da Revolução de 1911 pelo socialista Jiang Kanghu. Jiang por algumas vezes foi colaborador do periódico *Xin Ji Shi*, porém, no desenrolar dos movimentos políticos, sua ideologia socialista distanciou-se da proposta de luta de classes e aproximou-se da social-democracia, a “nova democracia”⁸⁵. O partido durou apenas dois anos, dissolvido a mando de Yuan Shikai em 1913, mas neste prazo foram fortes as discussões com os membros que se identificavam com o anarquismo. Pertencia ao grupo Lo Wu e Fen Fen⁸⁶, que passaram a se denominar como “Partido Socialista Puro”. Este grupo acabou por romper e ser expulso do PSC. Nas palavras de Jiang Kanghu, lança-se uma acusação e a idéia de que este grupo acabou por confundir às pessoas em geral sobre a identidade do PSC, visto como anarquista:

“Meanwhile, an Anarchist movement had grown up in China. Some of the Anarchists joined the Socialist Party and sought to foist their views upon it. These two hostile schools of thought came to open battle at the second annual convention of the Party. Finding themselves in a hopelessly small minority, the Anarchists split off and formed the ‘Pure

⁸² *Ibid.*

⁸³ *Ibid.*

⁸⁴ Este partido dissolvido em 1913 pela repressão da ditadura de Yuan Shikai. Em Junho de 1921, Jiang compareceu ao III Congresso da Internacional Comunista como delegado, sem poder de voto, pela qualidade de antigo formador e potencial refundador do Partido Socialista. Com o apoio soviético, em 1924, reorganiza-se o *Partido Socialista Chinês*, que em breve se referá sob o nome de *Novo Partido Social Democrata Chinês*. Em 1927, o apoio soviético é direcionado ao Guomindang e o partido acaba tendo de se dissolver pela pressão política neste ano. Durante o regime comunista será considerado perseguido como traidor do povo.

⁸⁵ DIRLIK, 1989.

⁸⁶ SCALAPINO, 1968.

Socialist Party'. Sha Kan, who had been a member of the Socialist Party, was the leader of the new organization. The 'Pure Socialist Party' advocated the individual expropriation of property holders. It advocated assassination. It is not at all strange that this organization soon became a cloak and a mask for a gang of highway robbers and thieves whose acts could not be distinguished from those of other criminals.

During the Second Revolution this "Pure Socialist Party" organized a Chinese Red Cross Society, whose sole object was to collect money from credulous and sympathetic people. The International *Red Cross Association* exposed them, and Sha Kan was captured and shot.

The "Pure Socialist Party" and other Anarchist groups did much to discredit the Socialist Party of China. People confused one with the other, and when the reaction set in, the government craftily used this confusion to further its ends.

Already during the second year of its existence, the Socialist Party was meeting with bitter opposition. This opposition came not only from the government but also from the Republicans and from the Constitutional Monarchists. Nevertheless, the Party continued to grow."⁸⁷

Em uma carta oficial, transcrita por Jiang Kanghu, em que Yuan Shikai ameaça o fechamento do Partido Socialista Chinês, reconhece-se confusamente a presença de anarquistas:

"The Socialist Party of China is using the cloak of a political party in order to conceal its evil designs. These demagogues would coerce the government and flatter the people for their own evil ends. They are a danger to peace and law and order. They advocate violence and assassination. Therefore they have incurred the displeasure not only of the government, but of the people as well: Many letters have been received from officers of Tien Tsin, Peking and elsewhere, warning us

⁸⁷ KANGHU, 1917

against Socialist plots and conspiracies. Many foreign Anarchists have joined them in order to disturb the international peace. The Socialist Party of China is not like the Socialists of other countries, who merely study Socialism. If we do not put an end to their activities, a great outburst will follow.⁸⁸

O projeto de intercâmbios de estudantes chineses no estrangeiro organizado pelos anarquistas do “grupo de Paris”, por causa do envolvimento da França com os conflitos iniciais da 1ª Guerra Mundial, foi interrompido. Em 1913, Zhang Jingjiang mudou-se para Londres e criou lá uma escola ao formato “anarco-francês”, e por um ano Wu Zhihui dirigiu esta escola. Neste mesmo ano Cai Yuanpei, alcançou o cargo de Diretor de ensino de Beijing e, seduzido pela proposta anarquista, abre uma escola de “estudo e trabalho”⁸⁹.

Em decorrência da continuação da guerra, o governo francês solicitava de outros países o envio de trabalhadores e militares. Durante o período de guerra, o número de trabalhadores chineses que chegaram a França totalizou 200 mil, a maioria deles seria adaptada como empregados das forças armadas e das fábricas francesas. Os anarquistas na França que, em 1914, haviam formado a *Liufa jianxuehui* (Sociedade de Estudo Frugal e Trabalho Diligente) alteram sua estratégia, passando a atuar preferencialmente com parte deste público de trabalhadores. O formato de divisão do tempo entre estudo e trabalho e a formação sobre sindicalismo e anarquismo continuava de pé. Mas a logística e infra-estrutura tiveram de ser modificadas. Em 1916, cria-se a *Associação Educacional Sino-francesa* com apoio de negociantes e lideranças acadêmicas francesas, para que a entrada destes trabalhadores fosse liberada e a instalação fosse edificada e reconhecida. Neste ano, sob responsabilidade de Zhu Minyi, é editado o boletim de divulgação da Associação Educacional Sino-francesa, o *Luou Zazhi* (Jornal dos Estudantes Chineses na Europa), que divulga a sua proposta anarquista de organização, que tem a contribuição de Cai Yuanpei, Li Shizeng, Wang Jingwei e Wang Shijie. No ano seguinte começa a publicação do *Huagong Zazhi* (Jornal dos Trabalhadores Chineses)⁹⁰. A associação estabeleceu esquemas alternados de trabalho e estudos de intervalos mais extensos, ou seja, uma pessoa podia acordar com outra que em um determinado prazo, enquanto ela estivesse trabalhando, a outra estaria se dedicando aos estudos e vice-versa. Como apenas uma pequena parte dos governos chineses oferecia auxílio,

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ Esta escola funcionará até o ano de 1915, quando Cai Yuanpei é retirado do cargo de Diretor de educação de Beijing.

⁹⁰ DIRLIK, 1991.

a forma encontrada de manter a instituição foi uma pequena contribuição de cada trabalhador associado, o que já estava em vigor com os estudantes. Li Shizeng negociou com as autoridades francesas, muito suscetíveis nesta época à iniciativa, a autonomia da associação para escolher seu próprio programa de convocação e seleção dos trabalhadores.

Ao fim da guerra, o programa de estudo-trabalho voltou a se dedicar ao intercâmbio de estudantes, que com certeza receberam a bagagem de experiência dos antecessores trabalhadores. Em 1919, inúmeras instituições escolares eram abertas na China para prepararem estudantes para o exterior. Um ano depois o programa já atendia cerca de mil estudantes na França⁹¹. Uma universidade destinada a estudantes chineses é aberta em Lyon na França neste período, como mostra o historiador Jonathan Spence de forma generalizada:

“Na França estes estudantes viviam principalmente em Paris e seus arredores, embora outros se congregassem na Universidade de Lyon. Estudavam francês em classes especiais; quando havia vagas, alguns se empregavam em fábricas – como a Renault, de automóveis -, onde eram apresentados à organização operária francesa e à doutrina socialista.”⁹²

A *Universidade Sino-Francesa de Lyon* é organizada por anarquistas do “grupo de Paris” e financiada, curiosamente, por um militar anarquista, Chen Jiongming, que havia participado de grupos terroristas junto com Liu Shifu. Em 1918 muitos anarquistas seguem para Fujian, onde se abrigou Chen. A cidade que posteriormente também foi administrada por Chen, Zhangzhou se torna um modelo, pois surgem nesse local grande número de anarquistas, que chegam a publicar um jornal diário⁹³.

Em Guangzhou, pouco antes da morte de Liu Shifu (por tuberculose), era fundada a Federação Anarquista de Shanghai e Guangzhou⁹⁴. Até então a tradição mais forte entre os anarquistas desta região era a organização em sociedades secretas dedicadas à ação direta de assassinatos e terrorismo. A partir de 1905, o sindicalismo e a educação operária despertam interesses, a exemplo do influente líder operário anarquista Xie Yingbo, que havia participado junto com Liu Shifu de associações terroristas e depois de 1911 tornou-se sindicalista, e do próprio irmão de Shifu, Liu Shixin que também se tornou anarco-sindicalista. Pela intensidade

⁹¹ Ibid.

⁹² SPENCE, 1996.

⁹³ Ibid.

⁹⁴ Ibid.

da atuação o anarco-sindicalismo transformou-se uma corrente muito forte entre os trabalhadores de Guangzhou. A primeira vez que o proletariado chinês celebrou o *1º de Maio* foi em Guangzhou em 1918, ano em que se constitui a *União dos Trabalhadores das Casas de Chá de Guangzhou*, que chegaram a possuir cerca de 11 mil membros⁹⁵. Os anarquistas foram muito influentes na União dos Mecânicos. Aliás, não por mera coincidência, a as cidades onde existiu militância sindical na China, em período anterior, os anarquistas haviam organizado escolas de ensino de esperanto: Tianjin, Fuzhou, Beijing, Chengdu, etc. A publicação dos materiais anarco-sindicalistas estiveram seguras das autoridades, por conta das edições em esperanto.

Uma série de periódicos anarquistas surgem na China, dedicados e promovidos por trabalhadores, intelectuais e estudantes. Em 1918, o jornal *A Voz do Povo*, que foi fundado após a Revolução de 1911 pelo grupo de Shifu, continuava sendo ditado⁹⁶. Os *Laodong baojian* (Espelho do Trabalhador) e *Laodong* (O Trabalhador)⁹⁷ começam suas edições nesse ano. As sociedades que nascem nessa data lançavam seus próprios jornais: a *Sociedade da Verdade* publicou o *Ziyou lu* (Registros de Liberdade), em Beijing; a *Sociedade das Massas*, o *Requn* (As Massas), em Nanjing; a Sociedade da Paz, o *Pingshe Zazhi* (Jornal da Sociedade da Paz), em Shandong. A posterior junção das *Sociedade Voz do Povo*, *Sociedade das Massas* e *Sociedade da Verdade*, geram a *Jinhua She* (Sociedade da Evolução), que editou a *Jinhua Zazhi* (Revista da Evolução)⁹⁸.

Os jornais *Hsin Ch'ing-nien* (Nova Juventude) e *Renascimento* contaram com grande participação dos anarquistas antes de 1919, textos de Wu Zihui, (Huang) Liang Shuang, (Yuang) Zheng Ying, Hua Lin, (Lang) Bingxang eram recorrentes. Segundo Arif Dirlik, em *Anarchism in the Chinese Revolution*, a palavra anarquismo apareceu poucas vezes nestes periódicos, mas por outro lado foram constantes as publicações de textos de Emma Goldman, Tolstoi e outros. Inclusive, o texto de autoria de Piotr Kropotkn “Apelo à Juventude” foi editado em panfletos e jornais anarquistas, tornando-se um dos mais populares entre a juventude chinesa.

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ CHRISTIE, 1975. Este jornal, a partir de 1919 e até 1923 terá publicação industrial, chegando a muitas regiões da China, com divulgação comparável a do *Xin Shi Ji* (Novos Tempos). Esta evolução somente foi possível pelo impulso conquistado no contexto do *Quatro de Maio de 1919*, quando teve gigantesca aceitação.

⁹⁷ Editado pelo anarco-sindicalista Liang Bingxian.

⁹⁸ DIRLIK, 1991.

A geração de intelectuais chineses pertencentes às classes bem favorecidas, desgarrados e frustrados com o sistema milenar de ensino e influenciados pelas rebeliões populares do século 19 foi a substância das primeiras revoluções do século 20 na China. Em benefício de suas próprias causas, estes precursores tiveram a sã idéia de tentar construir um legado, o que funcionou perfeitamente. A grande “escola”, literalmente, foram os programas de *estudo-trabalho* organizados por anarquistas na França e seus múltiplos desdobramentos, tendo como resultado direto o aparecimento de um intenso movimento estudantil na China na segunda década desse século, o qual se denominou movimento *Nova Cultura*.

Experiências comunais inspiradas na idéia do *trabalho-estudo*, assumiram grandes proporções nos anos de 1919 em diante. Chegavam à China informações sobre o famoso modelo educacional implementado por libertários europeus e estadunidenses, a *Escola Moderna*, a partir de literatura com autoria da anarquista e feminista Emma Goldman e do filósofo-educador libertário Jonh Dewey. Em 3 de maio de 1919 foi estabelecida a *Gongxui hui* (Associação de Estudo-Trabalho) por estudantes do Colégio Normal de Ensino Superior de Beijing. O famoso *Gongdu huzhu tuan* (Grupo Mutualista de Ofício-Aprendizado), foi estabelecido em Beijing no final de 1919 sob responsabilidade de Wuang Guangqi. Com estas mesmas características, há registros de comunas na maioria dos centros urbanos da China: Taijin, Shanghai, Wuchan, Nanjing e Guangzhou. Os anarquistas Cao Rulin, Kuang Husheng e Zhou Zuren fundaram o *Movimento Novas Vilas*⁹⁹, que não atuou em centros urbanos, mas em várias comunidades agrárias, levando a mensagem anarquista também para esses locais.

Chen Duxiu, editor da revista *Nova Juventude*, fundada por ele em 1915, tinha grande proximidade com militantes anarquistas, e, até por isso, recebeu violenta crítica moralista por parte do literário elitista Hu Shi:

“Não estudamos o padrão de vida do homem do riquixá, mas arengamos sobre socialismo; não estudamos as formas como as mulheres podem se emancipar, ou de endireitar o sistema familiar, mas deliramos sobre compartilhar esposas e amor livre; não examinamos as maneiras de acabar com a panelinha Anfu*, ou como as questões do Norte e do Sul podem ser resolvidas, mas nos entusiasmos com anarquismo. E, sobretudo, estamos encantados

⁹⁹ DIRLIK, 1991.

um com os outros, nos congratulamos, porque estamos falando sobre ‘soluções’ fundamentais. Para falar claro, isso é devaneio.’

*Nota: Grupo corrupto de militares e políticos que desempenhava um papel importante na política de Pequim [Beijing] nessa época.”¹⁰⁰

A proximidade de Chen Duxiu passa pela experiência de participação em algumas atividades comunais anarquistas – mesmo que dentro de algum tempo ele tenha se doutrinado pelo marxismo e passasse a fazer críticas ferozes ao anarquismo, principalmente depois que foi “comprado” pelos oficiais comunistas russos, assunto que será tocado no próximo capítulo –, como mostra o historiador Jonathan Spence no trecho abaixo:

“Depois de desempenhar seu papel principal nas manifestações de 4 de maio e passar três meses na cadeia, Chen fora para Xangai [Shanghai]. Estabelecera-se na concessão francesa e continuara a editar o Juventude Nova, que se tornava politicamente esquerdista e fora abandonado por muitos de seus partidários liberais, como Hu Shi. Quando Voitinsky e o Yang o encontraram em Xangai naquele maio de 1920, Chen estava em estado de inquietação intelectual, explorando várias expressões socialistas, inclusive teorias japonesas de formação de aldeias modelares, socialismo cristão-coreano, propostas chinesas de ‘corpos de assistência mútua de trabalho e estudo’ e o socialismo de guildas de John Dewey.

Li Dazhao, também influenciado pelo anarquismo, fez algumas formulações sobre este tipo de ação social, mas para a historiografia errática ficou ele como o mentor da proposta, estranhamente reconhecida como extraída dos preceitos básicos do marxismo:

“Li Dazhao desenvolveu uma interpretação que colocou seu país firmemente no campo da discussão marxista no papel de ‘nação proletária’. (...) No início de 1920, estudantes da Universidade de Pequim que tinham criado um ‘corpo de educação de massas’ já

¹⁰⁰ SPENCE, 1996.

estava viajando para aldeias e campos vizinhos, tentando por em prática as idéias de Li.”¹⁰¹

A Universidade de Beida, em Beijing, foi o foco do ativismo anarquista do período, de onde saíram a maioria das sociedades revolucionárias para o *Quatro de Maio de 1919*. Muitos anarquistas oriundos dos programas de Paris e que atuaram na militância de Guangzhou, tornaram-se professores de escolas e universidades de Beijing, como Yuan Zhenying e Huang Lingshuang.

3.3.. ANARQUISMO: A NOVA CULTURA E O QUATRO DE MAIO DE 1919

“Na primavera de 1919, os representantes das grandes potências reúnem-se em Versalhes para organizar a paz no mundo, o que equivale a dizer para partilhar entre eles os despojos dos vencidos e repartirem vários ‘queijos’ territoriais. Apesar da tardia declaração de guerra à Alemanha, o que a transformava em aliada do Japão, Pequim [Beijing] não alcançava nenhuma das vantagens concedidas aos vencedores. Muito pelo contrário, a França, a Inglaterra e os Estados-Unidos jogaram na cartada japonesa, em prejuízo de Pequim. Tudo se passa, aliás, com a maior hipocrisia.

Para não retirar ao Japão as vantagens obtidas com as ‘vinte e uma exigências, os aliados decidem colocar os bens alemães na China sob protetorado internacional, gerido e fiscalizado por Tóquio. Na China a decepção é enorme. E em breve a decepção dá lugar à revolta. Para o homem da rua, o significado geral é que as ‘vinte e uma exigências estão de novo em vigor e que o Tratado de Versalhes permitirá ao Japão conservar o Chang-Tung. Os protestos mais violentos partem dos estudantes.”¹⁰²

Como ocorre na primeira década do século 20, a historiografia varreu a presença anarquista na China para baixo do tapete. Contudo, se a atuação anarquista nesta data fosse

¹⁰¹ SPENCE, 1996.

¹⁰² KRIEG, 1951.

apenas uns poucos flocos de poeira, o tapete não acusaria um pontudo calombo em sua superfície. A metáfora é extremamente útil, pois se já corriam risco de um tropeço na memória da primeira geração de anarquistas escondida sob seus pés, na da segunda os historiadores que colaboram com este “esquecimento” podem tomar um tombo ainda maior. Muitos historiadores ao falarem do *Movimento da Nova Cultura* e do memorável *Quatro de Maio de 1919* nada citam sobre o anarquismo, todavia, por conta de suas pernas curtas e do volume atapetado, ao falar da formação dos partidos nacionalista e comunista nos anos subseqüentes vem a queda. Mas esse vacilo será tratado especificamente no capítulo seguinte.

Em suas memórias, Mao Zedong, que foi integrante da primeira geração de militantes do Partido Comunista da China, reconhece a predominante influência anarquista nas manifestações revolucionárias do contexto do *Quatro de Maio de 1919*:

“On 4 May 1919, Peking students demonstrated against this decision, and the movement of political and social protest which erupted became known as the May Forth Movement. Feudal customs and the old society at home ere much a target as the foreign powers. In this article Mao Tse-tung (influenced at his time more by anarchist than by Marxist ideology) argues that the various groups in Chinese society should defend their interests by getting organized into unions. Peasants, workers, students, women, teachers, policemen and rickshaw [riquixá] boys all have the right and the power to demand liberation.”¹⁰³

Esse argumento possui elevado peso, não por ser advindo de uma das maiores figuras do século 20, pois no momento que Mao Zedong chega ao poder e se torna notável essa memória será deletada e as expressões anarquistas serão perseguidas. Pelo contrário, pois é o exemplo mais explícito da contradição histórica. Aliás, em uma determinada época, Mao, como a maioria dos militantes da geração do *Movimento da Nova Cultura*, chegou a declarar que foi muito influenciado pelas obras anarquistas. A literatura comunista que revela isso, escassa e recheada de preconceitos, é exemplar:

¹⁰³ GITTINGS, 1973.

*“E sob sua direção amistosa, o jovem Mao descobre Lenine e Bakunine [Mikhail Bakunin]. Depressa Mao Tsé-tung passa o Rubicon, o revoltado torna-se revolucionário.”*¹⁰⁴

Com relação a outras figuras que o partido comunista, também nas entrelinhas de suas memórias repletas de moralismo e preconceito aparece o anarquismo:

“De um lado Chan Duxiu, intelectual brilhante e editor da Nova Juventude. Procurando caracterizar o seu pensamento, diz Erca C. Pischel que ele ‘entra em contato com o movimento socialista através da tradição humanista-democrática francesa’, sem muita distinção entre Proudhon, Marx e Luis Blanc. O que ‘contava era a procura, dentro do mundo ocidental, de um filão de pensamento revolucionário que pudesse ser utilizado pelos rebeldes chineses. Ele propunha a substituição da linguagem falada, como forma de popularizar a cultura. Combate os preconceitos e a autocracia, em nome da Ciência e da democracia. Volta-se contra as normas familiares, segundo os quais o matrimônio era contratado pelos pais, baseados em cálculos econômicos e de prestígio, sem se levar em conta os sentimentos dos cônjuges. Dado o caráter da cultura confucionista dominante, pode-se compreender o impacto das idéias humanitárias européias incorporadas pela nova juventude, valorizando a liberdade individual, a crítica e a espontaneidade dos sentimentos.”¹⁰⁵

Nem há necessidade de mencionar sobre os sujeitos que contribuíram para a transmissão da tradição “humanístico-democrática francesa” descrita acima, e muito menos sobre a origem da rebeldia juvenil. A título de comentário, é interessante que a maioria dos quadros políticos contemporâneos da China tenham provindo desta época e, sem exceção, ao retratarem a experiência estudantil, tratem-na com jocosidade. Em escritos de Li Dazhao, Jiang Jieshi, Mao Zedong, Chen Duxiu, Deng Xiaoping, Zhou Enlai, Qi Qiubai, recorrente a descrição da rebelião e seus antecedentes como iconoclasta, extremista, amadora, desorientada, vazia de proposta, etc. Seria para além do ditado do “cuspir no prato”, pois para todos eles, meditando depois de decorridos os fatos, as histórias revolucionárias antecedentes à hegemonia marxista são desprovidas de ideologia ou sentido racional.

¹⁰⁴ KRIEG, 1951.

¹⁰⁵ SADER, 1982.

Pois bem, o *Movimento da Nova Cultura* contou com uma geração formada por ideário amplamente libertário: consciente da necessidade de uma revolução social, ou seja, disposta à luta pelo desenvolvimento de um sistema educativo popular e pelo acesso generalizado à ciência, à luta conjunta entre estudantes e trabalhadores e contra a ditadura e o autoritarismo, anti-militarista e anti-imperialista.

Um outro aspecto importante, Japão e Estados Unidos ampliavam cada vez mais seus investimentos econômicos no país. À medida que se desenvolvia o capitalismo chinês e se estendiam as empresas estadunidenses e japonesas, o proletariado chinês crescia rapidamente. O número de operários industriais aumentou de 600 mil antes da Revolução de 1911 para 2 milhões às vésperas do *Quatro de Maio*. Além disso, havia cerca de 12 milhões de artesãos e trabalhadores de ofícios diversos. Os operários industriais na China se concentravam principalmente em Shanghai, Wuhan, Tianjin, Chingtao, Talien, Jarbín, Guangzhou e Hongcong e trabalhavam nos setores mineiro, mecânico, têxtil, da construção naval, etc. Em Shanghai havia uns 400 mil trabalhadores dos quais 57% trabalhavam nas grandes fábricas. O proletariado chinês, já bastante radicalizado, mostrou-se mais conseqüente na luta por seus direitos, pois desde a Revolução de 1911 a classe trabalhadora não obteve nenhum proveito prático, político ou econômico. Segundo cálculos, de 1914 a maio de 1919, produziram 108 greves: só em 1916 se registraram 17; em 1917, 23; em 1918, 30; e nos primeiros cinco meses de 1919, ocorreram 19.

Uma parte do proletariado chinês fazia boicotes e greves, por causa das más condições de trabalho e contra os mandos e desmando das potências estrangeiras, seu patronato. Em 1915, os estivadores de Shanghai realizam uma greve para convencer os outros operários a não trabalharem para as empresas japonesas. Neste mesmo ano, operários que trabalhavam na concessão francesa de Tianjin, entram em greve contra as invasão do bairro de Laosikai, suspenderam a energia elétrica desta região e impuseram o fechamento de todos os estabelecimentos comerciais franceses. Estes grevistas organizaram-se em associações para que conseguissem coordenar melhor as manifestações, que duraram por volta de seis meses.

Bastante mais organizados, os estudantes chineses por uma década agrupavam-se em sociedades secretas e participavam da vida política da China de forma organizada. Enquanto o proletariado progressivamente desenvolvia a consciência sobre os diferentes âmbitos da opressão e sobre a interdependência destes: o pátio da fábrica, dos governos nacionais e das potências estrangeiras, desde o primeiro momento, os estudantes tinham-na em alto grau. Desde as guerras ocorridas nos fins do século 19, o governo japonês expandiu muito suas

áreas de protetorado na China, junto com outras de alguns países ocidentais. Com a 1ª Guerra Mundial as potências européias enfraquecem a administração de suas áreas de concessão colonial, deixando-as sob os cuidados do governo do Japão. Ao fim da guerra, a população chinesa aguardou que as concessões da Alemanha fossem, no mínimo, divididas entre as potências vitoriosas. Contudo, na assinatura do *Tratado de Versalhes* (1919), estas áreas são todas colocadas nas mãos japonesas e ainda seria cedida a área de Shandong. Os trabalhadores e estudantes previram o piora das condições sociais e políticas, pois já tinham sentido na pele a força da repressão do governo japonês contra greves ou contra a organização das sociedades secretas que vingaram no país.

Na manhã de 4 de maio de 1919, estudantes representantes de treze universidades e colégios de Beijing, que pertenciam de maneira geral ao movimento *Nova Cultura*, se reuniram para organizarem uma ação concreta contra os termos e as medidas contidas no *Tratado de Versalhes*, pela mobilização das massas e criação de uma união estudantil no país. Desta reunião saiu a idéia de se promover no mesmo dia um grande protesto na praça central da cidade, a Tiananmen (Praça da Paz Celestial). Desafiando a ordem da polícia, que tentou dispersar os estudantes, mais de 3 mil pessoas ocuparam a frente do conjunto palaciano da Cidade Proibida. A manifestação foi organizada como um desfile, portavam bandeiras com dizeres contra os governantes chineses que apoiavam a expansão japonesa, distribuíam-se panfletos e jornais para a população. Apesar de toda a proposta educativa a manifestação não limitou as ações mais enérgicas de visita à casa de governantes chineses com o ateamento de fogo e espancamento dos mesmos. Os confrontos entre policiais e seguranças estrangeiros com os estudantes duraram até o início da noite, terminando com 32 estudantes presos e 1 ferido (que veio a falecer no hospital três dias depois)¹⁰⁶.

Alguns historiadores se referem a esta manifestação como a precursora da tradição das revoluções culturais que aconteceram nos anos de governo comunista, uma “Revolução Cultural Libertária”, e da grande manifestação estudantil que ocorreu em exatos 70 anos depois, na mesma Praça de Tiananmen, e que resultou no famoso episódio do “Massacre da Praça da Paz Celestial”¹⁰⁷. Chega-se a dizer que o *Quatro de Maio de 1919* é o “primeiro Maio de 68 da História”.

Nos dias posteriores os estudantes foram ágeis para colocar em prática uma das deliberações da reunião na manhã do dia 4 de maio: fundação de uma união de estudantes

¹⁰⁶ SPENCE, 1996.

¹⁰⁷ Chamado pelas autoridades chinesas como “Incidente da Praça da Paz Celestial”.

universitários e juvenis em Beijing. Esta idéia circulou em diversas cidades e em questão de dias já vingara em Shanghai, Tianjin, Wuhan, etc. Em um mês, representantes de mais de 30 uniões estudantis criavam a União dos Estudantes da China. A erupção de greves estudantis e as prisões em massa destes estudantes mobilizaram boa parte da população. O apoio dos trabalhadores veio em forma de greves, que ocorreram no serviço público, entre metalúrgicos, em gráficas, indústrias têxteis, firmas de navegação, etc., envolvendo cerca de 60 mil trabalhadores de 43 empresas diferentes¹⁰⁸.

Numerosos grupos socialistas e anarquistas, grupos de estudo e sociedades, surgiram em toda a China depois de maio de 1919. Aumentam vertiginosamente o número de periódicos e jornais revolucionários (embora a maioria tenha se extinto em poucos anos ou meses), a exemplo do *China Jovem*, do *Nova Sociedade*, *O Alarime do povo*, *A Nova Mulher*, *Gente Comum*, *Para cima e Luta*¹⁰⁹. Surgiram várias sociedades, especificamente anarquistas, nos estados de Shanghai, Nanjing, Tianjin, Guangzhou, Zhangzhou, Hankou, Chengdu e Changsha.

Em um livro-cronologia sobre a história do anarquismo na China, organizado por Vladimiro Muñoz e intitulado *Li Pei Kan e o anarquismo chinês*, consta que durante o ano de 1919, a “*Sociedade para o Progresso*, que edita o órgão *Progresso*, une-se a federação com vinte grupos anarquistas, principalmente de Guangzhou, Hubei, Nanking, Beijing, Shensi e Shanghai”¹¹⁰. A cronologia de Muñoz também relaciona a existência da Federação Anarquista de Sichuan, organização estudantil, que edita o jornal *À Juventude de Sichuan* em 1924.

Exemplo simples de que o anarquismo nesta época teve grande repercussão na China, em 1923, consta em um jornal anarquista brasileiro um texto assinado pela *Federação Anarco-comunista de Língua Chinesa*, contando sobre o desenvolvimento do anarquismo no país (ver Anexo 5).

Por fim, a presença anarquista foi tão essencial entre as expressões da *Nova Cultura*, que coletivos anarquistas foram criados em diversos países, por chineses que moravam na França, São Francisco e Vancouver e Coréia, Filipinas e Singapura¹¹¹, por cidadãos nativos que tomaram contato com o anarquismo chinês.

¹⁰⁸ SPENCE, 1996.

¹⁰⁹ *Ibid.*

¹¹⁰ MUÑOZ, 1977.

¹¹¹ DIRLIK, 1997.

O movimento anarquista coreano deixa nítida a sua vinculação com os acontecimentos de 1919 e menciona sobre uma união anarquista asiática, com participação chinesa:

“El movimiento anarquista en Corea comenzó a tomar forma entre los exiliados que fueron a China después de la lucha independentista de 1919, y los estudiantes y obreros que fueron al Japón. Esta lucha, el Movimiento del 1 de Marzo en la que destacaron los anarquistas, llegó a implicar a 2 millones de personas; hubo 1.500 manifestaciones; 7.500 muertos; 16.000 heridos y más de 700 casas y 47 templos destruídos.

(...)

La ‘Federación Anarquista de Corea en China’ fue formada en Abril de 1924 publicaron el ‘Manifiesto de la Revolución Coreana’. Em 1928 la expansión de la política libertaria permitió a los anarquistas coreanos organizar la ‘Federación Anarquista del Este’ con camaradas de China, Vietnam, Taiwan y Japón ñ que publicaron un boletín, Dong-Bang (el Este). El "Manifiesto" fue adoptado por la Federación del Este como programa formal.”¹¹²

Em São Francisco, nos Estados Unidos, aparece um grande sociedade de anarquistas chineses chamada *Igualdade*. Esta informação foi registrada pelos simpatizantes anarquistas estadunidenses Ray Jones¹¹³ e Rose Pesotta, e foi confirmada em uma Conferência Anarquista realizada em New York em 1928:

“2. *Chinese in America toward Anarchism:*

The Chinese in America who really believe anarchism are not more than one hundred. The reason for that is they are followers of nationalism and have confidence in politics and government. [My note: Of the then ruling KMT in China].

3. *A short history of the Equality Society:*

¹¹² MACSIMOIN, 1991.

¹¹³ As cartas trocadas entre Ray Jones e a sociedade *Igualdade* estão no acervo da *Asian American Studies Collections* da *Ethnic Studies Library*, nos Estados Unidos.

The Chinese in America who are interested anarchism in America are less than one hundred. We realize that the organization and propaganda are very important, so we had this society organized in 1925. In the course of this short history, there were several troubles with those well to do class, as they tried to make this organization a failure but in vain. A few months ago, the imperialistic government of America threatened to destroy this society by arresting comrade Jones and confiscating all our literatures. However, this only made us more militant than ever before.”¹¹⁴

Nesta mesma conferência, soube-se da existência de outras organizações anarquistas na China:

“5. The Anarchist movement in China:

Comrades in China are very faithful to their work for anarchism. They do it either by large combination or small organizations. The ones which are worth to mention are the ‘Young Anarchists Federation in China’ and the ‘South China Anarchists Federation’.

Every organization has its publication. There is a bookstore in Shanghai named the Freedom Bookstore, has made a great contribution in handling our anarchist literatures.”¹¹⁵

3.4. ANARQUISMO, COMUNISMO E OS PARTIDOS

Imediatamente à realização das manifestações em maio de 1919 na China, grupos minoritários começaram a ganhar força e projeção. A ideologia marxista que desde a primeira década do século 20 era conhecida na China, até então, não havia sido assumida como princípio organizacional. Os que posteriormente enveredaram na sua defesa estavam imersos em grupos de estudo e coletivos identificados com o socialismo e com o anarquismo. O marxismo no contexto do *Quatro de Maio* não tinha força entre a juventude e, acima de tudo, o

¹¹⁴ Ver *Anexo 7* - MING HSI, 1928.

¹¹⁵ MING HSI, 1928.

marxismo-leninismo, que acabou admitido pelo Partido Comunista da China, era inexpressivo, como mostra Arif Dirlik em seu livro *The Origins of Chinese Communism*:

“One participant in these events has recalled recently that “marxism-leninism was only one among the hundred schools of this period. Marxism was not merely one among the competing socialism of the immediate May Fourth period, we might add, but the weakest one, in both the number committed to it and, even more so, Chinese Intellectuals' familiarity with it; and Leninism was virtually nonexistent as ideology.” (DIRLIK, 1989)

Com o crescimento do pensamento marxista, surge a opção de se formarem partidos políticos, que teoricamente uniriam e catalisariam a força revolucionária. Porém, para esse advento, a tática inicial adotada foi a apropriação da simbologia das expressões políticas mais fortes, convencimento da militância à oficialização dos projetos existentes que enfrentavam graves dificuldades a partir da década de 1920, promessas que passaram pelas antigas amizades e experiências de luta conjunta no passado, ou o combate e a campanha difamatória das demais ideologias existentes. O Guomindang, refundado em 1920 por Sun Zhongshan e colaboradores, utilizou estes três instrumentos, jogando mais peso sobre os dois primeiros. Entretanto, partiu do PCC a metralhadora giratória contra todas as outras ideologias, inclusive a anarquista que fazia sombra ao marxismo. Aliás, anarquistas “soft”¹¹⁶ adiram à idéia, participando mesmo da fundação dos partidos e ainda do desenvolvimento dos seus velhos projetos no interior deles.

Na maioria dos casos a polêmica seria levantada e a resistência anarquista permaneceria. Todavia, o peso da intervenção russa nos organismos políticos contribuiu para a supressão das demais expressões políticas de massa. Ao final da década, a luta política estava monopolizada pelos dois maiores partidos e suas disputas entre si, embora os movimentos autônomos e libertários sobrevivessem e crescessem.

A historiografia acompanhou a tática dos comunistas de difamação e supressão e a centralização das atenções na história dos grandes personagens comunistas complementou o “esquecimento” dos demais movimentos e indivíduos revolucionários antecedentes e contemporâneos. Restaria apenas a memória de alguns militantes que sobreviveram até a atualidade como o famoso Ba Jin.

¹¹⁶ CHRISTIE, 1968.

3.4.1. HAVIA UMA “REVOLUÇÃO RUSSA” NO CAMINHO DOS REVOLUCIONÁRIOS CHINESES: O PCC

“Somente a explosão revolucionária na Rússia (1917) vizinha, embora remota, sacudiu a imensa nação de sua inércia. O marxismo achou caminho através da Rússia”.¹¹⁷

A luta dos populistas, nihilistas e anarquistas russos inspirou grande parte da juventude japonesa e da juventude chinesa que estudou em território nipônico. Estes estudantes acompanharam eufóricos todo o processo de derrubada da casta dos Romanov e do sistema czarista russo. Até o final da década de 1910 torceu-se pela vitória dos revolucionários e trabalhadores russos contra os poderes conciliadores e conservadores. Anarquistas e socialistas da China, como de quase todas as partes do mundo, entusiasmaram-se com a tomada do poder pelos bolcheviques em 1917.

Os jornais anarquistas chineses são os primeiros a noticiar o acontecimento, com rasgados elogios. Ignorando as polêmicas que residiram entre anarquistas e marxistas desde a I Internacional¹¹⁸, os anarquistas e socialistas chineses acreditaram na formação de uma aliança com os bolcheviques para que conquistassem a vitória também em seu país. A *Revolução Russa* teve grande parcela de responsabilidade no ânimo depositado por toda a militância política chinesa em um caminho revolucionário:

Todavia, com o passar do tempo, após a data gloriosa, algumas coisas ficaram transparentes aos olhos libertários, a exemplo das denúncias feitas no final de 1919 pelo jornal

¹¹⁷ DEUTSCHER, 1969,,

¹¹⁸ A reunião da Associação Internacional dos Trabalhadores, que ficou conhecida como a *I Internacional*, ocorrida em 1864, em Genebra com a intenção de unir vários grupos políticos de esquerda e sindicatos baseados na classe operária. Esta reunião ficou marcada pela oposição ferrenha de Karl Marx a Mikhail Bakunin e o conseqüente racha entre anarquistas e marxistas. Aliás, relacionando-se a isso, Bakunin forjou a expressão “marxida” ou “marxista”, de forma altamente pejorativa, para se referir aos socialistas que defendiam as posições de Marx. Enquanto os “marxistas” defendiam a luta contra o Estado burguês e a imposição do poder operário – através da ditadura do proletariado, como transição historicamente necessária a uma sociedade horizontalizada, os que eram associados a Bakunin eram contra qualquer forma de autoridade e de Estado, independentemente de sua natureza de classe e limites históricos. Da II Internacional (conhecida como a Internacional Socialista), ocorrida em 1889, em diante seriam manipuladas por parte das tendências marxistas. A III Internacional, a Internacional Comunista ou *Comintern*, dividida em sete congressos mundiais entre os anos de 1919 e 1923, foi organizada pelo Partido Comunista da União Soviética, com Ilyich Lenin à frente. Sob a liderança de Joseph Stalin o Comintern apenas se reuniu em 1928 e 1935, quebrando o pacto da anualidade e sendo dissolvido em 1943. A “IV Internacional”, foi organizada em 1938 por comunistas aliados a Leon Trotsky, como alternativa a política stalinista, num momento de desintegração total da união entre a classe trabalhadora mundial.

anarquista *Evolução*, que acusavam os bolcheviques de “piratismo”¹¹⁹, pois deturpavam o socialismo e promoviam perseguições. Em primeiro lugar, a repulsa dos bolcheviques aos populistas, nihilistas e anarquistas russos (muito importantes na derrubada dos poderes instituídos e na mobilização popular) e, posteriormente, a perseguição, causaram no mínimo estranhamento entre os revolucionários chineses.

Aliás, no primeiro congresso da *III Internacional*, dirigida pelo *Partido Comunista da União Soviética*, realizado em março de 1919, havia sido deliberado apoio à criação de partidos comunistas em todos os países onde os movimentos em prol do proletariado estivessem ativos, apoio aos povos colonizados na luta contra as potências imperialistas e a se “lutar fortemente contra movimentos trabalhistas não comunistas”¹²⁰. Em um contexto de pós-guerra, a *III Internacional* adotou a estratégia de apoiar todos os esforços de tendência socialista, o que significou, em todos os lugares, a degradação dos movimentos populares e anti-imperialistas e a escalada de lideranças nacionalistas reformistas ou burguesas. Comissões foram enviadas aos países onde potencialmente se produziriam alianças, para que analisassem como e a quem seria oferecido apoio. O governo comunista soviético tinha conhecimento do movimento político nacionalista chinês, composto por socialistas de tendência social democrática ligados ao veterano Sun Zhongshan, e de que recentemente jovens intelectuais de tendência marxista colaboravam com as agitações de maio de 1919. Portanto, dois agentes do *Comintern* foram designados à China, Yang Mingzhai e Gregori Voitinsk, chegando a Beijing em 1920. Após uma visita a Li Dazhao, os comissários entraram em contato com Chen Duxiu, a quem instruíram as técnicas e táticas necessárias à organização do partido comunista. Em alguns meses um conjunto substancial de membros estava reunido para a formação do Partido Comunista da China, com militantes de Hubei e Beijing e estudantes que se encontravam no Japão e na França. Os artifícios previstos no primeiro congresso da *III Internacional* e reforçados no segundo foram postos em prática, a partir destes acertos. Os locais onde o pensamento revolucionário tinha mais repercussão, principalmente onde havia atuação anarquista, foram justamente os locais de cooptação para a entrada no Partido Comunista:

“Os agentes do Comintern deram a Chen um sentido mais claro de direção e as técnicas para formar uma organização política a partir da mistura descoordenada de grupos socialistas que já existiam na China. Um núcleo de membros em potencial do Partido Comunista

¹¹⁹ DIRLIK, 1991.

¹²⁰ SPENCE, 1996.

reuniu-se em maio, advindos de uma variedade de grupos socialistas, anarquistas, progressistas e do Guomindang, e Chen Duxiu foi indicado para secretário do comitê central provisório.

Em poucos meses, o movimento deu passos importantes. Duas organizações de fachada – uma agência de notícias sino-russa e uma escola de línguas estrangeiras – foram montadas para encobrir as atividades de recrutamento dos comunistas. Yang e a esposa de Voitinsky ensinavam russo a jovens chineses que depois eram enviados à União Soviética para treinamento avançado em organização revolucionária. Os agentes do Comintern também formaram uma liga da Juventude Socialista e fundaram uma revista mensal. A partir desse início, os grupos foram crescendo. Sob a direção de Mao Zedong, formou-se um grupo comunista de Hunan; outros formaram-se no mesmo ano em Hubei, em Beijing, pelos estudantes chineses no Japão e pelos estudantes na França.

O grupo francês será particularmente importante no Partido Comunista Chinês nos anos seguintes. Em 1919 e 1920, mais de mil jovens apresentaram-se para os programas de trabalho-estudo que tinham evoluído a partir dos programas anteriores (vários deles desenvolvidos por anarquistas chineses) que buscavam misturar educação superior com um estilo de vida moralmente rigoroso e até ascético. No grupo que foi por mar para a França no final de 1919 estavam vários amigos íntimos de Mao Zedong, da região de Changsha, em Hunan. Tinham atuado nas agitações trabalhistas locais, em protestos contra os japoneses e os senhores guerreiros e nas manifestações de Hunan que se seguiram ao Quatro de Maio de Beijing. Entre os que foram para Paris um ano depois estava Zhou Enlai, líder dos estudantes de Tianjin no Movimento Quatro de Maio, que fora preso por causa de seu ataque a uma repartição do governo regional no início do ano. O membro mais jovem do contingente francês vinha da província de Sichuan: Deng Xiaoping tinha apenas dezesseis anos de idade, mas já formara na escola secundária e

passara um ano na escola de treinamento especial de sichuaneses, planejando sua ida a França.”¹²¹

Causa espanto quando se observa a virulência com que Chen Duxiu passa a atacar os anarquistas no texto intitulado “She-hui chu-i tao-lun chi” (Discussões sobre o Socialismo). A difamação tinha propósito definido, considerando-se que muitos anarquistas e simpatizantes poderiam reconsiderar suas posições políticas. Houve quem respondeu com firmeza, representando que a maior parte dos anarquistas não se deixava levar pelos discursos autoritários. Ao contrário do que expressa Robert A. Scalapino na obra *El Movimiento Anarquista en China*, pois é recorrente entre os historiadores interessados no anarquismo a análise fatalista e complexada, a resposta de Ou Shengbai não representava a “debilidade”¹²² do anarquismo, mas a sua afirmação e denúncia contra a invenção comunista destrutiva. A “crescente onda comunista”¹²³, além de ventilada pelo *Comintern*, foi capaz de se erguer afundando o movimento social que levou anos para se construir e apagando a história destes antecessores.

Como reforça o historiador Arif Dirlik, as condições para a criação do Partido Comunista na China não emergiam da vontade original dos militantes revolucionários da época, boa parte das condições foram forjadas:

“As Chinese historians have begun to recognize in recent years, in these tangled relationships we find not only the conditions for the emergence of Communism, but very “moments”, ideological and organizational, out of which the Communist movement was forged. Of these relationships, two are of crucial significance. First is the relationship of Marxists to other socialists, in particular the anarchists, who participate directly in the efforts toward the founding of the Party.”

124

Não por menos, uma prática que esteve atrelada à tática de cooptação de militantes para o partido foi o acirramento das rivalidades ideológicas entre membros do movimento revolucionário. Em 1921 os estudantes de Paris e Lyon viviam dificuldades financeiras, pois os

¹²¹ SPENCE, 1996.

¹²² SCALAPINO, 1975.

¹²³ *Ibid.*

¹²⁴ DIRLIK, 1989.

salários pagos pelas empresas francesas eram irrisórios e, ainda por cima, os anarquistas responsáveis pelas organizações de *trabalho-estudo* enfrentavam a escassez de verbas. A situação foi agravada por sérias disputas internas, resultando em manifestações desorganizadas em frente à embaixada em Paris. Foram presos e deportados 103 manifestantes e entre os que se mantiveram estavam Zhou Enlai e Deng Xiaoping, que logo entraram para o Partido Comunista e se puseram a arregimentar mais militantes.

Enfim, mesmo com a cooptação e o assédio moral, alguns militantes do Partido Comunista ainda possuíam forte imaginário libertário, como ficou aparente na visita de Qu Qiubai, um dos integrantes do grupo de Li Dazhao, à União Soviética em 1920. Além de querer conhecer as condições da população soviética e os esforços empenhados pelos políticos comunistas para transformá-las, aproveitou para reverenciar a memória dos velhos anarquistas Kropotkin e Tolstoi, tão apreciados pela juventude chinesa:

*“Esse raio de luz socialista não podia ser visto na China que, achava Qu [Qu Qubai], era uma terra de ‘escuridão’ onde ‘quase perdi minha faculdade de ver’. Qu teve contatos, ainda ligeiros, com luminares russos da época, e isso aumentou sua excitação. Ouviu Lênin falar com um grupo de delegados, assistiu Chaliapin cantar montagens de poemas de Pushkin, conversou com o comissário Lunacharsky sobre ‘educação proletária’, compareceu ao funeral do anarquista Kropotkin e passeou com a neta de Tolstoi pela propriedade do grande escritor.”*¹²⁵

A exemplo do que se seguiu sistematicamente, em 1922, dois jovens integrantes do *Partido Comunista da China*, Li Lisan (que participou dos círculos de estudantes franceses) e Liu Shaoqi, formaram “clubes de trabalhadores”, para cooptar operários das minas de Anyuan e os das fundições de aço de Daye. No decorrer da década de 1920, principalmente depois de 1924, quando se estabelece a aliança entre o *Partido Comunista* e o *Guomindang*, houve intromissão em todos os âmbitos que despontavam nos anos anteriores com os militantes anarquistas e socialistas. A partir de 1927, restam poucos espaços de manifestação revolucionária autônoma, pois, como mostra o sociólogo Isaac Deutscher, é quando o Partido Comunista formaliza a prática marxista-leninista:

¹²⁵ SPENCE, 1996.

“...que o partido comunista, agindo como vanguarda do movimento, nunca deveria perder contato com as massas operárias e camponesas, mas sempre estar à sua frente e, finalmente, que deveria resguardar ciosamente a total independência do partido uma política e organização vis-à-vis todos os outros partidos. Esta era a quintessência do leninismo que poucos pioneiros do caminho chinês haviam absorvido antes da revolução de 1925-1927.”¹²⁶

3.4.2. BARGANHA E COLABORAÇÃO: GMD

Desde o início da era dos “senhores guerreiros”, Sun Zhongshan tinha perdido a ambição de ocupar o poder. O *Gemindang* foi desativado em 1918, em razão da total falta de inserção social. Ao final de 1919, Sun havia percorrido Shanghai e Guangzhou a procura de apoio para a retomada de uma organização política. Nesta data encontrava-se refugiado em uma concessão francesa, quando se reuniu com antigos aliados, como Hu Hanmin, Wang Jingwei e Chen Jiongming para novamente articular o *Guomindang* (Partido Nacionalista). A partir desta data Sun dedicou-se a coordenar um amplo movimento de reunificação nacional, baseado quase que unicamente em seu personalismo. Convocou, portanto, todos os militantes revolucionários com quem ainda mantinha alguma afinidade. Um dos que primeiro vem a se filiar ao partido é Jiang Jieshi, que dentro de poucos anos ganhou imensa projeção.

O convite para a participação no partido é lançado até mesmo à “velha guarda anarquista”, que tinha participado ativamente de todas as transformações nacionais do século 20 na China com bastante proximidade ao grupo de Sun Zhogshan. Os anarquistas do “grupo de Paris”, especificamente, gozavam de alto prestígio entre a nova geração de estudantes chineses, pois com os programas de *trabalho-estudo* foi a matriz básica da formação da juventude revolucionária. Sun talvez tenha especulado que a entrada destes indivíduos aos quadros do partido seria da maior relevância, pois recuperaria boa parte da confiança perdida entre os setores populares e intelectuais. O funcionamento dos singulares projetos educacionais no interior do partido, algo que nenhum dos acadêmicos ou intelectuais chineses, fora os anarquistas, conseguia promover com tamanha desenvoltura, seria fundamental para a garantia da legitimidade junto à sociedade e aos órgãos internacionais interessados. Já no primeiro ano de existência do *Guomindang*, quase todo o “grupo de Paris” aderiu à proposta de

¹²⁶ DEUTSCHER, 1969.

entrada no partido, de uma tacada só Zhang Jingjiang, Li Shizeng, Wu Zihui e Zhu Minyi passaram a compor os quadros nacionalistas.

Entretanto, antecipando-se a qualquer julgamento, vale a pena refletir sobre as possibilidades da ocorrência deste fato, pois chegar a alguma conclusão simples não mostra ser tarefa fácil. As pesquisas realizadas até o presente dedicam-se apenas a explicar como os anarquistas colaboraram com o *Guomindang*, mostrando a postura destes sujeitos no interior do partido. Mas há carência absoluta de informações de por quê eles aceitaram o ingresso no partido. Talvez necessitasse de uma verificação caso a caso, tamanha é a complexidade da situação, mas que não é possível ser estabelecida aqui com a pouca quantidade de documentos.

A estima pessoal a figura de Sun Zhongshan pode ter contribuído para o episódio, mas é insuficiente para explicar o tremendo deslocamento destes indivíduos. Aparentemente, os anarquistas que já tinham enfrentado as traições de diversos revolucionários ao governo de Yuan Shikai dez anos antes, às quais responderam com enorme indignação, a mera afetividade não conseguiria envergar seus princípios. Há grande possibilidade de que Sun Zhongshan tenha barganhado com os projetos de *trabalho-estudo*, oferecendo financiamento e apoio logístico. Nos últimos tempos houve corte das bolsas governamentais que eram cedidas a alguns alunos e precarização das condições de trabalho e assalariamento das empresas onde se empregavam os estudantes chineses, o que era o grosso da manutenção do ensino no estrangeiro. A estrutura das universidades e escolas chinesas era bastante discreta e a incapacidade de expansão da educação no território nacional ameaçava a continuidade dos programas. O Partido Comunista, ainda inexperiente, sem recursos e que teve parte de sua militância envolvida em conflitos com os anarquistas era incapaz de oferecer este tipo de auxílio, pelo contrário, era também fator de desestabilização. Se por um lado os anarquistas perceberam que o comunismo oferecia prejuízo ao desenvolvimento de seus projetos, por outro, talvez, acharam nas condições materiais do *Guomindang* o lugar perfeito.

Em 1921, Sun considera valiosa a nova política econômica lançada por Lenin, resolvendo dar apoio ao aparente afrouxamento do rígido socialismo de Estado soviético. A busca de uma nova política para o *Guomindang* indicada pelo *Comintern*, resultou em auxílio financeiro e militar aos nacionalistas em 1923. Neste mesmo ano Chen Jiongmíng, que havia assumido o poder central em Guangzhou, foi destituído por uma aliança entre “senhores guerreiros”. Sun Zhongshan deslocou-se de imediato à região para, na função de grão-marechal, formar um governo militar, que assumia a administração de questões econômicas e

militares internas e externas. Excluía-se a atuação no campo político, isolando a participação do Parlamento instalado em Beijing. Os recursos recebidos dos soviéticos serviria para a reconstrução nacional, inclusive, para investimento em educação.

Após alguns anos da formação do PCC, percebia-se que ainda não havia conquistado eficácia. Por essa razão, o *Comintern* preferiu fortalecer o *Guomindang* e recomendou aos comunistas a aliança com partido nacionalista. Sun Zhongshan chegava ao posto de líder vitalício do partido e adotou o conceito soviético do “centralismo democrático”. A aliança segue com a constituição do *Exército Revolucionário Nacional*, para que fossem realizados ataques organizados e sistemáticos contra as elites agrárias, urbanas e militares aliadas das potências capitalistas e contra as ocupações destas próprias potências em território chinês.

Sun falece no final de 1924, deixando vivo o compromisso de investimento nos programas de ensino dos ex-militantes do movimento revolucionário e anarquista. Quem assume seu posto é o chefe do *Exército Revolucionário*, Jiang Jieshi, no início de 1925. A partir deste ano fortes manifestações, realizadas principalmente por estudantes e trabalhadores, ocorrem em Shanghai, Hongcong, Guangzhou. Apesar das pesadas críticas movidas contra os anarquistas que passaram a colaborar com o *Guomindang*, feitas por anarquistas ativos nos movimentos sociais independentes destas mesmas regiões, o prestígio do “grupo de Paris” continuava inabalável.

O respeitado anarco-sindicalista Shen Zhongjiu, do estado de Zhejiang, que publicou em 1924 no jornal anarquista de Shanghai, o *Ziyou ren* (Povo Livre), um texto expressando a sua radical oposição à colaboração dos “velhos” anarquistas com o *Guomindang*, em 1927, junto com outro anarco-sindicalista chamado Bi Xushao, dirigiu o *Colégio de Trabalhadores Industriais da Universidade Nacional do Trabalhador*. Os militantes anarquistas radicais de Sichuan membros da *Mingfeng she* (Sociedade da Vanguarda Popular), que fizeram as críticas mais ferozes à colaboração com o partido nacionalista, em pouco tempo estavam ocupando cadeiras estudantis na universidade.

O projeto devia ser realmente tentador, pois a repercussão tinha potencialmente dimensões espantosas. Isso foi encarado pelos persistentes discordantes anarquistas como mero oportunismo, como mostrou o jornal anarquista *Minzhong* (O Alarme do Povo). No final de 1927, o jornal aproveitou o assunto tratado no seu editorial, uma homenagem especial a Shifu, para a crítica da situação. Além de dizer que “in China at present, there is no one worthy of our

respect of other than Shifu”¹²⁷, relembra o ataque que Shifu fez na oportunidade que Zhang Ji traía a sociedade secreta anarquista da qual fez parte para integra-se ao governo de Yuan Shikai.

A versão do oportunismo para a flexão dos anarquistas ao *Guomindang*, pode ser reforçada, vide o exemplo de Zhang Jingjiang. Zhang revirou a sua tradição familiar de ricos comerciantes e empresários, família conhecida como uma dos “quatro elefantes”¹²⁸ (as mais ricas) de Shanghai para dedicar grande parte de sua herança e todo o seu tempo à construção de um movimento revolucionário e anarquista, sinceramente seduzido pelo anarco-sindicalismo. Durante a Revolução de 1911, Zhang prestou ajuda financeira ao grupo de Sun Zhongshan. Talvez a promessa de auxílio na expansão de seus projetos dez anos depois, em troca de colaboração com o partido é claro, mais aparentava uma retribuição. Zhang tinha grande influência entre os outros anarquistas e talvez tivesse, em alguma instância, convencido seus companheiros a tomarem a mesma posição. Através de observação da biografia de Zhang Jingjiang e do debate historiográfico necessário, verifica-se principalmente que a entrada dos anarquistas no *Guomindang*, diferentemente à cooptação do partido comunista, teve um grau de autonomia de escolha bastante elevado. Portanto, a escolha pela barganha e a troca de favores, caso seja verdadeira, identifica-se perfeitamente com a idéia de oportunismo.

O *Guomindang* autorizou a proposta de fundação de uma universidade em Shanghai, a *Guoli Laodong Daxue* (Universidade Nacional do Trabalhador), que seria aberta em 1927. A criação desta instituição é o mais ambicioso de todos os projetos de *trabalho-estudo*. Tendo os mesmos princípios do *Movimento de Estudo Frugal e Trabalho Diligente*, a *Universidade do Trabalhador*, tinha seu próprio jornal, com o qual fazia seus debates e propaganda ideológica, e carregava o lema: “Xuexiao nongchang gongchanhua, nongchang gongchang xuexiahua”¹²⁹ (Transformar escolas em campos e oficinas, campos e oficinas em escolas). Esta universidade chegou a ter cerca de 600 alunos, divididos nos *Laogong xueyuan* (Colégio de Trabalhadores Industriais), *Laonong xueyuan* (Colégio de Ciências Agrícolas) e o *Shehui kexue xueyuan* (Colégio de Ciências Sociais)¹³⁰, com currículo bastante sofisticado (inclusive com cursos de esperanto), compatível a qualquer universidade ocidental. Educadores e intelectuais de outros países, principalmente da França, foram convidados para acrescentarem a constante construção curricular e letiva da instituição. Por óbvia influência do antigo “grupo de Paris”,

¹²⁷ DIRLIK, 1991.

¹²⁸ TIAN, 2001.

¹²⁹ CHANG, 1991.

¹³⁰ *Ibid.*

alguns destes visitantes estavam ligados às idéias libertárias ou até mesmo ao anarco-sindicalismo, como foi o caso do jornalista e militante francês Jacques Reclus (sobrinho do famoso geógrafo anarquista Eliséé Reclus). Os anarquistas, no final da década de 1920, constituíam um importante grupo de cientistas sociais, e boa parte deles lecionou nas escolas elementares e médias da universidade, como o anarquista vindo de Hunan, Kuang Husheng. Taiji Yamaga e dois outros anarquistas japoneses são convidados para lecionar¹³¹.

A universidade foi extinta em 1932, pelas intervenções e corte de verbas do Ministério da Educação, que passou considerá-la extremamente subversiva. O governo ocupado pelo *Guomindang*, desde 1928, começava a reprimir o operariado que organizava manifestações e greves em diversas cidades em nome da integração das classes contra os inimigos externos, o que expôs os reais objetivos do partido, para desespero dos anarquistas. Este mesmo modelo educacional foi retomado anos depois, com algumas mudanças, pelos comunistas e correligionários de Mao Zedong.

3.4.3. O ANARQUISMO REMANESCENTE NAS ASSOCIAÇÕES DE CLASSE: AS ÚLTIMAS COOPTAÇÕES

No dia 30 de maio de 1925, fortes revoltas públicas irrompem, greves e manifestações estudantis em Shanghai, com forte expressão anarquista – anti-militarista e anti-imperialista – contra a repressão e a ocupação inglesa. Manifestações que terminaram em um massacre. Nas cidades próximas de Shanghai houve intensas agitações em solidariedade aos “Mártires de Trinta de Maio” e posteriormente uma greve geral foi convocada pelos trabalhadores de Hongcong e Guangzhou contra os ingleses. Em sua cronologia da história do anarquismo na China, Valdimiro Muñoz cita o episódio:

“Em março, trabalhadores de Shanghai deflagram uma greve. Eles são barbaramente reprimidos pelas autoridades chinesas. Uma grande manifestação de apoio aos trabalhadores é sustentada por libertários chineses, da qual participa Li Feigan, que é violentamente

¹³¹ MUÑOZ, 1977.

suprimida. Este fato acendeu a faísca do movimento de libertação de 'Trinta de Maio', na China."¹³²

Muñoz também traz à tona um episódio anterior, de 1922, em que as autoridades chinesas executaram dois militantes anarquistas em Changsha, Huang Ai (Wang) e Pang Jen Chuan, ao reprimirem violentamente uma manifestação coordenada por estudantes e operários. Nos dias adjacentes seguiram-se intensos protestos populares em memória dos dois jovens assassinados.

Apesar da baixa sofrida pelos anarquistas (que tiveram vários de seus companheiros aderindo ao PCC ou colaborando com o GMD), a força conquistada até o final da década de 1910 ainda era pujante e, ao contrário do que especulam muitos historiadores, tinha grande inserção no setor estudantil como principalmente na classe operária. Segundo Arif Dirlik, entre os anos de 1922 e 1923 os anarquistas contavam com "several thousands"¹³³ (vários milhares) de militantes na China. O movimento operário destes anos possuía forte influência dos anarco-sindicalistas dos estados de Guangzhou, Hunan, Sichuan e Zhejiang. Segundo ele, no primeiro na formação da *Shanghai gongtuan lianhe hui* (Federação de Sindicatos de Shanghai) e *Congresso Nacional Operário* (ocorrido em Guangzhou em 1922) havia clara hegemonia dos anarquistas, frustrando a vontade dos comunistas de arregimentar prontamente o movimento operário. Em 1925, no Segundo Congresso os anarquistas continuavam com grande peso, mas a cooptação comunista já havia conseguido se equilibrar.

Através de notícias de jornais sindicais e anarquistas brasileiros justamente dos anos de 1922 e 1923, percebe-se que o anarquismo vivia tempos férteis entre a classe trabalhadora:

"Assim é que já existem tais organizações em Shangay, Hon-Kong e Kanton. Os sindicatos são auxiliados pelos socialistas e anarquistas que ensinam aos trabalhadores que o seu maior inimigo é a classe capitalista e que para se salvarem da miséria com que os assedia urje destruí-la e implantar o comunismo.

Existem, presentemente na China, mais de 10 jornais como órgãos dos trabalhadores entre os quais os mais conhecidos são: - 'O Social', que se publica diariamente em Kanton; o 'Movimento Trabalhista', em

¹³² MUNHOZ, 1977.

¹³³ DIRLIK, 1991.

Beijing; o 'Mundo Trabalhador', em Shangaj; o "Trabalhador" em Kanton, sendo que esses três últimos saem êbdomadariamente.

Além disso publicam-se ainda duas revistas – 'A Voz do Povo' e 'O Comunista' também muito difundidas entre os trabalhadores e que possuem o condão de os despertar para a Revolução Social.

O movimento grevista é quazi sempre animado. Os trabalhadores já conseguiram melhorar o salário e diminuir o orario de trabalho, mas anda trabalham dés oras por dia. Sómente os maquinistas de Kanton lograram ter nove óras de trabalho e folga aos domingos."¹³⁴

"Em 1920 deu-se a prisão de todos os fundadores do "Estela de Tukien", em C'ang-Ci'u, os quais por ocasião de uma grande festa atlética distribuíram centenas de milhares de manifestos anarquistas.

Em 1921 aparece novamente o "Voz do Povo" em Guangzhou, "A Liberdade" em Shanghai, "Vida Nova" em Beijing. São editados os livros "A Ciência Moderna e o Anarquismo" e outras obras de Kropotkin.

Nos últimos tempos o movimento cresce extraordinariamente. Em toda a parte se fundam grupos e órgão de publicidade. Em Beijing – "Movimento Social" e "Movimento Popular", em Guangzhou "O Livro do Povo", em Amuy "A Hora do Povo", em Shanghai "O Homem" e na França (escrito em língua chinesa) "O Trabalho". Novo grupo em Hunan – "A Anarquia" e "A Conveniência" em Sze-C'uan.

O nosso movimento tem sido tumultuado e difícil, principalmente por falta de dinheiro, mas isso não tem impedido que se expanda cada vez mais., desde o seu surgimento no país.

¹³⁴ RENOVAÇÃO, fev. 1922.

Em princípio a propaganda era feita somente pela imprensa e por meio de livros. Desde maio de 1921, porém, é feita com muita atividade. Os primeiros passos deste novo caminho custam muitas prisões e sofrimentos. Até ocorreu o fato uma pessoa que foi presa e veio a falecer em consequência das torturas físicas aplicadas e em 1922 os camaradas Wang e Pang foram mortos a tiro pela polícia pelo fato de incitarem os grevistas contra os exploradores.

No movimento sindicalista ainda não conseguimos grande eficácia, pois os trabalhadores chineses são muito incultos. Contudo, graças a nossa influência, acabam de ser fundados alguns sindicatos em Shanghai, Guangzhou, Hongcong e Tien-Cin.¹³⁵

Ultimamente, com os camaradas japoneses e russos fundamos a organização Anarco-comunista com sede em Baijing, Shanghai e Guangzhou.”

Aliás, no ano de 1922 um periódico anarquista chamado *Oceano de Estudo* é publicado em Beijing e os trabalhadores chineses em Paris publicam a revista *Trabalho Extra*. Em 1923 o importante livro escrito por Kropotkin, *O Apoio Mútuo*, é traduzido para o chinês e editado em Shanghai pelo coletivo editorial *Publicadores Comerciais*. Neste ano, também em Shanghai, é publicado o periódico libertário *Homem Livre*.

Em 1926, o jornal chamado *Rebelião do Povo*, material impresso por uma editora anarquista de Shanghai com o mesmo nome, publica uma matéria sobre a “Tragédia de Chicago”, de autoria de Li Feigan (Ba Jin). Neste ano também forma-se a *Associação dos Trabalhadores Confederados* de Shanghai, com grande influência do anarquista, tendo o boletim *O Arauto Chinês do Trabalho* como veículo de propaganda. Em Beijing é publicado um jornal anarquista diário, chamado *Diário da Justiça*¹³⁶.

Em Guangzhou o movimento operário anarquista durou até o final da década, estabelecendo, em 1927, a *Geming gongren lianhehui* (Federação de Trabalhadores Revolucionários) e a *Gongren yundong jianxi* (Instituto de Treinamento ao Movimento Operário). A participação dos operários anarquistas na insurreição de Guangzhou (Comuna) foi reprimida

¹³⁵ A PÁTRIA, 30.12.1923.

¹³⁶ MUÑOZ, 1977.

pelos comunistas, que a estavam organizando. Seria este o marco da desintegração da inserção social do anarquismo.

Para animação da intelectualidade e o movimento operário remanescente, a *Livraria Libertação* de Shanghai, em 1927, lança o projeto de publicar as obras completas de Kropotkin, tendo seis volumes editados até que a livraria fechasse por problemas financeiros: *O Papel Histórico do Estado e Outros Ensaios* (traduzido por Ling Shiang e Lu Tung); *Ciência Moderna e Anarquismo* (traduzido Ling Shiang e Chen Tien), *A Conquista do Pão* (traduzido por Li Feigan), *Campos, Indústrias e Oficinas* (traduzido por Han Nan); *Ética: origem do desenvolvimento da moral*, (2 vols., traduzido por Li Feigan).

Afinal, a cooptação e a difamação dos comunistas, a perseguição, a supressão aplicada pelo *Guomindang* aos “velhos” anarquistas e, em menor grau, a quebra oportunista de princípios promovida pelos próprios colaboradores anarquistas do *Guomindang*, levou a que a história do movimento anarquista de toda a década anterior fosse apagada. Os anarquistas chineses perderam seus espaços de atuação, pois se encontravam já sem credibilidade, sem as bases populares, e, conseqüentemente, sem orgulho para tratar do seu passado. Portanto, os partidos e seus respectivos setores de documentação e memória se apropriaram das conquistas libertárias, proclamando serem suas as expressões revolucionárias que culminaram no *Quatro de Maio de 1919*. Com o passar dos anos e a conquista do poder pelo Partido Comunista Chinês em 1949, as principais figuras políticas desta época reforçaram a versão anterior, sobretudo porque boa parte deles conviveu e se formou como revolucionário (mas renegou) com o anarquismo em sua juventude.

3.5. BREVES COMENTÁRIOS: BA JIN

Dar-se-ia por encerrada esta dissertação, pois, como se conclui, a partir da década de 1930 o movimento anarquista na China foi enfraquecido e tornou-se inexpressivo como instrumento de organização social e luta contra o sistema capitalista e autoritário a ser abraçado por estudantes e operários, contudo, apesar da pouca quantidade dos militantes que ainda animavam-se em levantar a bandeira negra a qualidade da atuação destes foi inestimável. Toma-se como estandarte destes anarquistas solitários a figura de Ba Jin, que foi o mais ativo desta categoria e o que teve a trajetória com maior nível de peculiaridade.

Se pormenorizarmos a biografia de Ba Jin, chegaremos à constatação de que desde o momento inicial em que ele se identificou com a causa anarquista até quando seu corpo e mente não agüentaram mais, não houve um só instante que ele deixou de concretizar algo em prol da anarquia. Como as bases sociais dos anarquistas encontravam-se intangíveis, sua militância compreendeu a intensa produção intelectual, teórica e literária, e de propaganda anarquista explícita. Por esta razão, Ba Jin foi constantemente importunado pelos aparatos repressores e teve de regredir muitas vezes em seus trabalhos, que eram devassados e destruídos, se não, apropriados e alterados.

O impulso de Ba Jin em não se deixar levar pela subordinação da História, moveu um “exército de um homem só”¹³⁷ tanto para se fazer perceptível como para não deixar que a história do movimento anarquista, da qual boa parte ele acompanhou e contribuiu, ser esquecida. Um dos motivos centrais de se falar sobre a vida e a obra de Ba Jin no contexto desta dissertação é a sua importância como o grande guardião da memória anarquista da China. O falecimento de Ba Jin faz poucos meses pode ser motivo de tristeza, entretanto, o que ele realizou em vida valeu por muitas gerações, daqueles que o antecederam na morte mas que tiveram reacendidas as suas memórias.

Li Yaodang (nome original de Ba Jin) nasceu em 1904, na capital do estado de Sichuan, Chengdu, sendo criado sob um modelo familiar tradicional. A sua cidade-natal era uma cidade bastante envolvida nas modernizações agenciadas pela cambaleante dinastia Qing e, conseqüentemente, envolvia-se no contato com novas idéias e movimentos políticos. Nela se observou o crescimento de grupos revolucionários e da luta pela derrubada do sistema imperial. Os efeitos da revolução de 1911 foram sentidos em Chengdu, época em que Ba Ji ainda era muito criança. As mudanças no sistema educativo e as boas condições financeiras de sua família possibilitaram o acesso de Ba Jin ao estudo formal e mais tarde o levaram a estudar na Escola Especializada de Língua Estrangeira de Chendu, por volta de 1920.

O *Quatro de Maio de 1919* foi responsável pela disseminação da ideologia anarquista, através da repercussão da grande manifestação de Beijing em toda a China. A notícia chega aos ouvidos do jovem Ba Jin, que a partir desta data já se denomina anarquista. Em 1920, ele entra em contato com o grupo anarquista *Sociedade Justa* de Chendu, com o qual pode ter acesso à literatura libertária. Neste ano ele lê pela primeira vez o texto “Apelo à Juventude”, escrito por Piotr Kropotkin, que saía editado no jornal de influência anarquista *Min Bao*.

¹³⁷ Como Mayer Guinzburg, personagem do livro de Moacyr Scliar e que é tema da bela música da banda brasileira de rock Engenheiros do Hawaii.

Ba Jin resolve transferir-se para Shanghai em 1924 e algum tempo depois entraria para uma universidade em Nanjing. Em 1925, um acontecimento seria marcante para Ba Jin, as manifestações e greves contra a ocupação e a repressão inglesa em Shanghai, em torno dos “Mártires de Trinta de Maio”, das quais ele participou junto com inúmeros anarquistas. Subsidiado pela *Associação Educacional Sino-francesa* organizada por mestres e estudantes anarquistas chineses em Paris, Ba Jin é convidado a visitar o grupo saindo de uma embarcação em Shanghai em 1927. Ba Jin já tinha contato com diversos anarquistas de outros países como Emma Goldman (a quem tratava carinhosamente como “mãe espiritual”), Erico Malatesta e Alexandre Berkman, com os quais entrou em contato pessoalmente nesta sua viagem à Europa. Na capital francesa ele foi ativamente engajado no processo de libertação de Sacco e Vanzetti, puxando apoio dos grupos anarquistas chineses com que tinha proximidade. Ao retornar à China um ano depois, Ba Jin traduz as obras *Memórias da Revolução* e *Ética* de Kropotkin e escreve o prefácio destes dois livros. Em todos os panfletos, jornais ou livros desta década, ele utiliza-se do codinome *Li Feigan*.

A inserção de Ba Jin no mundo literário, inspira-o a começar a escrever novelas, todas elas com debates sobre o ideal libertário ou contando com personagens, fictícios ou históricos, anarquistas. É nesta época que ele, para assinar suas obras literárias, adota o pseudônimo Ba Jin (conjugação da primeira sílaba do nome de **B**akunin e a última do nome de Kropot**kin**). Entre as novelas escritas por Ba Jin, abre-se espaço para discussões teóricas sobre o anarquismo, como a publicação do livro *Do Capitalismo ao Anarquismo*.

No começo da década de 1930, Ba Jin dedica-se a escrever novelas com temas de fundo intimista e social, com dramas humanísticos, familiares e afetivos: *A Família* (1933) e as trilógicas românticas *Névoa* (1931), *Chuva* (1933), *Iluminação* (1935) e *Primavera* (1938), *Outono* (1940) e *Um Sonho do Mar* (1941). A maioria das obras tratava das relações opressoras das famílias tradicionais chinesas e da sociedade feudal sobre as mulheres e as crianças. Na década seguinte a novelas de Ba Jin terão como pano de fundo a invasão japonesa à China: *Um Jardim de Repouso* (1944), *Guerra Número 4* (1946) e *Noites Frias* (1947). Em 1936, Ba Jin publica dois livros sobre História: *História do Movimento Niilista Russo* e *História da Revolução Francesa*. Ainda assim, não larga mão de publicar literatura anarquista explícita em diversos artigos onde exalta a Revolução Espanhola, traduzindo a obra *A Guerra na Espanha*, em 1937, escrito originalmente por Rudolf Rocker, e editando o livro *A Aurora da Espanha* (1939).

Em 1947, o famoso periódico *Novos Tempos*, editado pelo grupo de Paris entre os anos de 1906 a 1911 é reeditado, formando um volume, pelo coletivo editorial da *Casa de Edição Pingming* de Shanghai, da qual Ba Jin é associado. Neste ano Ba Jin auxilia essa editora de Shanghai na tradução de algumas obras de Piotr Kropotkin para o chinês: *Palavras de um Revoltado*, *A Conquista do Pão*, *Ciência Moderna e Anarquismo*, *Campos, Indústrias e Oficinas* e *Nas prisões da França e da Rússia*. Publica também a tradução dos livros *Seis Homens*, de Rudolf Rocker e *A Vida do Proletariado*, de Bartolomeo Vanzetti.

Coincidentemente, Ba Jin publica em 1949 um romance intitulado *Declínio*, quando se inseria como membro da Federação Chinesa de Literatura e Círculos de Arte. Alguns anos depois da instauração da República Popular da China, começa um martírio. Além da violenta censura às suas novas publicações, inicia-se o processo de “técnicas literárias”¹³⁸ comunista. Através destas “técnicas” as obras de Ba Jin foram violadas por cortes e alterações, textuais e contextuais. A literatura de Ba Jin era muito difundida entre a juventude chinesa, que de alguma forma ainda mantinha acesa a militância e a ideologia anarquista. Os órgãos oficiais em 1962, aproveitando-se da popularidade principalmente de suas novelas, publicam de uma só vez quatorze de suas obras, algumas quase que reescritas. Todas as referências sobre Emma Goldman, que não foram poucas, desapareceram em suas memórias, seus ensaios e novelas. O herói da obra *Trovão*, personificado pela própria “mãe espiritual”, teve a sua moral anarquista eliminada, retirando-se principalmente a defesa ao amor livre. O mesmo aconteceu com o anarquista chinês Liu Shifu, muito reverenciado por Ba Jin, tal como com o poeta libertário japonês Ishikawa Sanshiro. Bartolomeo Vanzetti e Nicola Sacco foram mantidos em suas histórias, mas não mais como anarquistas, mas como valentes trabalhadores italianos que terminaram julgados e executados em Boston no ano de 1927. Ba Jin chamava Bartolomeo Vanzetti de “mestre”, pois o seu personagem é um tipo de tutor moral, e essa versão permanece, porém, as lições morais consistem em conselhos gerais sem que a ideologia e a citação de outros renomados anarquistas aparecesse. Albert Parsons, August Spies, Alexander Berkman e outros proeminentes anarquistas são mencionados como revolucionários, mas não mais como anarquistas. O mesmo acontece com a jovem anarquista Yuliana da Polônia, com quem Ba Jin estabeleceu forte comunicação em Paris e que ele mencionava em duas de suas histórias. Por fim, todas as obras publicadas por Ba Jin nas quais fazia o elogio à Revolução Espanhola, inclusive uma homenagem que ele havia feito a Buenaventura Durruti, foram censurados pelo governo comunista.

¹³⁸ MUÑOZ, 1977.

Em 1960, Ba Jin foi eleito vice-presidente da Federação Chinesa de Literatura e Círculos de Arte, mas sem força para a resistência. Entretanto, o sofrimento de Ba Jin extrapolou a censura literária e passou às agressões físicas e morais. Durante bom prazo da “Revolução Cultural” (1966-1976), Ba Jin e sua família sofreram forte perseguição policial. Ele e sua esposa, Xiao Shan, foram levados ao tão conhecido “estábulo”, usando placas com frases humilhantes, indicando serem contra-revolucionários, direitistas e, ainda, respectivamente “Demônio” e “Vagabunda Imunda”¹³⁹.

“Ela pensou estar sofrendo o maior tormento espiritual de sua vida, a pressão poderia ter sido mais leve, mas isso realmente me feriu.” Ba Jin escreveu em suas memórias “Pensamentos Aleatórios”¹⁴⁰

Em 1975, Ba Jin, já bastante idoso, recebe o Prêmio Nobel de Literatura (1975). Numa mistura de angústia e entusiasmo, pois este prêmio era oferecido, justamente pelo conjunto das suas obras “esquartejadas”, ele recebe este prêmio e começa a retomar seu contato com o mundo literário. Sua angustia estava na noção de que a juventude chinesa desconhecia completamente os seus escritos sobre anarquismo e ao longo dos anos se tornara rígida e autoritária.

Em uma nova fase discreta e apagada de sua vida, Ba Jin é eleito deputado para do Congresso Nacional Popular (1978), presidente da *Associação Chinesa de Escritores* (1983) e ainda presidente honorário da Fundação Chinesa de Literatura (1986). Em 2001, mesmo estando internado em um hospital de Shanghai, pois está enfermo com *mal de Parkinson*, Ba Jin é premiado novamente com o Prêmio Nobel de Literatura. Em todos os lugares por onde passa, até pelas premiações, a simples história da composição anarquista de seu nome é escondida do público em geral. Para seu alento, alguns historiadores se interessaram seriamente por sua biografia e não quiseram esconder da sua militância anarquista. Entre eles esteve a pesquisadora e amiga Olga Lang, que por muito tempo já se interessava pela história política e revolucionária da China Contemporânea, e que dedicou algumas obras em sua memória. A partir do esforço de Olga, vários historiadores recentes interessados seguiram com diversas publicações sobre o anarquismo na China e a valiosa contribuição de Ba Jin. Em outubro de 2005, falece o guardião da história do anarquismo na China, talvez, aliviado por ainda ter cumprido seu papel na História.

¹³⁹ TA KUNG BAO, 1978.

¹⁴⁰ Ibid.

4. APONTAMENTOS SOBRE O APAGAMENTO E O ESQUECIMENTO DA HISTÓRIA DO ANARQUISMO

Apesar da grande importância nas transformações da segunda metade do século 19 e primeira metade do século 20 em diversos lugares do globo, a memória dos movimentos e pensadores anarquistas foi arremessada ao “esquecimento”, sobrando apenas poucos cacos a serem coletados. São raros os materiais onde consta a participação ou a existência dos mesmos, o que imprimiu gigantesca dificuldade à realização desta pesquisa. Entretanto, alguns intelectuais anarquistas chineses da época sistematizaram algumas obras, ou com suas memórias sobre os acontecimentos.

O declínio histórico do anarquismo, não atoa, é ainda apresentado ao longo dos anos por seus opositores (em particular os marxistas) como uma consequência natural do processo histórico de transição de sociedades pré-capitalistas para o capitalismo. Essa tese, que tem como representantes historiadores como Eric Hobsbawm, é facilmente refutada quando se procuram outros subsídios para a pesquisa fora do rol das obras produzidas pelo próprio marxismo. Apresentando-se sob o rótulo da cientificidade e “neutralidade” (denunciada ao revés pelos impulsos do dogma absorvido de Lênin), Hobsbawm, sempre que se refere ao anarquismo chega à distorção da realidade em vários momentos de suas obras.

“Os historiadores marxistas, seguindo os passos do clássico estalinista Eric Hobsbawm, que afirmou com toda a sua imensa arrogância culta que ‘o anarquismo não tem qualquer contribuição significativa a fazer à teoria socialista...’, procuravam demonstrar, a partir dos seus preconceitos ideológicos, que o anarco-sindicalismo era um primitivismo incapaz de contribuir para a luta contra o capitalismo e para a construção duma sociedade socialista, pois só

atrelando o operariado e suas organizações à orientação política, do chamado partido de vanguarda do proletariado, poderiam os trabalhadores derrubar o capitalismo. Na sua fé inabalável na eficácia do modelo de ‘socialismo real’ Hobsbawm escreveu em 1958 – dois anos após o XX Congresso do PCUS reconhecer a infâmia do estalinismo!: ‘a história do anarquismo, quase única entre os modernos movimentos sociais, é de um fracasso incessante’¹⁴¹.

Se para os historiadores liberais ou os marxistas o declínio do anarquismo é fruto de um progresso histórico, para os historiadores anarquistas o declínio está justificado, em primeiro lugar, pelas próprias disputas políticas (e físicas) com estas forças que eliminam e desqualificam a sua história, no passado ou no presente, e, em um grau mais particular, por falhas específicas de estratégia de resistência do movimento anarquista respectivo. Aliás, o anarquismo, ao contrário do marxismo, não concorda com a idéia da existência de um sujeito histórico predestinado, uma classe abstrata ou grupo social capaz de realizar, em função de um destino histórico, a mudança social. O pensamento anarquista decisivamente não reivindica qualquer matriz *hegeliana*, que formule sobre um tal “espírito histórico” progressista. Os libertários consideram que a classe ou o sujeito histórico procede-se somente através da mobilização real, um processo de aquisição de autonomia, autodeterminação *de* “conscientes e autores de nosso próprio evolver histórico”¹⁴². conscientização gradual e alcance da autodeterminação. Neste sentido, as forças mobilizáveis foram as mais vastas e plurais. Desde Bakunin e Kropotkin, os anarquistas sempre estiveram no centro dos contextos revolucionários, ao lado do proletariado, dos camponeses, dos marginais, mulheres e jovens, todos os explorados e excluídos.

Mesmo quando as evidências são superiores às vistas grossas dos marxistas, a ignorância ainda teima. Voltemos ao exemplo de Hobsbawm. Em várias de suas obras o preconceito e a distorção histórica são evidentes: em *Rebeldes Primitivos: estudo sobre as formas arcaicas dos movimentos sociais nos séculos XIX e XX* (1959), *Bandidos* (1969) e *Capitão Swing* (1969). Os bandoleiros sicilianos, os lazaretistas de toscana, as secções operárias britânicas, os anarquistas andaluzes, a máfia, Robin Hood e seus seguidores, Pancho Villa, Salvatore Giuliano, os *haikuks* balcânicos, os *dacoits* da Índia, os cangaceiros do nordeste brasileiro e os camponeses da Colômbia e do Peru, todos são tratados como expressões pré-

¹⁴¹ SILVA, 2000.

¹⁴² CASTORIADIS, 1987

políticas que não dispõem de uma linguagem específica para expressarem suas aspirações de luta por igualdade e justiça e travarem uma luta contra as classes ricas e governamentais.

No seu estudo específico das comunidades agrárias da Andaluzia (Espanha), ele enxerga que estas eram movidas apenas por uma utopia, pelo milenarismo e sob uma idéia apocalíptica da realidade. Neste caso a avaliação sumária é facilmente desmentida (e creio que seja em todos os outros casos também) pela constatação, de que, quando surgiram as condições, como aconteceu em julho de 1936, os povoados anarquistas se mostraram perfeitamente capazes de realizar uma “revolução clássica”, “tomando o poder das mãos das autoridades locais, dos policiais e dos proprietários de terras”¹⁴³. O acontecimento da Revolução Espanhola (1936-1939), impulsionado por um movimento anarquista amplo e popular, que incluía a inserção nos campos, nos sindicatos (filiação à C.N.T, de orientação anarco-sindicalista) nos *fronts* de guerra, etc, tornou inquestionável a sua lucidez ideológica e política. Todavia, o historiador citado acima julga ser fruto de “um impressionante movimento moderno de massas milenarista”.

O socialismo científico (marxista) tornou-se estritamente associado às políticas de estado e as tendências chamadas “realistas” cumpriram eficientemente o papel de inibidoras dos grupos, ideologias e versões históricas existentes, vigorando o monopólio da produção historiográfica e o auto-elogio, tal como mostra Francisco Foot Hardman:

“O realismo socialista levou às últimas conseqüências a ideologia de uma cultura proletária ‘autêntica’. Paradoxalmente, tornou-se retrógrado e passadista, rejeitando como ‘decadentes’ várias obras e criações estéticas que a humanidade conheceu neste século, malgrado era imperialista e o definhamento da civilização burguesa. O Estado ‘socialista’, ao invés de incorporar esse acervo e transformá-lo dentro de novas condições que dessem plena vazão à liberdade criadora, bloqueou por completo o livre desenvolvimento cultural das massas: por trás dos totens da cultura oficial, imposta como manifestação de uma estética ‘popular-revolucionária’, esconde-se a monolítica ideologia de auto-idolatria do Partido único e da propaganda estatal.”¹⁴⁴

¹⁴³ MOLINA, 1996

¹⁴⁴ HARDMAN, 1984.

Em convergência às palavras da anarquista Luce Fabri, creio que esta interpretação seja a maneira mais coerente de se enxergar o processo de declínio político e da memória do anarquismo na China:

“Frente ao socialismo científico, a corrente bakuniniana pareceu ‘fora de moda’ pelo fato de conservar as características e - em parte - o vocabulário do socialismo sem adjetivos, de ampla base popular e de continuar combatendo ‘contra o governo e os patrões’. Mas que os fatos hoje têm revelado a todos o caráter utópico da teoria da autodestruição do Estado. Todos os socialistas, mais ou menos abertamente, têm-se resignado a reconhecê-lo; desde o ponto de partida deste tácito reconhecimento se ramificam as derivações atuais do socialismo tradicional: a que introduz o socialismo no Estado Democrático (social-democracia); a que aceita a ditadura como sistema permanente, conservando alguma ocasional reserva teórica, enunciada por dever de ofício e sem convicção a propósito do socialismo do ano 3000 (stalinismo); e, finalmente, a que quer realizar o socialismo fora do Estado e contra ele”¹⁴⁵.

Historiadores libertários como Carlos da Fonseca¹⁴⁶, em suas pesquisas, enfocando o contexto lusitano, ofereceu provas substantivas de como o movimento anarquista do século XX estava amplamente inserido entre os movimentos sociais, dos trabalhadores industriais e nos principais centros operários. O historiador Rudolf de Jong¹⁴⁷, em um texto despretensioso, mas extremamente precioso por sintetizar e sistematizar esta discussão, mostra justamente que pelo fato de o pensamento e a prática anarquistas estarem sempre ligados à atuação “periférica”, ou às ações “pré-políticas”, são as que conseguem alcançar real mobilização revolucionária, ou seja, as adquirem maior potencial de combate direto às estruturas do sistema. As expressões “periférico” e “pré-político”, nas palavras de Rudolf de Jong, são ironias às expressões

¹⁴⁵ FABRI, 2004.

¹⁴⁶ Carlos Fonseca é autor de outras obras importantes:

1. FONSECA, Carlos da. *A origem da 1ª [primeira] Internacional em Lisboa : o centenário da federação portuguesa*. Lisboa, Estampa, 1973.

2. _____. *Histórias do Movimento Operário e das Idéias Socialistas em Portugal, IV - Greves e agitações operárias*, 1º parte, Pub. Europa-América, sd.

3. _____. *Para uma análise do movimento libertário e de sua história.*, Lisboa, Ed. Antígona, 1988.

¹⁴⁷ JONG, Rudolf de. “Algumas observações sobre a concepção libertária de mudança social e revolucionária”. In PINHEIRO, Paulo Sérgio (org.) *O Estado autoritário e Movimentos Populares*. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980.

sociológicas viciadas utilizadas para classificar a história de todos os movimentos autônomos. Todavia, a afirmação destes termos foi escolhida por ele como uma forma de mostrar a contrariedade destes movimentos, incluindo o anarquismo, aos modelos “centralistas” – que pretendem promover a revolução social através do centro do sistema e assim acabam sendo absorvidos por ele.

“As organizações de trabalhadores por muito tempo consideradas como periféricas, estão agora sendo aceitas como um centro – entre muitos – de poder e política. Mas por muitos anos outros aspectos tradicionais do movimento trabalhista, tais como a ação direta, a auto-organização, a solidariedade, o auxílio-mútuo e toda a história e ideologia anarquistas permaneceram, curiosidades históricas pré-políticas, periféricas e fracassos históricos. Os movimentos pré-políticos em áreas periféricas são aqueles movimentos que:

- a) tentaram preservar suas identidades;*
 - b) recusaram-se a criar novas formas de relações centrais-periféricas; e*
 - c) têm sido medidos sem êxito pelos padrões políticos de poder;”*
- (JONG, 1980, pp. 311)

Abrindo um parêntesis, reflitamos especificamente no quê valeu a pena o deslocamento intenso da sociedade chinesa em prol de uma revolução culminada em 1949, se, no entanto, anos mais tarde não sabemos diferenciar o sistema que se queria implantar plenamente (o comunismo) deste que está em vigor, o “comunismo de mercado”. João Bernardo, já no final da década de 70 fornecia esta perspectiva, explicando desoladamente o tamanho envolvimento do regime maoísta com setores capitalistas e a sua reação contra os movimentos operários:

“Eso se debe a que la “revolución cultural” surge en un momento en que, tanto la evolución interna del sistema maoísta de gestión llegaba al agotamiento de sus posibilidades, como la situación económica de fondo era propicia a estimular el surgimiento de la revuelta proletaria. La enorme acumulación de capital que desarrolló el régimen durante el llamado “gran salto adelante” con la consiguiente sobre-explotación y la derrota en esa ocasión de las reivindicaciones proletarias tuvo como efecto el que la situación de los trabajadores empeorase,

especialmente en cuanto a las condiciones y ritmos de trabajo. El lastre de la revuelta proletaria durante la “revolución cultural” fue permitido por la conjugación de los siguientes factores generales:

- Descontento por la no coesión del régimen de las reivindicaciones obreras formuladas durante el “gran salto adelante”.
- descontento por el empeoramiento de las condiciones de trabajo.
- incapacidad por parte de los capitalistas de Estado que se apoyaban en la gestión parcial del proletariado (fracción maoísta) de mantener una indiscutible hegemonía sobre la casta de los capitalistas de Estado ligada a las formas más centralizadas de gestión y las antiguas clases dominantes (fracción que pasaré a llamar “tradicionalista”, encabezada entonces por Liu Shao Chi y Deng Xiaoping.

Essa capacidad era el resultado de:

- agotamiento de las posibilidades de la amplia movilidad social, debido a que la clase de los capitalistas de Estado había adquirido un desarrollo suficiente como para poder pasar a concentrar en sí misma los poderes y la capacidad de gestión, sin tener que recurrir a las iniciativas parciales del proletariado.

La combinación de estos aspectos generales creó una situación en que: a) los conflictos en el interior de la clase dominante se volvían mucho más difíciles de resolver porque el proceso usual de movilidad social que permitía el maoísmo una victoria rápida estaba prácticamente agotado; b) el movimiento obrero, teniendo las razones objetivas para la revuelta – extracción de plusvalía – agudizadas por el empeoramiento de las condiciones de vida, y gracias a una crisis que paralizaba parcialmente los centros de poder, puede desarrollar una cadena de luchas que dejó muy atrás a los saltos aislados y fraccionados, tradicionales y se convirtió en un amplio movimiento nacional; c) el maoísmo, agotadas las posibilidades objetivas de

atenuar la lucha mediante la transformación de activistas revolucionarios en nuevos gestores, por primer vez no consigue recuperar el movimiento e tem que recurrir al uso generalizado del ejército viéndose obligadoa reprimir decenas de millares de proletarios, matando a miles de ellos en auténticas batallas campales, sin contar con los fusilamentos posteriores.”¹⁴⁸

Alguns autores insistem num simples argumento: o anarquismo efetivamente perdeu força entre a intelectualidade e movimentos sociais na China, aproximadamente a partir dos anos 20, mas seus os sucessores herdaram (ou se apropriaram de) muitos traços libertários.

“O maoísmo apareceu, aos olhos dos partidos comunistas oficiais, como uma alternativa de esquerda e terceiro-mundista, ou até libertária. O fim da Revolução Cultural, a viragem à direita da política externa chinesa e a transformação das organizações maoístas em seitas neo-estalinistas, obscureceram singularmente esta imagem.”¹⁴⁹

Essa questão ainda deve ser mais bem refletida por estes autores, pois, vale ressaltar, que muitos destes movimentos socialistas e comunistas citados, fundaram-se na recusa e na suplantação do pensamento e da ação anarquista. Em um ato simbólico, no contexto da Revolução Cultural da década de 60, sem hesitar, Mao Zedong se apressou em isolar as correntes opositoras radicais proclamando que “o anarquismo dissolve os objetivos da nossa luta e desvia a sua orientação geral”. Passadas algumas décadas da existência dos grupos anarquistas intensamente atuantes na China estes traços libertários poder ter sido apropriados, mas intencionalmente até serem pulverizados. O *maoísmo*, grande representante do ideário comunista autoritário na China, carregou estas falsas contradições.

O historiador João Bernardo desenvolve mais um trecho sobre a perspectiva do processo histórico das revoluções chinesas, de forma melancólica, pois para ele e sua geração era difícil de entender:

“...o significado de las luchas de la “revolución cultural” en un mundo en que las luchas coloniales triunfantes habían dado lugar a los más

¹⁴⁸ BERNARDO, 1977.

¹⁴⁹ COGGIOLA, 1985.

represivos regímenes burocráticos; en que las míticas esperanzas depositadas en una Cuba libertaria y políticamente heterodoxa se desvanecían ante la consolidación del capitalismo de Estado y la burocracia bajo la tutela fidelista; en que los surgimientos de la lucha armada en América Latina, que tantas esperanzas nos habían hecho desarrollar, se mostraban más como un fuego fátuo que como una gran llamarada; en que las masas proletarias en la esfera de amparo de la URSS parecían aceptar pasivamente la ultra explotación y el envilecimiento de la cultura; en una Europa en la que las huelgas ajenas a los aparatos sindicales era cosa rara y las luchas generalizadas pertenecían al recuerdo de otras épocas; (...)

El movimiento social de las masas proletarias durante la “revolución cultural” fue derrotado por dos grandes causas; una social y otra socio-ideológica: el ejército y el mito maoísta.”¹⁵⁰

O monopólio da historiografia marxista sobre grandes temas sociais fez com que muitas parcelas da história ou da memória de importantes movimentos revolucionários ficassem desconhecidos. É claro que a historiografia liberal, elitista ou direitista nunca ofereceu espaço à história dos “de baixo”, incluindo a dos movimentos sociais libertários, a não ser em momentos em que manipula a história em seu favor para tentar desbancar o discurso antagônico ao seu. Entretanto, esperar-se-ia que uma historiografia, que a princípio se considera popular, pudesse contar a história com mais fidelidade às realidades dos oprimidos. Na prática, o que se comprova é bastante diferente.

Em miúdos, a seletividade marxista rigorosa, dita científica, com o famoso materialismo dialético, é a justificativa de uma expressão que está atrelada à prática cotidiana de seus respectivos historiadores. Afinal, nenhum historiador marxista negaria que sua própria literatura está em favor da propaganda de seu projeto de sociedade. Portanto, obviamente a historiografia marxista dará mais enfoque à interpretação da história dentro das suas estruturas ideais (o meu trabalho é forte exemplo histórico disso) ou chamará muito mais atenção para a história dos seus próprios feitos, escondendo e camuflando possíveis contradições. Até quando aborda períodos históricos de tempos em que Marx nem sonhava nascer, esta historiografia transfere suas categorias padronizadas de explicação à realidade daquelas sociedades

¹⁵⁰ BERNARDO, 1977.

ancestrais ou distantes. Todavia, no fundo traveste, a incapacidade de se analisar o passado de forma mais complexa e a vontade inerente de desqualificação dos processos históricos anteriores ao advento da ideologia salvacionista, digo, marxista, essa sim messiânica.

Por outro lado, para além do preconceito, da ortodoxia teórica e da prática liquidacionista¹⁵¹, a historiografia produzida pelos meios oficiais, com grande potencial de expansão e divulgação, promove a eliminação de histórias e memórias de sujeitos históricos, não apenas pelo que diz e difama, mas pelo que não diz e esconde, o que o historiador Arif Dirlik nomeia como “narrativas de supressão”:

“The problem with this account lies not in what it says, but what it does not say. The account is satisfactory as a surface reading of the historical developments that attended the emergence of the Communist movement. The problems concern the historical and social structure. This reading ignores the surface ideological and social structures within which the Communist movement acquired its identity and is satisfied to restrict its vision to a perspectiva defined by Communism’s emergence.

This narrative act suppression of rivals to Communism in history. This account assumes as its primary task the delineation of the ideological evolution whereby the “influence” of the Russian Revolution was distilled into the reality of the founding of the Party. In the process, the account renders silent all that did not contribute ‘positively’ to the progress of Communism, just as it underlines all that seemingly contributed to that progress. Thus it marginalizes questions that have significant import for understanding not only the historical process but also the two events that frame it. These questions are audible in this account only in its silences, as a part of the back ground noise of history.

These silences pertain most importantly to the relationship between Marxism and competing ideologies of social revolution, in particular anarchism, which in the immediate May Fourth period provided the

¹⁵¹ Peço licença para o uso deste neologismo, por carência de melhor palavra. Todavia, não há pretensão de inseri-lo ao dicionário termos super-teorizantes, como têm feito alguns jovens “cientistas sociais”.

ideological counterpoint to Marxism. The point here is not merely that radical thinking at the time was more complex than the account makes it out to be. These silences, rendered audible, not only cast the account in the different phraseology, but recast the problematic of early Communism: the question is no longer simply why and how it emerged in China, but how it emerged victorious over its natural death but, on the contrary, was reaching the zenith of its popularity in radical thought. Pharsed somewhat differently, the validity of the account's historical explanation can be sustained only by its denial of historical significance to alternative ideas of social revolution, just as the Communist movement in China was to prove its viability historically by suppressing its competitors. This was not merely a Marxist suppression of non-Marxist socialisms. Perhaps most significantly, in this presentation of the Party as "natural" outgrowth of diffusion of Marxism in Chinese thought, the account covers up the suppression to which Marxism itself was subjected by its subordination to the prerogatives of Bolshevik organization."¹⁵²

Para entender um pouco melhor esta dualidade de eliminação e supressão, devemos traçar uma cronologia desta historiografia.

Nas décadas de 30 e 40, efeito da ascensão de teorias sociais de conciliação de classe (integralismo, trabalhismo, peronismo, fascismo, nazismo, etc.) e proliferação dos partidos comunistas por diversos países com seus respectivos órgãos de divulgação, a historiografia enfatizava o momento imediato de fundação dos partidos e agremiações, liberais ou comunistas, e seus feitos. À sua imagem, edificavam-se histórias nacionais. Com um toque positivista, a História era uma linha temporal que evoluía ao presente, época de sua gestação e existência. Neste período a intencionalidade de camuflar a história de outros movimentos sociais e populares que destoassem de sua cronologia, em específico os anarquistas, era muito intensa, pois ainda se considerava a briga pela hegemonia, contra "estes inimigos". Inclusive, muitos dos órgãos de propaganda dos partidos comunistas foram financiados pelo Partido Comunista da União Soviética, sob o comando de Stálin, e por iniciativa própria ou seguindo a cartilha soviética, direcionavam seus estudos históricos, limpando dialeticamente as "contradições" do passado.

¹⁵² DIRLIK, 1989, pp. 6.

Na China a relação entre o PCCh e a URSS se estanca já no final da década de 20, principalmente depois de 1927, quando o *Levante de Guangzhou* é massacrado pelo Guomindang com apoio dos soviéticos. A partir deste marco, são modificadas as táticas – agora a prioridade era a luta camponesa –, decorridas longas marchas, mas nem por isso, desiste-se da produção historiográfica. Embora seja a partir da vitória definitiva do Partido Comunista, em 1949, que essa historiografia seria oficializada. O Partido Comunista chinês investe mundos e fundos na produção literária e historiográfica.

Aliás, um dos setores mais mobilizados no pós-derrocada das elites feudais e governamentais capitalistas foi o dos intelectuais e literatos, composto por bastantes pensadores esquerdistas e participantes ativos do processo revolucionário. Conseqüentemente, o que mais expressou o descontentamento com os erros do partido e pressionou para que se promovessem revoluções internas e setorizadas. Em 1942, durante as *Campanhas de Retificação*, diversos cartazes e *dazibaos* (murais populares) já criticavam o PCCh. O *Movimento das Cem Flores* em 1957 e a *Revolução Cultural* a partir de 1966, foram momentos extremos destas reivindicações. No entanto, aparentemente incentivados pelo PCCh, estes movimentos terminaram por ter suas arestas aparadas, servindo de laboratórios para a “caça às bruxas”, os opositores.

Na década de 50, encantada pela segunda maior revolução do século XX em proporção, a historiografia marxista, sem financiamento externo ostensivo ou ligação direta com o partido chinês, produz uma série de materiais sobre a história das idéias revolucionárias de Mao Zedong e seus correligionários, sobre temas inéditos de episódios da conquista da *Revolução Chinesa*, sobre as origens do partido comunista na China e sobre a genealogia do comunismo no país. Durante as duas décadas seguintes não haverá grandes acréscimos a esta linha editorial, em primeiro lugar, porque nesta época muitos partidos comunistas entravam na clandestinidade (por conta da ascensão de ditaduras de direita em diversos países da América Latina e Europa), pela política “inquisitória” machartista nos Estados Unidos durante a década de 50, pela ruptura krucheviana ao stalinismo e pelo início da Guerra Fria, fatores que reduziam drasticamente as possibilidades de estudo, edição e circulação de materiais com conteúdo socialista; e, em segundo lugar, no final da década de 60, a literatura direcionou-se especificamente para as revoluções comunistas mais recentes, pois nos países onde ocorriam grandes protestos juvenis, mais intensamente na Europa, os movimentos (mesmo os anarquistas), que já faziam a crítica aos desvios autoritários das experiências comunistas de grande vulto, acreditaram piamente na versão de uma utopia libertária em processo em locais

onde prevaleciam experiências autoritárias, tais como as da China maoísta e no Vietnã de Ho Chi-Minh, como é apresentado por Michel Antony, em um de seus dossiês:

“C’est le grand paradoxe de 1968, véritable mouvement libertaire, foncièrement, mais qui utilise les oripeaux des socialismes les plus autoritaires; l’illusionnisme politique va faire croire à (presque) toute une génération que la Chine maoïste est une utopie libertaire! même si à la Sorbonne un révolutionnaire inspiré écrit que «GODARD est le plus con des suisses pro-chinois». Le paradoxe entre cette incroyable liberté qui naît et qui s’exprime, et le maintien de groupements rigides, archaïques s’inspirant d’idéologies d’un autre âge (notamment les différentes sectes marxistes, anciennes et nouvelles, dont l’UEC – Union des Étudiants Communistes fait partie) est bien décrit, presque à chaud (1970), dans Derrière la vitre de Robert MERLE dont toute la trame se déroule sur la seule journée du 22 mars à Nanterre.”¹⁵³

Mas é no princípio da década de 80 que a produção de literatura histórica sobre as experiências revolucionárias recobrarã a força. No primeiro momento a literatura parece estagnada e sem criatividade, abalada que estava com os anos de chumbo. Os objetos e abordagens são colagens dos materiais de três décadas atrás. Neste ínterim, procede-se a queda de diversos governos comunistas e, junto a esse declínio, aparecem novas perspectivas. Excluindo os motivos liberais e direitistas que também começam a aflorar, os textos de esquerda críticos ganham novo impulso e tentam categorizar suas pesquisas, tendo que realmente retomar de onde se parou. A desilusão com o passado é fortíssima entre todos desta geração, o que reflete em seus escritos. Uma parte desta geração, composta por historiadores e cientistas sociais, embarca no saudosismo dos primeiros momentos revolucionários, no vigor glorioso das primeiras conquistas, tidas como “puras”, e a outra, mais ortodoxa e autoritária, não menos saudosista, reforça a promoção das estruturas dos poderes e estados comunistas existentes. Em um texto chamado “Os comunistas diante do muro: o marxismo-leninismo entre a negação e a afirmação da tradição stalinista”, autor Antônio Ozaí, expõe bem este dilema interno nos partidos políticos comunistas brasileiros, mas que serve de exemplo para a problematização geral sobre a historiografia desta época. Arif Dirlik, um historiador também recente, interessado nos estudos da genealogia comunista na Ásia, depara-se exatamente com esse quadro:

¹⁵³ ANTONY, 1995.

“Our understanding of the origins of Communism in China has been based in past on studies that may be classified into one of two categories. The first category consists of work concerned with the unfolding of Communism in the 1920s, and emphasizing Soviet involvement in China. This category includes early studies of Chinese Communism, such as C. Brant’s *Stalin’s Failure in China* (New York, 1958) and A. Whiting’s *Soviet Policies in China, 1917-1924* (Stanford, 1953). Both the subject matter (the revolutionary movement of 1920s) and the environment in which these books were written (The Cold War years) predisposed these studies to emphasize the Soviet role in China revolution, portraying the origins of Communism in China as a extensions of a Communist movemet emanating form Moscow. The complexities of the context of radicalism in which Communism took root in China were largely pushed into the background.

A counterpoint is to be found in the second category of studies, which stressed in the indigenous roots of Chinese Communism. The classics in this category are B. Schwartz’s *Chinese Communism and the Rise of Mao* (Cambridge, 1951) and M. Meisner’s *Li Ta-chao and the Origins of Chinese Marxism* (Cambridge, 1967). These studies, in reaction to the Cold War portrait of Chinese Communism as a mere offshoot of an international Communist conspiracy based in Moscow, were concerned above all to explain the emergence of an indigenous Communist movement in China under Mao Zedong’s leadership after 1927 – Schwartz’s work indirectly. As Meisne’s work, especially, makes clear, an anti-imperialistic nationalism, which characterized Chinese Communism under Mao, provided in these Chinese Communism as well; nationalism, more than anything else, accounted in this presentation for the Chinese attraction to Communism from its very origins. This presentation proved particularly attractive to students of Chinese Communism because it viewed that movement as stemming from within Chinese history – and accorded with prevailing Maoist historiography (at least in the People’s Republic). It is fair to say, I

think, that this version has been the dominant one among students of Chinese history for the past two decade.”¹⁵⁴

Contudo, apesar do alto grau de críticas ao processo histórico dos sistemas comunistas, a maior parte da historiografia de esquerda continua sob as rédeas marxistas. Os historiadores trotskistas, luxemburguistas ou marxistas heterodoxos de todas as partes fazem revisões históricas do passado de autoritarismo e contra-revolução. Porém a “narrativa de supressão” perpetua-se. Afinal, fica patente que ou as perspectivas históricas marxistas se identificam sinceramente como um ponto de vista dentre outros, com teorias e metodologias diferenciadas, ou assumem que, fora alguns aspectos estratégicos e pontuais, têm a mesma essência ideológica do socialismo real, stalinista e maoísta, como bem indica Cornelius Castoriadis:

“Se o marxismo é verdadeiro, então, segundo os seus próprios critérios, a sua verdade histórica efetiva encontra-se na prática histórica que o animou, isto é, na burocracia russa e chinesa.(...) E se não se admite a conclusão, então é preciso recusar a premissa e aceitar que o marxismo não é senão um sistema de idéias entre outros”.¹⁵⁵

¹⁵⁴ DIRLIK, 1989, pp.vii-viii

¹⁵⁵ CASTORIADIS, 1985.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Necessariamente, como toda pesquisa científica, esta também possui falhas e lacunas. Refletindo sobre a real incapacidade de perfeição ou absolutismo das observações científicas em geral (não apenas as históricas ou sociais), concordo em grande medida com o epistemólogo da ciência e educador Edgard Morin, quando ele afirma que a prática científica deve estar associada à idéia de falibilidade, muito adequada à defesa do tema ao qual se dedica essa monografia.

A opção de contrariar a historiografia vigente, repleta de falhas, para dar notoriedade à história de competentes contestadores radicais da história de seu próprio tempo, os anarquistas, intencionalmente apagada, tanto pela repressão direta promovida aos sujeitos que a compuseram pelas “técnicas historiográficas” (adaptando a expressão utilizada na memória trágica de Ba Jin), também é um pretexto para se contestar os métodos científicos ortodoxos e o paradigma da autoridade científica. A concepção defendida a todo momento neste trabalho também se faz anarquista, e o próprio Edgard Morin assume esse aspecto dentro do princípio de complexidade.

Defende-se aqui o princípio da complexidade, que tem como pressupostos a objetividade, a racionalidade, recusa à completude e à organização, as idéias de Edgard Morin mostram-se úteis na montagem uma historiografia baseada em parâmetros anárquicos ou “acêntricos”, “que funcionam de maneira anárquica, por associação espontânea”¹⁵⁶, ou “policêntricos”, com muitos centros de organização, reconhecendo-se a falibilidade das associações entre estes centros e respeitando os seus limites. Tanto o parâmetro

¹⁵⁶ MORIN, 2002.

organizacional anárquico para a historiografia, como o próprio conceito de complexidade, não se reconhecem como modelos e sim como oposição à simplificação, que é a base de outras teorias científicas consideradas inabaláveis:

“...o freudismo e o marxismo, por exemplo, é de que não são teorias científicas porque nunca poderemos provar que são falsas, isto é, os adeptos sempre podem dizer que são os opositores, seja na ilusão de classe que os faz desconhecer o verdadeiro motor da história.”¹⁵⁷

Portanto, a análise desenvolvida nesta dissertação dedicou-se à crítica à historiografia direcionada especificamente ao período da história da China em que os anarquistas, através da parca literatura (comparado ao que já se produziu ao revés), provavelmente teriam existido e foram cruciais para as transformações históricas.

Em segundo lugar, dedicou-se à apresentação, de forma razoavelmente linear e progressiva, de todas as agrupações, atividades e marcas de influências de responsabilidade dos anarquistas. E, por último, a mostra de todos os artifícios utilizados pelos diversos grupos para disputar a hegemonia e solapar os anarquistas, confirmam não só a existência como a grande representação histórica dos anarquistas na China e também a confirmação das estratégias contra-revolucionárias e autoritárias de soerguimento através das conquistas de seus antecedentes e apagamento sistemático da história destes. Republicanos, sociais democratas, comunistas e maoístas, todos tiveram o mesmo impulso e a mesma metodologia, sempre vinculados a teorias advindas do marxismo. Nas poucas vezes que o anarquismo aparece na historiografia, até nos dias atuais, é para a promoção da difamação ou a serviço do preconceito e da mentira.

Por exemplo, se não fosse pela conotação depreciativa da menção à anarquia no texto da cientista política marxista-ortodoxa Theda Skocpol, abaixo, encher-se-ia de orgulho ao ver o reconhecimento do anarquismo e sua história como a principal força motriz das maiores revoluções populares modernas e contemporâneas. Porém, o mesmo texto trata com preconceito a capacidade de auto-organização popular, fazendo o elogio aos grandes sistemas políticos centralizados que, via de regra, tenderam a se apropriar das expressões populares para depois montar a sua versão de supremacia, e também não se refere ao período de maior

¹⁵⁷ Ibid.

evidência revolucionária anarquista, mas da conquista do poder comunista algumas décadas à frente.

“Nas Revoluções Francesa e Russa, os movimentos de origem regional só constituíram um fator preponderante depois de os governos revolucionários centralizados terem começado a emergir. Durante 1917 os exércitos imperiais na Rússia – já fortemente profissionalizados e centralmente controlados antes de 1914 – dissolveram-se no caos das derrotas sofridas nas frentes de guerras e na anarquia da revolução popular. Nas fases da Revolução Francesa, o militarismo regional ou provincial não constituiu um problema, não apenas porque o Antigo regime submetera desde longa data governadores da província outrora independentes aos controles administrativos mas ainda porque em 1789 a administração real foi substituída por uma indisciplinada rede de milícias e comissões urbanas que oscilaram entre orientações nacional e local.”¹⁵⁸

Através de toda a argumentação apresentada nessa dissertação, seria difícil acreditar na afirmação da história anarquista na China por parte da historiografia marxista. Muito mais fácil é incorporar a historiografia que já está definida, seguindo-se a perspectiva abaixo:

“Sempre, desde a metade do século 19, das Guerras do Ópio e da Rebelião Taiping, através das revoltas dos Boxers, e até a derrubada da dinastia manchu em 1911, a China estivera fervendo com revoltas antiimperialistas e agrárias, mas todos os movimentos e sociedades secretas envolvidas nos levantes e nas revoltas eram tradicionais em caráter e baseados em antigos cultos religiosos.”¹⁵⁹

Além disso, minha pesquisa é uma resposta também aos memorialistas mais tradicionais da história do anarquismo, que no seu desgaste natural, encasquetam em se acharem os portadores das melhores versões história (até por que se garantem por serem testemunhas oculares de certos períodos históricos importantes). Sendo assim, monopolizam as iniciativas de desenvolvimento de novas pesquisas e edições feitas por outros e rejeitam a realização de grandes eventos públicos sobre a nossa história, considerando-os inúteis à ação anarquista do presente. A questão aqui é mera vaidade e uma pitada incoerência. Mal sabem

¹⁵⁸ SKOCPOL, 1985.

¹⁵⁹ DEUTSCHER, 1969.

eles que a cada evento consegue-se agregar cada vez mais anarquistas e simpatizantes para a militância social, pois, acima de tudo, a realização de um evento histórico é um momento de formação política.

Pessoalmente, a minha iniciativa de um estudo com a temática do Anarquismo está para todas as outras atividades que participei da organização, como integrante e coordenador do Grupo de Estudos do Anarquismo (GEA), desde a sua criação, de promoção eventos e palestras. Dentre inúmeros eventos organizados, os mais importantes foram o *I Simpósio de História do Anarquismo no Brasil* (2003), o *I Colóquio Internacional Libertário – História do Movimento Operário Revolucionário* (2004), a edição do livro *História do Anarquismo no Brasil (vol. 1)*¹⁶⁰ e futuramente o *II Colóquio Internacional Libertário – O Federalismo Libertário* (2006), que desde já começa a ser preparado.

Aliás, uma das idéias que muito me intrigou desde o meu primeiro contato com a epistemologia das ciências sociais (dentre elas a da historiografia) foi a de que o distanciamento do objeto de estudo é necessário para a prática científica, promulgada por muitos pesquisadores. Todavia, mesmo quando eu não tinha grande acúmulo literário, sempre acreditei na parcialidade e na subjetividade das pesquisas e estudos.

Com um pouco mais de experiência, aprendi que já na escolha do tema – quando este não está encabrestado pela vontade de um senhor-orientador que oferecerá o caminho das pedras e, conseqüentemente, indicará a mina de ouro (projetos fabulosos) –, uma pesquisa é movida pela pré-disposição pessoal ou algum envolvimento afetivo com o tema, alguma identidade. À diante, o desenrolar da pesquisa (as formas e os métodos de análise utilizados e as expectativas de conclusão), expressam a visão de mundo e as intenções articuladas pelo estudioso em questão.

Acredito sim na utilização correta dos instrumentos de pesquisa e na coerência das idéias dispostas, mas para que isto incite a credibilidade de um campo científico falta um ponto chave: sinceridade.

Espero ter conseguido expor com o máximo de sinceridade as minhas motivações para essa pesquisa. Como acredito que no momento em que o anarquismo, depois de décadas de solapamento, felizmente, tem retomado espaço através das expressões de diversos movimentos de contestação atuais, com a contracultura e as manifestações contra o

¹⁶⁰ A ser lançado pela Editora da UFF (EdUFF) no próximo ano.

capitalismo em nível global, e nos últimos anos, cresce em termos de inserção no movimento social de base. Paralelamente, o marxismo tenta também retomar seu papel histórico, promovendo a discórdia e a ignorância, para, com isso, ganhar prestígio. Papel que em parte tento passar a limpo nas páginas seguir.

Apesar de não ter escutado uma única vez, em toda a minha formação em História, sobre a presença de anarquistas no continente asiático, mais especificamente na China, achava eu que a ideologia marxista neste território havia sido soberana sobre todos os movimentos de libertação contemporâneos.

Portanto, sem esconder as minhas reais intenções, relato que a motivação para escrever este trabalho está, em primeiro lugar, na vontade de abordar um tema inédito na historiografia em português; depois, contribuir para a divulgação do ideal anarquista, acrescentando uma experiência histórica desconhecida de muitos militantes libertários da atualidade; por último, dar vazão a minha eterna ânsia de dissertar sobre a história da China (região do globo marginalizada pelas ciências humanas de modo geral, pois não está nos currículos universitários a não ser quando se trata da contemporaneidade).

Foram inúmeras as minhas experiências na tentativa de escolher um tema que encaixasse com a China. Loucura foi pensar que, por estar na Universidade Federal Fluminense, com vasta possibilidade de orientação em História do Brasil, eu poderia fazer uma mistura “de transição”, China & Brasil. Muitas foram as horas “perdidas” estudando sobre imigração chinesa para o Brasil, um tema interessantíssimo em que qualquer dia dou cabo de embrenhar-me. Inclusive, fui estimulado por um núcleo de estudos sobre migração da UERJ (NIEM), coordenado pelo atencioso professor de geografia Helion Póvoa, a sistematizar a apresentação de uma palestra, que foi ministrada por mim no ano de 2001. Nos anos seguintes desemboquei a procurar cursos sobre antiguidade chinesa, achando que este sim seria o caminho mais correto. Acabei numa amplidão de temas e no vazio de escolhas, pois me encontrava sem qualquer perspectiva de orientação. Entretanto, desde 2002 já havia me colocado no contato com os professores que compunham o Núcleo de Estudos Contemporâneos (NEC) na UFF, sendo muitas as conversas com o professor que futuramente seria meu orientador de monografia, Daniel Aarão Reis, e com o ainda doutorando Shu Chang Sheng. Nesta data eu havia iniciado um curso de “alfabetização” em língua chinesa, no Centro Cultural da China, o qual tive de abandonar 8 meses depois por forças maiores. No mesmo tempo, me foi proposto auxílio na correção gramatical da tese de doutorando de Shu Chang Sheng, o que fiz com o maior prazer. Com isso, acabei estimulado aos estudos de história

contemporânea chinesa, que levou a me inscrever em quatro cursos da grade curricular de História que abordariam os respectivos eixos cronológico e região. Em 2003, surgiu no NEC o Grupo de Estudos do Anarquismo, do qual imediatamente tornei-me frequentador e no ano seguinte coordenador. Em meio à participação na realização de importante evento sobre a história do anarquismo no Brasil e pequenas palestras subsequentes, pensava ser possível a inter-relação entre China e o Anarquismo. A dúvida era: “Como?”.

Em meados de 2004, o NEC ainda possuía uma biblioteca (que posteriormente foi doada à Biblioteca da Pós-graduação de História, funcionando dentro da BCG). Lá no fundo do acervo estava o esquisito livreto *El Movimiento anarquista em China*¹⁶¹ de Rober A. Scalapino e George T. Yu. Era o que eu precisava. Daí em diante foi uma correria por mais informações e bibliografia. Nos instrumentos de busca da internet o que encontrei foram apenas algumas poucas indicações do site do centro de estudos anarquistas CIRA, localizado na Suíça. O essencial eu teria de importar de livrarias e sebos estadunidenses. Tive de arranjar labuta extra e me apertar um pouco para adquirir o volume de literatura encontrada. Nada em vão. Ademais, amigos pesquisadores, anarquistas, muito me auxiliaram remexendo solidariamente as pastas e revistas contidas na Biblioteca Social Fábio Luz (do Centro de Cultura Social – CCS-RJ) à procura de artigos e textos sobre o assunto. O trabalho então apenas começava...

Para além de considerar a perfeita funcionalidade e aplicabilidade de um trabalho acadêmico (pois disso ninguém tem controle absoluto), a ciência que estou disposto a promover com esta pesquisa é sincera na exposição das intencionalidades. Ao longo dos últimos anos, o anarquismo tornou-se para mim um ideal de vida, fruto de meu amadurecimento em termos de participação política, no movimento social, ação coletiva organizada e elaboração intelectual.

Portanto, indiretamente, esta dissertação também pretende dar resposta, às iniciativas de pesquisadores marxistas brasileiros recentes (pois escondem suas verdadeiras intenções e articulações políticas), tais como Edilene Teresinha Toledo, Claudio Henrique de Moraes Batalha, Ricardo Ramos Rugai & cia¹⁶² – a escolinha da Unicamp – que pretendem revisar a

¹⁶¹ Livro do qual fiz tradução ao idioma português no final de 2004, para a editora independente *Achiamé*, mas que não foi editado até o momento.

¹⁶² 1. TOLEDO, Edilene T. *O sindicalismo revolucionário de São Paulo e na Itália: circulação de idéias e experiências na militância sindical transnacional entre 1890 e o fascismo*. IFCH, Unicamp, Campinas, 2002. (tese de doutorado).

2. TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*, Ed. Perseu Abramo, São Paulo, 2004.

3. BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. “Uma outra consciência de classe? O sindicalismo reformista na Primeira República”. In: *Ciências sociais hoje, 1990*. Vértice, Editora dos Tribunais, São Paulo, 1990.

participação anarquista na história dos movimentos operários do início do século 20 no Brasil. Isso, mais uma vez, mostra que apesar dos nossos esforços de manter viva a nossa memória não faltam os coveiros de carreira historiográfica.

Talvez por divergências internas ou questões de mera confusão psicológica, pretendem substituir a relevância do ideal anarquista dizendo que o papel mobilizador dos trabalhadores da primeira república no Brasil fora desenvolvido por um tal de sindicalismo revolucionário. Entretanto, eles nem bem sabem que no Brasil e em todos os outros países onde o movimento operário acirrou a luta de classes neste período, o que se costumava enquadrar como *sindicalismo revolucionário* era mais uma vertente prática do anarquismo, tipicamente francês, e, inclusive, esta não se encontrava em divergência com as diversas outras correntes libertárias, o anarco-sindicalismo, o comunismo libertário, o mutualismo, etc. Apenas se somava ao bolo insurgente. O que impressiona é que estes mesmos historiadores que escrevem contrários à história do anarquismo, pouco tempo atrás galgavam suas carreiras acadêmicas utilizando as temáticas libertárias¹⁶³. Problema foi quando estes “profissionais” descobriram que a temática tanto é útil para suas carreiras acadêmicas no elogio, como também na desmoralização. O que nos faz pensar que nunca houve envolvimento ideológico com o objeto de estudo pesquisado por eles. Diz-se que o resquício marxista contido na cabeça destes intelectuais os fez futilizadores de uma história que agora tentam pisotear.

¹⁶³ Ex: 1. TOLEDO, Edilene T. *O amigo do povo: grupos de afinidades e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. IFCH, Unicamp, 1993. (dissertação de mestrado).
2. RUGAI, Ricardo Ramos. *O anarquismo organizado: as concepções e práticas da Federação Anarquista Uruguaia (1952-1976)*. 2003. 315 f. Dissertação, Unicamp, FAPESP, (Mestrado em História). Orientador: Cláudio H. M. Batalha.
3. BATALHA, Cláudio H. M. *O movimento operário na República Velha*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2000.
4. BATALHA, Cláudio H. M. *O movimento operário na Primeira República*, Jorge Zahar,, Rio de Janeiro, 2000.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

BAR, Antonio. *La CNT en los años rojos. Del sindicalismo revolucionario al anarcosindicalismo (1910-1926)*, Akal, 1981.

BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à História Contemporânea*, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1983.

BERNARDO, João. *Lucha de Classes en China (1949-1976)*, Bilbao, Ed. Zero, 1977.

CASTORIADIS, Cornelius. *A experiência do movimento operário*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.

CASTORIADIS, Cornelius. *Encruzilhadas do Labirinto -II- Domínios do Homem*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987

CHAN, Ming e DIRLIK, Arif. *Scools into Fields Factories: Anarchists, the Guomingdang, and the National Labor*, University in Shanghai: 1927-1932, Durham, Duke University, Press, 1991.

CHENG, Sheng. *Minha mãe e eu através da Revolução Chinesa*, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1945.

CHESNEAUX, Jean. *Les sociétés secrètes en Chine, XIX^e-XX^e siècles*. Col. Archives, Paris, 1965;

CHESNEAUX, Jean e BASTID, M. *Historie de la Chine – 1 des guerres de l’opium à la guerre franco-chinoise, 1840-1885*. Hatier, Paris, 1969.

COGGIOLA, Osvaldo. *A Revolução Chinesa*, Ed. Moderna, São Paulo, 1985.

_____. *The Origins of Chinese Communism*, London, Oxford University Press, 1989.

CHRISTIE, Stuart. "The Origins of the Anarchist Movement in China", In. MELTZER, Albert. *Internationalist*, Coptic Press, 1968.

FABRI, Luce. *O caminho: até o socialismo sem Estado. Em cada passo a realidade da meta*, Rio de Janeiro, Ed. Achiamé, 2004.

FERRUA, Pietro. *Le developement des theories anarchistes dans de la Chine ancienne*, Genève Université, 1955.

GANDINI, Jean Jacques. *Aux Sources de la révolution chinoise: les anarchistes. Contribution historique de 1902 à 1927*, Lyon, Atelier de Création Libertaire, 1986.

GITTINGS, Jonh. *A chinese view of China*, London, Ed. British Broadcasting Corporation, 1973.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, Nem patrão!: vida operária e cultura anarquista no Brasil*, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1984.

HOBBSAWM, Eric. *Bandidos*. Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1976.

_____. *Capitão Swing: a expansão capitalista e as revoltas rurais na Inglaterra do início do século XIX*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1982.

_____. *Rebeldes primitivos*, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1970.

KREBS, Edward S. *Shifu, Soul of Chinese Anarchism*, Laham, Rowman & Little Fiel Publishers, Incorporated, 1998.

KRIEG, E. *Mao Tsé-tung, o imperador vermelho de Pequim*. (trad. Pedro Reis), Ed. Otto Pierre, São Paulo, 1951.

KROPOTKIN, Piotr. *El Apoyo Mutuo (un factor de la evolución)*, Ed. Madre Tierra, Cappelletti, Móstoles, 1989.

MUNOZ, Vladimir. *Li Pei Kan and the Chinese Anarchism: a chronology*, Revisionist Press, 1977.

MANDEL, S. Wu. *A China antes e depois de Mao*, Lisboa, Ed. Antídoto, 1977.

MALRAUX, Andre. *The Conquerors*, New York, Holt, Rinehart & Winston, 1975.

MORIN, Edgard. *A ciência com consciência*. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro, 2002.

SADER, Eder (org). *MAO TSE-TUNG. Política*, São Paulo, Ed. Ática, 1982.

SCALAPINO, Robert A. e YU, George T. *El Movimiento Anarquista en China*, Barcelona, Ed. Tusquets, 1975.

SILVA, Jorge E., *O nascimento da organização sindical no Brasil e as primeiras lutas operárias (1890-1935)*, Ed. Achiamé, Rio de Janeiro, 2000.

SOCHOR, Lubomír (et. al.). *História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia*, IX. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

SNOW, Edgar. *Red Star Over China*. First Revised and Enlarged Edition (the original was written in 1937). New York, Bantam Books, 1968.

SPENCE, Jonathan Da. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de história*, São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1996.

ZARROW, Peter Gue. *Anarchism and Chinese Political Culture* (Studies of the East Asian Institute), New York, Columbia University Press, 1990.

Artigos e entrevistas:

ANTONY, Michel. "VII. Essais utopiques libertaires de grand dimension", In *Ressources sur l'utopie, sur les utopies libertaires et les utopies anarchistes*, 1995. Site *Les Utopies Libertaires*: http://artic.acbesancon.fr/histoire_geographie/new_look/Ress_thematiq/thematiq/utopies.htm.

ARCARY, Valério. "Quatro critérios para a classificação das revoluções do século XX: o debate Trotsky/Preobrajensky dos anos 20". *Revista Urutágua*. Ano I - Nº 03 – dez. 2001 – Quadrimestral – Maringá – PR – Brasil – ISSN 1519.6178: <http://www.urutagua.uem.br> .

BERNAL, Martin. "The Triumph of Anarchism over Marxism, 1906-1907". In WRIGHT, Mary Clabaugh (ed.). *China in Revolution. The First Phase: 1900-1913*, New Haven, Yale University Press, 1968.

DIRLIK, Arif. *Anarchism on the Chinese Revolution*, Berkeley, CA University of California Press, 1991.

_____. *Revolution and History: origins of marxist historiography in China, 1919-1937*, Berkley, University of California Press, 1978.

DIRLIK, Arif. "Vision and Revolution: Anarchism in Chinese Revolutionary Through on The Eve of the 1911 Revolution", *Modern China* 12 (1986) 2: 123-165.

_____. "The New Culture Movement Revisited: Anarchism and the Idea of Social Revolution in New Culture Thinking", *Modern China* 11 (1985) 3: 251-300.

COSTA, Marques. "Aqui... ali... além... / China". *Revista Renovação – revista mensal, comunista-anarquista*, p. 61-62, Ano I, fev. 1922, Rio de Janeiro.

DEUTSCHER, Isaac. "O Maoísmo: Origens, Antecedentes e Perspectivas" In. DEUTSCHER, Isaac e outros, *Problemas e Perspectivas do Socialismo*, (título original: *The Socialist Register*, trad. de Marco Aurélio de Moura Mattos e Sérgio Santeiro), Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1969.

DIRLIK, Arif. (Interview). "Dimentions of Chinese Anarchism: an interview with Arif Dirlik", *Perspectives on anarchist teory*, vol. 1, n. 2, IAS, 1997. ([site:http://perspectives.anarchist-studies.org/2dimensio.htm](http://perspectives.anarchist-studies.org/2dimensio.htm)). Texto: George Black and Robin Munro.

Faculdade de História da Universidade de Fudan. *Breve Historia Moderna de China: 1840-1919*, Beijing, Edições em Línguas Estrangeiras, 1980.

FOSSGARD, Olé P. "The Individual in Early Chinese Anarchism. Feminism and Utopianism in the Tianyi", *paper* apresentado na Convenção Internacional de Estudantes Asiáticos [Mestres e PhD's], Agosto de 2005. Site da Universidade de Oslo (Noruega): http://www.hf.uio.no/forskningsprosjekter/chineseindividual/publications/articles/ole_nov05_AnarchistIndividual.doc, acessado em 22/01/2006.

_____. "The Early Chinese Anarchist Discourse on Feminism, 1906-1910". Título de sub-projeto de pesquisa PhD. Site da Universidade de Oslo (Noruega): <http://www.hf.uio.no/forskningsprosjekter/chineseindividual/participants/>.

GENOFONTE, M. "Anarquistas Chinos en París", Revista *La Campana, semanário anarcosindicalista – información y debate anarquista*, IIIª Época. Número 26 / 10.10.2005, Espanha.

_____. "Hsin Shih-chi, El Nuevo Siglo: París cuna del primer periódico anarquista chino", Revista *La Campana, semanário anarcosindicalista – información y debate anarquista*, IIIª Época. Número 27 / 10.11.2005, Espanha.

JONG, Rudolf de. "Algumas observações sobre a concepção libertária de mudança social e revolucionária". In PINHEIRO, Paulo Sérgio (org.) *O Estado autoritário e Movimentos Populares*. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980.

KAN, Li Pai. "A História do Movimento Anarquista na China". *Libera Laboristo* . 2 (Agosto. 1926), 2. (Texto em Esperanto). HSG, Amsterdã: ZK 16152.

KANGHU, Jiang. "The Mass", out. 1917. Transcrição de Sally Ryan: "Socialism in China", 2002, para o site *Marxism.org - Internet Archive*: <http://www.marxists.org/subject/women/authors/kang-hu/1917/socinchina.htm>, acessado em 12/01/06.

LIU, Huiying. "Feminism: An Organic or an Extremist Position? On Tien Yee As Represented by He Zhen", *East-Asia Cultures Critique*, Duke University, Volume 11, Number 3, Winter 2003, pp. 779-800.

MACSIMOIN, Alan. "El Movimiento Anarquista Coreano", *Charla de Alan MacSimoin para Workers' Solidarity Movement, Sección de Dublin*, set. 1991. Site: <http://flag.blackened.net/revolt/wsm.html>, acessado em 10/07/2005.

MOLINA, Manuel González de: "Los mitos de la modernidad y la protesta campesina. A propósito de Rebeldes Primitivos de Eric J. Hobsbawm". In *Historia Social*, nº 25 (1996).

PELLETIER, Philippe. "L'influence kropotkinienne en Asie orientale". *Revista Itinéraires*, França, 1992.

RODRIGUES, Edgar. “Pa Kyn” e “Lu Chien Bo”, *Pequeno Dicionário de Idéias Libertárias*, Rio de Janeiro, CC&P Editores, 1999.

_____. “China” (p.). *Universo Ácrata, Vol. I*, Florianópolis, Ed. Insular, 1999.

SKOCPOL, Theda. “Capítulo 7 - A emergência de um Estado-Partido mobilizador de massas, na China” In. *Estados e revoluções sociais: análise comparativa, da França, Rússia e China*. Ed. Presença, Lisboa, 1985.

SILVA, Antônio Ozaí da. “Os comunistas diante do muro: o marxismo-leninismo entre a negação e a afirmação da tradição stalinista”. *Revista Diálogos, DHI/UEM*, v.1, n.3, 1997.

TA KUNG BAO (Jornal), “Sui Xiang Lu” (Pensamentos Aleatórios), Hongcong, 1978.

TIAN, Jane. “River winds thru history” (05/04/2001), Site *Shanghai Star*: <http://www.shanghai-star.com.cn/2001/0405/tr16-1.html>, acessado em 14/01/2006.

YING-YUE, Yun. “The Chine Educational Mission in 1870, in Comparison with the Chinese students in Japan in the 1900s”. Hongcong, 2002. Site da Universidade Ásia: http://www.asia-u.ac.jp/ajiken/html/book/kiyou/ph_yung.pdf, acessado em 01/11/2005.

ANEXOS

Anexo 1

Partial excerpt of English translation of Ba Jin's dedication to Emma Goldman¹⁶⁴

Only you know, when I was fifteen years old, you woke me up and I escaped disaster at the last moment. Then in 1927, in Boston, when two innocent workers were taken to the electric chair by law and the voice of the working class was suffocated, I poured out my anguish as well as sincerity to you and entreated your help. You have consoled me many times with your friendship and encouragement and taught me many times from your rich experience. Your beautiful letters have been a great comfort to me, when I have an opportunity of reading them. E.G., my spiritual mother (you have permitted me to call you in this way) you are a daughter of dreams (L.P. Abbott called you before)...

Now my education, life and consciousness are talked about by those who cannot understand what I wrote, what I think, what is my life. They make me up from their subjective imagination and attack me publicly as well as secretly. Because my novels completely obscure my behavior and ideas, and result in a lot of misunderstandings, my name is related to nihilism or humanism, although I have written a book of over three hundred pages to explain my ideas (this book is very easy to understand and without a metaphysical term). Those who talk about me never read it. They judged my deals according to one of my short stories, then deduced a variety of strange conclusions and decided which doctrine I belong to. I have been caught in this predicament all these years and cannot get rid of it...

¹⁶⁴ Site: *SunSITE Livraria Digital de Berkeley* - <http://sunsite.berkeley.edu/Goldman/Exhibition/jin.html>

Today I read your autobiography in two volumes, *Living My Life*. These two books full of life, shocked me greatly. Your roaring of forty years like spring thunder, knocked at the door of my living grave throughout the whole book. At this time, silence lost its effect, the fire of my life was lit, I want to come to life and go through great anguish, immeasurable joy, dark despair and enthusiastic hope, throughout the peak and the abyss of life. I will calmly go on living with an attitude you taught me until I spend my whole life.

E.G., now I will begin to break the ice. I would like to dedicate my new collection of short stories and this letter to you. This collection is the result of my silent period. I spent a lot of care on it. You can find my painful life of recent years in it. In the article, "On the Threshold," you can see yourself. As to your recommendation, I read the great prose poem by Turgenev so that I knew those women who fled to Paris with Provgesnie's characteristics. Their impressions were engraved in my mind forever. I hope I will meet you...in the near future.

Anexo 2

A Museum of the "Cultural Revolution"

by Ba Jin¹⁶⁵

Some time ago, in one of my essays in "Record of Random Thoughts," I recorded a conversation I had had with a friend. I declared that a museum of the "Cultural Revolution" should be established. I did not have anything specific in mind, no formal project, but I was driven by a strong conviction that such a museum should be found, and it was the responsibility of every Chinese.

I had just mentioned this, anticipating that others would add their support. I believe that the many who passed through the crucible of the "Cultural Revolution" could not remain silent. Each individual had a unique experience. But nobody can depict the "cowshed" prison as a paradise, nor depict inhuman massacre as a "Great Proletarian Revolution." Although our opinions may differ, we all shared the same determination: in no way can we allow another "Cultural Revolution" to occur in our country, because a second calamity of this scale would destroy us as a people.

¹⁶⁵ Site: Museu Virtual da "Revolução Cultural" – <http://museums.cnd.org/CR/english/articles/bajin.htm>

I am by no means exaggerating these events, which unfolded twenty years ago and still clearly continue to pass before my eyes: those days without end, when cruelty left an indelible trace, when humiliation and inhuman tortures were inflicted on our compatriots, that great chaos in which truth and falsehood were reversed, white and black confounded, loyalty and treason mistaken for each other, when only with difficulty could one discern truth from lies, and when all those injustices occurred which will never be fully rectified, and all the accounts which will never be put in order! Must one forget all that and forbid people to speak about it, so that twenty years later a second "Cultural Revolution" would break out as something new sow disorder in China? Some say, "How can it occur? Impossible!" I ask "Why is it impossible?" Is it possible or impossible? This question has been on my mind for many years, and I wish I could respond definitively. If I could, then at night, I would have to fear only nightmares. But who will assure me that the events that occurred twenty years ago will not recur? Who can guarantee me that from now on I will sleep peacefully without ever again waving my arms and falling out of my bed in the middle of a dream?

It is not that I refuse to forget, but shadows of blood-stained demons hold me helpless in their claws and won't let me forget. I am completely disarmed; how can the catastrophe come; how can the tragedy began; how can I play a role that fills me with horror, proceeding step by step toward the abyss? It all seems as if it were yesterday. They did not break me, but how many were torn apart and broken down? How many bright and gifted talents have been destroy in front of me! How many dear lives have been lost at my side! "Such things will not be repeated; it would be better to dry your tears and think of the future." My friend say to reassure me. Cynically I say to myself, we will see. I thus waited until the moment when the campaign for the elimination of spiritual pollution began.

I had just been admitted to the hospital. It was my second hospitalization. With my Parkinson's Disease, and I was a neurological patient. My left leg, fractured in a fall one year earlier, recovered - although it was now missing three centimeters - and it was long before they removed the pins. With the help of my cane, I was able to move about after a fashion. Reading books or newspapers was painful for me, so I had the habit of listening to news on the radio every morning, and in the evening watching the news broadcast on television in the lounge. After three in the afternoon, my friends came to visit me and often they told me of odd rumors going around. I had been in the hospital only for a few days when the atmosphere worsened. Daily, the radio broad cast speeches of some municipal or provincial officials about the elimination of

spiritual pollution. On the television screen, artists and writers appeared one after the other before the audience to affirm their determination to liquidate that pollution.

I heard that in the army soldiers turned in photographs they had put up of themselves in the company of women comrades, whether they happened to be relatives or girlfriends. I heard also that at the entrances to official buildings in the capital, there are piles of rawhide cords, with which women had to bind their long hair into ponytails before being admitted to the building. I pretended to be calm, but each evening as I returned to my room I inevitably thought back on some scenes of the beginning of the “Cultural Revolution” in 1966. I could not help feeling the storm beginning to rage, the return of the catastrophe. As I do not attach any importance to my old bones, I was perplexed: Was it really necessary to repeat a “Cultural Revolution” which would push the Chinese people to the bottom of an abyss from which they would never emerge? Nobody had yet given me a clear answer. The rumors multiplied. It seemed to me that a big broom was sweeping, sweeping. I counted the days and waited: One, then two, then three. How slowly the time passed! And how agonizing the wait! It was dark clouds gathering above my head. All around, the drum roll beat faster and faster. Yet my mind remained lucid, and I could contrast each event that occurred at that time with the beginning phrases of the last “Cultural Revolution.” I did not hear shouts of “Long live Chairman Mao!” Nobody took a stand, nor did anyone lay down their weapons and capitulate. All continued on their own course. Thunder claps resounded from afar and it began to rain. But less than one month later, people came out and talked, the brooms ceased to sweep away “dust,” the threatening clouds had dispersed, and those who had sounded the trumpets disappeared from the scene. We had escaped the catastrophe this time.

In May, 1984, I was invited to participate in the 47th Congress of the International Pen Club in Tokyo, and I drafted my address in my hospital room. I quietly spent another half year in the hospital. A constant flow of visitors came. The flood of rumors did not dry up, and all I could do was not try to sort out what was true and false in my own mind. In my room I was not disturbed, and I should thank those people who vividly remember the “Cultural Revolution.” Who would not let others use their blood to cultivate the flowers of another “Cultural Revolution.” The flowers that bloom in human blood are bright and beautiful but they are poisoned. If these flowers were still to bloom, even just one, I would have to be dragged out of the hospital, not yet cured.

At the end of six months of reflection and analysis, I understood completely. If we do not have a second “Cultural Revolution,” it is not that the ground is un-fertile or that the climate is

unfavorable, quite the contrary. It seems that all the conditions already exist. For example, if the period of "less than one month" that I have just mentioned was prolonged a little - for example, twice or even four times as long, then the situation, could be delicate, began again, because there are many who benefited from the "Cultural Revolution."

It is pointless to continue the argument. The mass of letters which I receive from my friends and my readers, the articles which come to the press, demonstrate that more thoroughly more completely, and convincingly than I could. The authors had experiences worse than mine, crueler misfortunes. "Let us not allow under any pretext such a monstrous episode of history to be repeated," they declared.

To build a museum of the "Cultural Revolution" is not the business of any one person in particular: it is of the responsibility of all to build one so our descendants, generation after generation, will learn the painful lessons of these ten years. "Let history not be repeated" must not be an empty phrase. In order that everyone sees clearly and remembers clearly, it is necessary to build a museum of the "Cultural Revolution," exhibiting concrete and real objects, and reconstructing striking scenes which will testify to what took place on this Chinese soil twenty years ago! Everyone will recall the march of events there, and each will recall his or her behavior during that decade. Masks will fall, each will search his or her conscience, the true face of each one will be revealed, large and small debts from the past will be paid. If we free ourselves from our selfishness we will no longer fear deception. Let us dare to proclaim the truth, and we will not so easily swallow such lies any longer. It is only by engraving in our memory the events of the "Cultural Revolution" that we will prevent history from repeating itself, that we will prevent another "Cultural Revolution" from recurring.

The construction of this "Cultural Revolution" is absolutely necessary, because only those who do not forget the past will be masters of the future.

June 15, 1986

Comment fonder une société véritablement libre et égalitaire¹⁶⁶

par Ba Jin¹⁶⁷

Les mots de “ liberté “ et d’ ” égalité “ appartiennent dorénavant au vocabulaire de tout un chacun. Mais interrogez un peu, pour voir : Qu’est-ce que la liberté?, et on vous répondra : la liberté, c’est la liberté d’opinion, la liberté de presse, la liberté d’association et de réunion, la liberté du secret de la correspondance. Demandez : Qu’est-ce que l’égalité ?, et on vous répondra : tous les citoyens sont égaux devant la loi, il n’y a pas de différences entre les nobles et les manants. Or ces définitions restrictives n’ont rien à voir avec la vraie liberté, avec la vraie égalité. Vous ne me croyez pas ? Alors veuillez lire ce qui suit.

Celui qui entrave la liberté du peuple, c’est l’ ” État “. Depuis que l’État existe, nous avons cessé d’être libres. Quoi que nous fassions ou quoi que nous disions, l’État s’en mêle. Nous ne demandons qu’à vivre dans l’amour avec nos frères des autres nations, mais l’État, qui veut à tout prix faire de nous des patriotes, nous enrôle dans ses armées et nous force à assassiner nos voisins. Et, en Chine, c’est encore pire : ce sont des Chinois qui assassinent d’autres Chinois. Au Hunan, au Shaanxi ou au Sichuan, depuis quelques années, “ le sang coule à flots et les cadavres s’entassent “. Quelle horreur ! Voilà donc les bienfaits que nous procure l’État.

Les capitalistes, accaparant les ressources qui sont le bien commun de la planète, nous acculent à une pauvreté telle qu’elle ne nous permet pas de vivre. L’État ne les sanctionne pas ; pis, il les protège par un arsenal de lois. Le peuple n’a rien à manger et il n’a d’autre ressource que de voler sa nourriture ; il n’a rien à se mettre sur le dos et il n’a d’autre ressource que de voler ses vêtements ; tout ce qu’il lui manque, il n’a d’autre ressource que de le voler. Le peuple est contraint à tout cela par les capitalistes. Et voilà que l’État, par-dessus le marché, nous traite en brigands et décrète que nous sommes bons pour le peloton d’exécution. On nous fusille pour avoir simplement repris – certes au mépris de la loi – une partie de ce que nous avons perdu, alors qu’on laisse vivre en paix les capitalistes qui pillent le bien commun de la planète. Si on nous empêche de voler, il ne nous reste plus qu’à devenir des mendiants. Il arrive que l’État et

¹⁶⁶ Traduzido do idioma francês por Angel Pino. Não possui data de publicação. O texto está no acervo digital do site do Centro Internacional de Pesquisas sobre Anarquismo (CIRA), Suíça: http://raforum.apinc.org/article.php3?id_article=2741, acessado em 01/02/2006.

¹⁶⁷ Traduzido do idioma francês por Angel Pino. Não possui data de publicação. O texto está no acervo digital do site do Centro Internacional de Pesquisas sobre Anarquismo (CIRA), Suíça: http://raforum.apinc.org/article.php3?id_article=2741, acessado em 01/02/2006.

les capitalistes, offusqués par le spectacle, fassent l'aumône aux indigents et leur reversent un peu de l'argent qu'ils leur ont dérobé : ils désignent cela d'un nom qui sonne bien, la charité. Certains poussent l'impudence jusqu'à nous insulter parce que nous mendions notre pitance au lieu de travailler. Messieurs ! est-il si sûr que nous ne voulions pas travailler ? C'est plutôt qu'on nous refuse le travail. Et pourtant on nous insulte. Vues sous cet angle, on constate que la " liberté " et l'" égalité " dont il vient d'être question sont étrangères au peuple ! Peut-on du reste parler ici de " liberté " et d'" égalité " ? Je me refuse à croire qu'il puisse exister une liberté de ce genre ! une égalité de ce genre ! Mais alors que sont la vraie liberté et la vraie égalité ? Voici ma réponse : l'anarchie" [1], telle est la vraie liberté ; le communisme, telle est la vraie égalité. Seule une révolution sociale nous permettra de construire une société vraiment libre et vraiment égalitaire.

Qu'est-ce que l'anarchie ? L'anarchie, c'est la mise au rencard de l'État et de ses institutions annexes, et la propriété collective des organes de production et des biens produits. Chaque individu apporte selon ses capacités et reçoit selon ses besoins. En outre, le travail est réparti selon les capacités de chacun : on fait ce qu'on est capable de faire ; qui a les capacités d'être médecin est médecin, qui a les capacités d'être mineur est mineur. On se consacre plus longtemps aux tâches simples, et moins longtemps aux tâches complexes ou pénibles. Un organisme te procure de quoi manger quand tu as faim, des habits pour te vêtir et un toit pour t'abriter. Tous les individus reçoivent la même éducation, sans qu'on établisse de différence entre les gens intelligents et les sots. Un anarchiste français l'a souvent répété : " Il suffit que chaque individu travaille deux heures par jour pour que tous les besoins de la société soient satisfaits. " [2] Et Kropotkine a dit aussi : " Si chaque individu travaille quatre heures par jour, cela suffit aux besoins de la société, c'est même plus que suffisant. " [3] Je suppose qu'une telle proposition, qui réduit le temps de travail au minimum, ne saurait que rallier tous les suffrages. [4]

Sans l'État et ses lois, ce serait la vraie liberté ; sans la classe capitaliste, ce serait la vraie égalité. Amis du monde du travail, voyez combien serait libre une société débarrassée de tout pouvoir autoritaire ! voyez combien elle serait égalitaire ! Voulez-vous bâtir une telle société de liberté et d'égalité ? Eh bien, faites une révolution sociale, et finissez-en avec cette politique scélérate. Pour l'avènement d'une société de liberté et d'égalité, souhaitons que vous et vos amis vous unissiez bientôt ! Tant que vous supporterez tout avec résignation, vous servirez de pâture aux capitalistes ! Si vous ne me croyez pas, vous vous en rendrez compte par vous-mêmes !

[1] Zenyang jianshe zhenzheng ziyou pingdeng de shehui [Comment fonder une société véritablement libre et égalitaire], Banyue [la Quinzaine], Chengdu, n° 17, 1er avril 1921 ; signé : Li Feigan, le nom véritable de l'auteur. Traduit d'après : Ba Jin quanji [Œuvres complètes de Ba Jin], Pékin, Renmin wenzue chu-banshe, vol. 18, 1993, pp. 1-3.

[2] Le mot chinois utilisé par l'auteur est une transcription phonétique du terme occidental : Annaqi, et non le terme qui s'est imposé depuis : wuzhengfu zhuyi, la doctrine du sans-État.

[3] Allusion possible à Jean Grave, lequel écrivait ainsi, à propos du temps de travail qui serait effectué par nécessité en société anarchiste : “ Deux, trois, quatre heures pourront suffire “ (Jean Grave, la Société future, Paris, Stock, “ Bibliothèque sociologique “, 1895, p. 274). Jean Grave (1854-1939) était connu des libertaires en Chine, ne serait-ce que par le soutien logistique qu'il avait fourni, dans les premières années du siècle, au groupe des anarchistes chinois de Paris qui publiait une revue portant le même nom que son journal (les Temps nouveaux) : Xin shiji (La Novaj Tempo). Voir, à ce propos, la version non expurgée de ses mémoires : Quarante ans de propagande anarchiste, édition établie par Mireille Delfau, préface de Jean Maitron, Paris, Flammarion, 1973, p. 541. On sait aussi que Jean Grave vendit sa bibliothèque “ à des disciples chinois “, mais que celle-ci, hélas, après avoir été mise en caisses, disparut durant l'exode de 1940 (cf. Jean Maitron, “ La Correspondance de Jean Grave : inventaire et études “, l'Actualité de l'histoire, Paris, n° 24, juillet-septembre 1958, p. 39). Une liste des œuvres de Grave traduites en chinois fut insérée dans Jinhua [l'Évolution], en mars 1919 (reproduite dans Wusi shiqide shetuan [les Sociétés de la période du 4 mai], Pékin, Sanlian shudian, vol. 4, 1979, p. 190). Voir aussi : “ Zhen Tian yu Faguo wuzhengfu zhuyizhe Gelafude tongxin “ [Correspondance de Zhen Tian (Bi Xiushao) avec l'anarchiste français Grave], Minzhong [la Cloche du peuple], n° 24-25, mai 1927 ; repris dans Ge Maochun, Jiang Jun et Li Xingzhi (éds), Wuzhengfu zhuyi sixiang ziliao xuan [Choix de documents sur la pensée anarchiste], Pékin, Beijing daxue chubanshe, 1984, vol. 2, pp. 729-734.

[4] Cf. Pierre Kropotkine (1842-1921), la Conquête du pain, Paris, Stock, 1892. On lit dans cet ouvrage : “ En travaillant cinq ou quatre heures par jour jusqu'à l'âge de 45 à 50 ans [...], l'homme pourrait aisément produire tout ce qui est nécessaire pour garantir l'aisance à la société “ (p. 135). Ba Jin a traduit l'ouvrage de Kropotkine en chinois. Une première édition a paru en novembre 1927 : Mianbao lue qu [S'emparer du pain], Shanghai, Ziyou shudian ; reprise, en août 1940, sous un titre différent : Mianbao yu ziyou [le Pain et la Liberté], Shanghai, Pingming shudian.

Anexo 4

Caro camarada*,

Efetivamente recebi a tua carta e agradeço. Perdoe-me por minha resposta atrasada, porque sou muito ocupado nestes em dias. No entanto, já enviei há oito dias as minhas edições de pintura de *Sim* e de *Castelao* sobre a revolução espanhola. Não recebi ainda as publicações que me enviaste de Paris. Estou feliz que as enviaste. Recebo regularmente o jornal japonês e recebi também uma proposta de organizar um congresso para o Extremo Oriente. Mas não creio que o congresso seja possível sob as condições atuais na Ásia. Primeiramente, não se pode partir daqui para o estrangeiro sem a permissão do governo, e a correspondência destinada ao Japão deve passar pela censura daqui e de lá. Infelizmente, não posso dar-lhe informações sobre o movimento anárquico na China, porque, à declaração verdadeira, não existe tal movimento na China na atualidade. É muito isolado o trabalho que faço como propaganda, apenas como um escritor. Faço a redação das “Obras completas ilustradas de Kropotkin em chinês” do qual 4 volumes já são prontos. Sou também o editor desta coletânea. Há outro camarada que traduziu “Palavras” e que traduziu de “A ciência moderna” para mim, mas que era um anarquista do Guomindang. Lu Chien-Ho [Lu Jianbo] é também único em Chengtu [Chengdu], tem ajuda do seu irmão que não é um camarada, mas que é simpatizante e que conhece o francês. É infatigável o seu trabalho. Mas infelizmente, publica o seu jornal “Pensamento” como o suplemento de diário do Guomindang de Chengtu (o editor do diário é o seu amigo pessoal), para aquilo, não se lê muito. Em Fukien [Fujian], apenas em Fukien, há um movimento libertário. Não é grande, mas é um movimento real. Existe uma escola fundada pelos nossos camaradas ali e possuem uma pequena casa de editores, que publicou uma dezena de brochuras, nas quais se encontra o artigo sobre a anarquia de Malatesta traduzido por Lu e a primeira parte o meu “Bakunin”. De resto, vou escrevê-lo uma outra vez. Com melhores considerações, aperto-lhe fraternalmente a mão.

Li Pei Kan¹⁶⁸

[Li Feigan / Ba Jin]

* Agradecimentos à Jean-Jacques Gandini que transmitiu-nos esta carta e, obviamente, enviou-a para ser arquivada em Lausanne (CIRA).

¹⁶⁸ Ba Jin. “Carta de Li Feigan à CRIA [Comissão de Relações Internacionais Anarquistas]” 18 de março de 1949. Arquivo do centro Internacional de Pesquisas Anarquistas (CIRA), Lausanne, Suíça.

Anexo 5

Breves Notas sobre o Movimento Anarquista na China¹⁶⁹ (esperanto)

O conhecimento e a definição de anarquismo no território chinês é bem recente. Data de pouco mais de dez anos e foi introduzido por exilados do despotismo monárquico que, depois da revolução democrática, voltaram anarquistas ao país.

Em 1907 o camarada Lijungjing [Li Shizeng], imigrado da França, publicou o primeiro jornal semanário anarquista em língua chinesa “Novo Tempo” [*Xin Shi Ji*] e muitas brochuras.

Mas esse jornal foi proibido de circular no país e desapareceu em 1910. Por essa época, os anarquistas chineses em Tóquio fundaram uma sociedade e fundaram o jornal “A Igualdade”. Infelizmente, esses camaradas estudavam somente o lado político da questão, deixando de lado a parte social. A influência dessa organização, foi por isso bastante efêmera.

Em Guangzhou, a associação “Tuj Min”, fundada em 1912 pelo camarada Liu Shifu editou vários livros de propaganda como: Coletânea do “Tempo Novo”, obras anarquistas, “O Guia do Soldado”, “Greve dos Trabalhadores”, “Crítica do Socialismo”, “Esclarecimentos sobre o Anarquismo”, “Conversa entre dois Trabalhadores”, Coletânea “A Voz do Povo” e obras de Shifu, que tiveram grande impacto sobre os estudantes.

No mesmo ano, fundou-se em Shanghai, o Partido Socialista Anarquista, cujo órgão “A Consciência” só pode ser publicado até o 2º número em consequência da dissolução do partido por parte do governo que obrigou seus membros a se refugiarem.

Em 1913, em Guangzhou, o grupo “Taj Min” publicou a “Voz do Povo” em chinês e esperanto. Só pode sair até o segundo número também em virtude da proibição governamental. Mas, malgrado as sucessivas mudanças na redação do jornal apareceu até o número 29, em novembro de 1916.

¹⁶⁹ Matéria publicada na Secção Trabalhista do jornal *A Pátria* (Rio de Janeiro), no dia 30 de dezembro de 1923. A tradução do esperanto para o português deve ter ficado a cargo do militante anarquista e operário maleiro Antônio Vaz, membro da *Liga dos Trabalhadores Esperantistas* (Laborista Esperanto Ligo) do Rio de Janeiro.

Referência do jornal *A Pátria* na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: 7112.3.1 (dezembro de 1923). Compilada e digitada por Renato Ramos em 11 de dezembro de 2003.

O movimento local, entretanto, estava perdendo vitalidade pela morte do camarada Shifu, em março de 1915. Enquanto isso novos grupos de propaganda foram criados e outros reorganizados em Shanghai, Guangxi, Nanjing, Guangzhou, etc.

Um novo jornal foi publicado, “A Voz da Justiça”, em Rangoan (Burna). Em 1917 os camaradas de Beijing iniciam a organização do grupo “A Verdade”, publicando um jornal – “A Crônica Livre” e os anarquistas de Nanquim editam o “A Humanidade”. Em 1918 o movimento semi-extinto em Shanghai recupera suas atividades com a criação de uma livraria “Universal” e a revista mensal – “O Trabalhador”. Em Shensi se dá a fundação do grupo “Igualdade” e seu boletim de semelhante nome.

Pela primeira vez, em 1919, os anarquistas de toda a China se unificam, nascendo então o mensário – “Evolução”.

Como era de se prever, o governo mais uma vez lançou sua proibição, prendeu os principal redator do jornal Peko e perseguiu os membros restantes que foram obrigados a se refugiarem em colônias inglesas (em Singapura, Sumatra, Java, etc.) e de lá mesmo, fizeram espalhar pelo território chinês, dezenas e dezenas de milhares de brochuras e outros materiais de propaganda.

Em 1920 deu-se a prisão de todos os fundadores do “Estela de Tukien”, em C’ang-Ci’u, os quais por ocasião de uma grande festa atlética distribuíram centenas de milhares de manifestos anarquistas.

Em 1921 aparece novamente o “Voz do Povo” em Guangzhou, “A Liberdade” em Shanghai, “Vida Nova” em Beijing. São editados os livros “A Ciência Moderna e o Anarquismo” e outras obras de Kropotkin.

Nos últimos tempos o movimento cresce extraordinariamente. Em toda a parte se fundam grupos e órgão de publicidade. Em Beijing – “Movimento Social” e “Movimento Popular”, em Guangzhou “O Livro do Povo”, em Amuy “A Hora do Povo”, em Shanghai “O Homem” e na França (escrito em língua chinesa) “O Trabalho”. Novo grupo em Hunan – “A Anarquia” e “A Conveniência” em Sze-C’uan.

O nosso movimento tem sido tumultuado e difícil, principalmente por falta de dinheiro, mas isso não tem impedido que se expanda cada vez mais., desde o seu surgimento no país.

Em princípio a propaganda era feita somente pela imprensa e por meio de livros. Desde maio de 1921, porém, é feita com muita atividade. Os primeiros passos deste novo caminho custam muitas prisões e sofrimentos. Até ocorreu o fato uma pessoa que foi presa e veio a falecer em consequência das torturas físicas aplicadas e em 1922 os camaradas Wang e Pang foram mortos a tiro pela polícia pelo fato de incitarem os grevistas contra os exploradores.

No movimento sindicalista ainda não conseguimos grande eficácia, pois os trabalhadores chineses são muito incultos. Contudo, graças a nossa influência, acabam de ser fundados alguns sindicatos em Shangai, Guangzhou, Hongcong e Tien-Cin.

Ultimamente, com os camaradas japoneses e russos fundamos a organização Anarco-comunista com sede em Baijing, Shanghai e Guangzhou.

*

Na China a indústria não progride e a organização operária está em estado embrionário e, conseqüentemente, a greve geral como meio revolucionário é aqui impossível. Além disso, os trabalhadores chineses são muito ignaros e tímidos.

Estamos, por esse motivo, convencidos de que uma rebelião militar e subsequente ocupação do país é o único método capaz da revolução na China.

Constatamos, infelizmente, que os resultados de nossos dez anos de propaganda não correspondem aos nossos esforços e esperanças e confessamos a insuficiência de nosso plano revolucionário seguido e adotado até aqui.

Para o futuro aproveitaremos as lições das experiências.

*

Fato ainda lamentável é que o movimento anarquista em nenhum lugar progride segundo o desejo de seus adeptos. Segundo nós, as principais causas dessa apatia são:

1. Falta de unidade entre as organizações anarquistas dos diversos países. A necessidade de uma internacional anarquista é evidente e seria um bem também que se publicasse um boletim de informações diversas;

2. Não participamos efetivamente no movimento sindical cujo sistema de organização é digno de ser imitado;

3. Muitos de nós sermos muito teóricos e não revolucionários de prática. Nós não supomos que o sistema capitalista possa ser derrubado totalmente e de uma única sacudida. Por isso, o exército proletário torna-se indispensável para proteger a revolução contra a reação dos capitalistas nacionais.

4. Não organizamos uma comissão competente, cuja tarefa seja estudar e comparar diversos métodos revolucionários e seus resultados. Até agora efetivamente, esse organismo não existe e supérfluo será aumentar de importância.

Estas linhas foram sugeridas por nossa experiência. Esperamos que elas sejam de algum modo úteis aos leitores da S.R. e com satisfação desejaríamos conhecer a opinião de outros camaradas anarquistas sobre o movimento nos respectivos países e mesmo acerca do nosso modo de ver.

Federação Anarco-comunista de Língua Chinesa

Anexo 6

Na China¹⁷⁰

Cultura Proletária, de NY, publicou em seu número 11 de maio, uma carta do camarada chinês Lu Chien Bo [Lu Jianbo], que resumimos aqui.

Manda três exemplares de um semanário A Juventude de Hoje, onde traduzem artigos de Jean Grave e documentos das atividades desenvolvidas pela C.N.T., pela F.A.I. e pela F.I.J.L. (Federação Ibérica da Juventude Libertária) “Nossa juventude [diz ele], está interessada em todos os problemas do anarquismo mundial...”

Há, na China, dois grandes partidos políticos, cada qual com seu exército, o *Guomindang* e o Partido Comunista. Malgrado os esforços dos Estados Unidos, juraram mútua guerra de morte.

¹⁷⁰ Matéria publicada no jornal *Ação Direta*, n. 10, 22/06/1946, p.3.

Há outro partido, o da *Jovem China*, nacionalista, composto por intelectuais de toda a costa. A chamada *Liga Democrática* é uma agrupação complicadíssima. Dirigem-na ex-funcionários civis e militares, desempregados. Há professores e estudantes e chefes comunistas inferiores.

O Guomindang subdividiu-se em grupos que se odeiam e combatem mortalmente. É um partido corrompido e não poderá sobreviver. O governo, dirigido por tal partido é uma classe de funcionários exploradores ladravazes do 1º ao último.

A inflação progride. Os preços crescem de um dia para o outro, por tanto, a vida é miserável. A fome dizima a China. Greves estalam por todos os lados, mas falta aos trabalhadores organização sindical defensiva. O governo reconheceu novamente o direito de associação, mas tudo no papel. Ainda há censura nos correios; as associações estão sempre em perigo e as pessoas indesejáveis ao governo desaparecem rapidamente. Com a guerra entre o Guomindang e o PC, as comunicações impedidas.

Todas as associações anarquistas da China foram quase totalmente destruídas pela guerra. Nossos camaradas sobreviventes estão em desesperadas e terríveis situações de miséria. Começam a refazer-se os grupos anarquistas; porém, não foi ainda possível organizá-los para a ação. O mais a vista desejo pôr-se em comunicação com todos os centros anarquistas e ter informação do movimento europeu e americano para assim intensificar a propaganda entre a juventude chinesa. Nada sabe dos camaradas japoneses.

Desejo traduzir folhetos e obra completa de Bakunin. Com a tremenda situação da China, pede auxílios para empreender a obra anárquica em seu país.

Seu endereço é: Lu Chien Bo

P.O. Box 55

Chengtu, Sze, China

Anexo 7

Chinese anarchists in the 1920's USA - the Equality Society¹⁷¹

Includes a report from “The Equality Society”

In the period before the Chinese revolution Chinese anarchists were also active in the USA - in particular the “Equality society”. This article includes complete transcriptions, including original errors, of two articles from that time on The Equality Society.

In America, Chinese anarchists were few (“not more than 100”) but they were active in the struggle. Some were workers, toiling in restaurants and garment shops. Others were students.

I am unaware of there being much written, in English at least, about Chinese-American anarchists.

Below you will find complete transcriptions, including original errors, of two articles which I have on file on The Equality Society. Both appeared in the American English-language monthly newspaper “The Road to Freedom”.

In her autobiography, “Bread upon the Waters”, Rose Pesotta briefly mentions a “group of Chinese students” in San Francisco who were known by, presumably an anarchist “friend” in New York in the mid-1930s. (p.71)

When Pesotta was on a union organization visit to San Francisco she met with some of these “students”. In the tenement apartment, Pesotta writes, she saw copies of Chinese pamphlets with portraits of...Kropotkin, Proudhon.... and others.

Even though Pesotta was a known anarchist at the time she wrote this book (1944) she also served as a Vice President of the AFL, *International Ladies Garment Workers Union* (ILGWU) and never wrote about anarchism or anarchists in her autobiography. So we can only infer that the initial people she met, Chih Ling and Yung Lee, were either active anarchists or sympathetic to anarchism. From a read of the below article by Joseph Spivak, and Pesotta’s description of her physical surroundings, it appears that both Pesotta and Spivak were talking about the same people.

¹⁷¹ Extraído do site *ANARQUISMO.NET*: www.anarkismo.net/index.php, acessado em 15/12/05.

We do know there existed an anarchist organization named The Equality Society. Mention of them appears in the english language anarchist paper "The Road to Freedom".

Writing in his column, "Our Organized Movement: A Coast to Coast Observation, Joseph Spviak, glowing reported that:

"The most encouraging group in San Francisco is the Chinese group, not because they do much work - they are very few in number - but on account of their enthusiasm. The members of the Chinese group have the same enthusiasm as the early revolutionists in Russia.

"I went up to see Comrade Red Jones the secretary of the group. He lives on a second floor of a very old fashioned building in the Chinese section of San Francisco. He, as well as most of the Chinese there, is very poor. He occupies a small room and according to the number of beds in this room is occupied by three. Yet when I entered the room I felt I was in an atmosphere of Ideal! The room was actually filled with literature, every inch of space is made use f for this purpose. Comrade Jones immediately began to show me one book after another in the Chinese language which were received from China and which he spreads among the Chinese population. I could not read the books, but from the pictures of the authors, I could see they were translations from Kropotkin, Bakunin, Berkman, Malatesta and almost every other anarchist writer. They also issue in China two monthly publications which this group spreads in San Francisco. In China, Comrade Jones told me, our comrades carry on a fight against the Nationalist party [of Chang Kai-Shek, the KMT] who are only a bunch of politicians: we do not want to make the same mistake as the Anarchists made in Russia.

[Apparently a reference to some anarchists' alliances with the bolsheviks and being soft on the bolshevization of the revolution early on].

"This little group also issues their own publication in Chinese language, 'Equality', which they distribute free of charge. They also have a class in Chinese every Sunday for those who are interested."

[Sorry, the page with the date when this article was written does not appear in my files. I am presuming it was in 1927 as there appear references to the execution of Sacco-Vanzetti which took place in August 1927].

The Equality Society issued a report to the October 1928 Anarchist Conference (held at the International Center, 149 E 23rd St., NYC). The comrades reported:

1. The Chinese in America:

Except for a few well to do class, most of the Chinese in America are sweat earners. On account of their ignorance, even they feel their own sufferings under the present economic order, they do not have class consciousness and revolutionary spirit. However they are not to be blamed, for they do not have any education at all. Even they do have, they have only the education under the capitalistic regime. Naturally, they object to all radical changes of the present order. Under this situation, the Chinese comrades have a very hard task to convert these poor Chinese workers to be revolutionists. However, they begin to realize the solidarity of the labor class.

As for the well to do class, they can never give up their selfishness. What they do care is to build up a bourgeois government in China to protect their interest.

2. Chinese in America toward Anarchism:

The Chinese in America who really believe anarchism are not more than one hundred. The reason for that is they are followers of nationalism and have confidence in politics and government. [My note: Of the then ruling KMT in China].

3. A short history of the Equality Society:

The Chinese in America who are interested anarchism in America are less than one hundred. We realize that the organization and propaganda are very important, so we had this society organized in 1925. In the course of this short history, there were several troubles with those well to do class, as they tried to make this organization a failure but in vain. A few months ago, the imperialistic government of America threatened to destroy this society by arresting comrade Jones and confiscating all our literatures. However, this only made us more militant than ever before.

4. Some of the work of the Equality Society:

In spite of the fact that we do not have many comrades, we have made an effort to publish a monthly in Chinese called "The Equality". Just a few days ago, the Chinese government notified the Chinese post office not to circulate the same in China and send them abroad. This what they are doing now and afraid of. Besides, we have published and send free all sorts of pamphlets to all who understand Chinese from time to time. We also distribute literatures concerning

anarchism in both English and Chinese. Now, we are going to hold regular meetings even we have little time to do so, as we are all long hour, poor working conditions and low pay workers.

5. The Anarchist movement in China:

Comrades in China are very faithful to their work for anarchism. They do it either by large combination or small organizations. The ones which are worth to mention are “the Young Anarchists Federation in China” and the “South China Anarchists Federation”.

Every organization has its publication. There is a bookstore in Shanghai named the Freedom Bookstore, has made a great contribution in handling our anarchist literatures.

Suggestions to the Conference:

We suggest that:

1. The anarchists should pay more attention to the current situation of all countries in the present day.
2. Anarchists should have a well organized organization to facilitate our work.
3. All local organizations, if possible, should hold regular meetings. If possible, some kind of social gatherings should be held occasionally for comrades of all nationalities in big cities.
4. All organizations better send their news in English to ROAD TO FREEDOM.
5. The *Road to Freedom* better expands materials and pages. If possible, cheap paper may be sued for achieving these purposes.

The Equality Society

per *MING HSI*

Anexo 8

*Aqui... ali... além...*¹⁷²

(...)

China

Sobre o movimento operário ocorrido na China, publicamos o seguinte artigo, de SIMPAK [Ou Shengbai], que traduzimos de “Sennecieca Revuo”, revista esperantista que se publica em Paris:

Alguns anos atrás o povo trabalhador da China não possuía a menor parcela de consciência quanto à sua servil situação. Contudo a organização corporativa já de há muito existe nesse país. Os seus componentes, porém, sempre se reúnem para adorar seu ídolo. Entretanto nos últimos dois anos, graças a propaganda social, os trabalhadores acordaram e fundaram alguns sindicatos. Assim é que já existem tais organizações em Shangay, Hon-Kong e Kanton. Os sindicatos são auxiliados pelos socialistas e anarquistas que ensinam aos trabalhadores que o seu maior inimigo é a classe capitalista e que para se salvarem da miséria com que os assedia urje destruí-la e implantar o comunismo.

Ezistem, presentemente na China, mais de 10 jornais como órgãos dos trabalhadores entre os quais os mais conhecidos são: - “O Social”, que se publica diariamente em Kanton; o “Movimento Trabalhista”, em Beijing; o “Mundo Trabalhador”, em Shangaj; o “Trabalhador” em Kanton, sendo que esses três últimos saem ebdomadariamente. Além disso publicam-se ainda duas revistas – “A Voz do Povo” e “O Comunista” também muito difundidas entre os trabalhadores e que possuem o condão de os despertar para a Revolução Social. O movimento grevista é quazi sempre animado. Os trabalhadores já conseguiram melhorar o salário e diminuir o orario de trabalho, mas anda trabalham dés oras por dia. Sómente os maquinistas de Kanton lograram ter nove óras de trabalho e folga aos domingos.

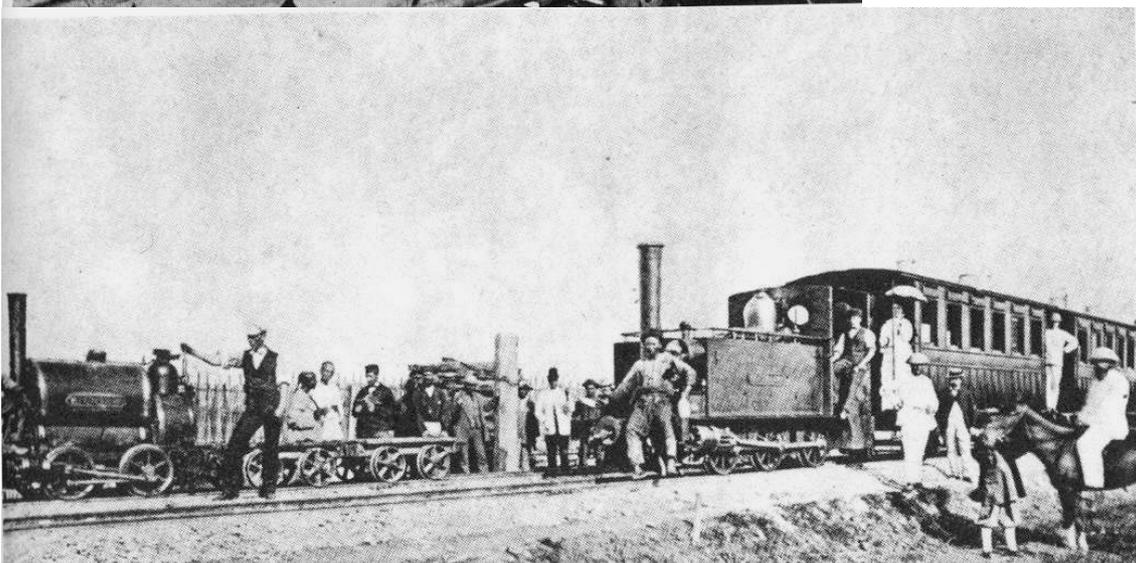
¹⁷² Extraído da revista *Renovação*, *Revista mensal, comunista-anarquista*. Fevereiro 1922. (Correspondência: Rua José Maurício, 46, n. 2, Rio de Janeiro, Brazil), conseguida na Biblioteca Social Fábio Luz.

“*Renovação*’. Tem os encargos de Redação, Administração e Expedição entregues, respectivamente aos camaradas Marques da Costa, A. Vaz e Domingos Passos.” - editorial da revista.

ACERVO ICONOGRÁFICO



Operários de uma fábrica de Yangxi, Hankou. As três cidades que compunham o complexo de Wuhan – Wuchang, Hankou e Hanyang –, com seus operários industriais, escolas modernas e unidades do Novo Exército, eram focos de atividade de ativistas revolucionários no início do século 20.



Primeira ferrovia da China, construída em Shanghai em 1876, comprada pelo governador da província e arrancada no ano seguinte, por forças populares. Somente depois da *Yehetuan Qiyi* (“Rebelião dos Boxers”) é que a dinastia Qing resolveu intensificar a construção das vias férreas, importantes pelo caráter estratégico, econômico e militar. Muitos trabalhadores foram requisitados para sua construção e funcionamento, que mais tarde, felizmente, seriam setores bastante ativos em rebeliões e greves. Muitos operários de ferrovias chinesas foram enviados a países europeus e aos EUA, também formando nestes países focos de rebelião, contra as péssimas condições de trabalho e à migração forçada.



Veterano Taiping

Taiping Tienquo (Movimento dos Taiping, ou Movimento dos seguidores do "Reino Divino da Paz Perfeita"), movimento camponês messiânico, de influência protestante, que entrou em guerra contra o império Qing durante os anos de 1851-1864, liderado por *Hung Xiuquan* (1814-1864). Estima-se que cerca de 20 milhões de pessoas morreram nestes conflitos.



Representantes de facções do movimento **Yihetuan (Sociedade da Harmonia Perfeita)**, que lutaram contra o império Qing e as forças estrangeiras (1897-1900) na insurgência que ficou conhecida por "**Rebelião dos Boxers**".



Praça de Tianamen, Beijing (nov. 1918). Primeiros protestos populares libertários, com reivindicações anti-militaristas e democráticas.



Chineses esperançosos reúnem-se em Pequim para celebrar o armistício que pôs fim à Primeira Guerra Mundial e pressionar pelos direitos territoriais da China. Novembro de 1918 (fotos de Sidney D. Gamble).



Manifestação estudantil na praça Tiananmen, Pequim, verão de 1919 (foto de Sidney D. Gamble). Em 4 de maio de 1919, milhares de estudantes da região de Pequim reuniram-se para afirmar os direitos da China em Shandong e exigir “democracia e ciência”. As manifestações continuaram até junho.



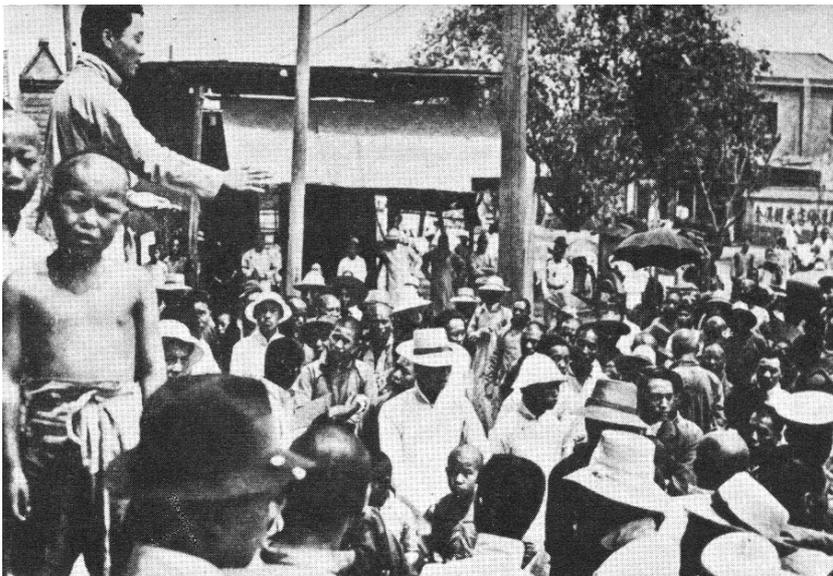
Manifestação na Praça de Tianamen, Beijing. Em 4 de maio de 1919, ocorrem diversas manifestações de caráter libertário. Milhares de estudantes de Beijing reuniram-se para afirmar os direitos da China em Shandong e exigir “democracia e ciência”. As manifestações duraram até junho deste ano.

Protestos em Beijing na manifestação que ficou conhecida como **Quatro de Maio de 1919**. Contou com participação massiva de jovens e estudantes, dito por alguns historiadores como o precursor do “Maio de 68” na China, ou como a “Revolução Cultural Libertária”.



Manifestação estudantil em Pequim, junho de 1919. (foto de Sidney D. Gamble).

Protesto Estudantil
em junho de 1919,
Beijing.



Idem anterior



Jean Grave

Militante anarco-sindicalista e editor de dois jornais franceses de suma importância: o *Le Révolté* e o *Lés Temps Nouveaux*.



Cai Yuanpei

Simpatizante anarquista que junto ao grupo de Paris esteve ligado às manifestações do *Quatro de Maio de 1919* e posteriormente entrou para o Guomindang e participou da gestão da *Universidade do Trabalhador*, em Shanghai.



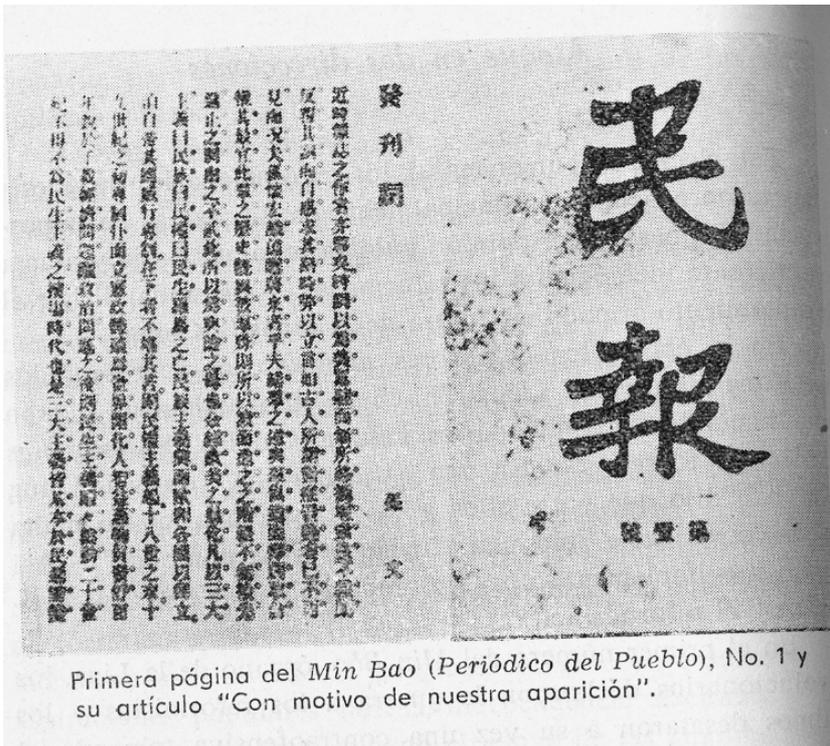
Chen Jionmng

Foi chefe civil e militar e administrador da cidade de Fujian, na qual quis praticar o federalismo libertário (entre os anos de 1918 e 1920). Foi entusiasta do anarquismo, mas com a falha da proposta federalista, terminou por advogar caminho totalmente contrário, chegando a chefe militar supremo da China, um “senhor guerreiro”.

Publicaciones revolucionarias antes de la Revolución de 1911



Publicações revolucionárias e libertárias de antes da Revolução de 1911.



Primeira página do periódico Min Bao (Jornal do Povo), nº 1 e seu artigo "O motivo de nosso surgimento", de 1915.

Primera página del Min Bao (Periódico del Pueblo), No. 1 y su artículo "Con motivo de nuestra aparición".



Charge publicada no jornal anarquista **A Voz do Povo** em maio de 1919.

Nela aparece um jovem revolucionário falando: "Levantem! Levantem! Venham todos os irmãos abrigarem seus espíritos!" e com uma vassoura-caneta na mão ele aparece limpando o antigo regime da face da terra.



Liu Shifu
(1884-1915)

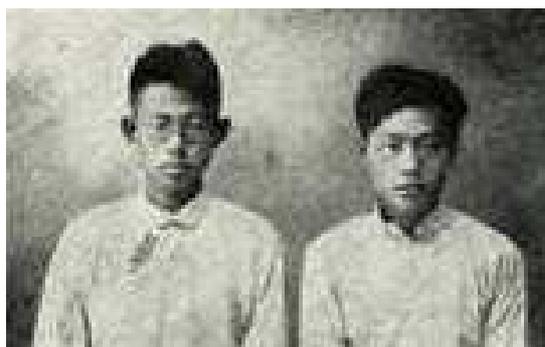
Grande referência do anarquismo chinês, precursor de grupos terroristas contra a dinastia *Qing* e formador de grupos revolucionários nos anos seguintes à revolução 1911-12. Morreu de tuberculose, contraída nos tempos de prisão.



Li Yaotang (nome original de Ba Jin) aos 12 e aos 15 anos de idade.



Li Yaotang (Ba Jin)¹⁷³ aos 17 e com seu irmão mais velho. Irmão que viria a se suicidar em 1931, fruto das pressões da família patriarcal e tradicional. Mais tarde, em homenagem a cada um de seus irmãos – Chueh-Hsin, Chueh-Min e Chueh-Hui –, ele escreve as obras “*Familia*” (“*Jia*” - 1933), “*Primavera*” (“*Chun*” - 1938) e “*Outono*” (“*Qiu*” - 1940).



¹⁷³ Aos 17 anos de idade (1921), Li Yaotang (Ba Jin) escreve seu primeiro artigo para uma revista anarquista *Banyue* (*O Quinzenário*), da cidade de Chengdu, intitulado: “Como edificar uma sociedade autenticamente livre e igualitária” (Vide anexo 3).



Li Yaotang
(1941)

Li Yaotang¹⁷⁴ aos 25 anos (1929)¹⁷⁵ e aos 37 anos de idade (1941).

Em 1928, ele passa a ser conhecido pelo pseudônimo de Ba Jin, que era uma composição de sílabas dos nomes de dois conhecidos anarquistas: a 1ª sílaba do nome de Bakunin e a última sílaba do nome de Kropotkin.

(□□)



Ba Jin aos 37 e aos 40 anos de idade em Chungking.



Ba Jin aos em 1958.

¹⁷⁴ No período em que editou a revista "A Voz do Povo" (1922-1928), adotou o pseudônimo **Li Feigan**.

¹⁷⁵ Sua estada em Paris se dá de entre 1927 e 1929, oportunidade em que ele estabelece contato com Emma Goldman e Alexandre Berkman, envolve-se na campanha para libertação de Sacco e Vazetti e elabora um livro de explícita propaganda anarquista "Mi-wang" ("Destruição").



Ba Jin (1955)



Hu Feng¹⁷⁶, Ma Sicong¹⁷⁷ e Ba Jin em 1955 em Beijing.

圖巴金(右)、馬思聰在北京華文學校(1949年9月)



Ba Jin em Shanghai em março de 1962.

¹⁷⁶ Hu Feng (1902-1985), fez parte da geração do *Quatro de Maio de 1919* e de grupos de jovens escritores esquerdistas das décadas de 30 e 40 (tal qual Lu Ling e outros). Participou da organização dos jornais *Qiyue* (*Julho*; 1937-41) e *Xiwang* (*Esperança*; 1945-46). Independente da atuação partidária, discordou da utilidade dada à literatura pelo PCC, sendo foi considerado “promotor do subjetivismo” e, a partir de 1966, foi perseguido oficialmente e preso, taxado de “individualista burguês” e “contra-revolucionário”.

¹⁷⁷ Ma Sicong (1912- 1987), famoso músico chinês, formou-se jovem na escola de Guangzhou e estudou na França na década de 20. Depois da fundação da República Popular da China assumiu a posição de diretor do Conservatório Central de Música da China e vice-presidente da Associação de Músicos da China e diretor da revista *Yinyue Chuangzuo* (“Criação da Música”). Em 1960, foi morar nos EUA. Foi compositor de óperas, concertos para violino, orquestra, etc.



Ba Jin e Xiao Shan, sua esposa
Casaram-se em
1944, indo residir
em
Guilin, às margens
do Lijiang.



Família reunida
Em 1945, Ba Jin e
Xiao Shan tiveram a
primeira criança
(uma menina), Li
Xiaolin, e 5 anos
depois o menino Li
Xiaotang.



Xiao Shan (1921-1972)¹⁷⁸ foi
importante tradutora
das obras de *Ivan
Turgenev* (1818-
1883 / poeta e
romancista ucraniano,
de influência
tolstoiana) e de
Alexander Pushkin
(1799-1837 /
romancista e
historicista
moscovita, fundador
da literatura
moderna russa).

¹⁷⁸ Xiao Shan (nome verdadeiro: Chen Yuzhen) morreu em 13 de agosto de 1972, com câncer. Ela não pôde receber tratamento médico apropriado por causa de sua identificação como mulher de Ba Jin, a “autoridade anti-revolucionária”. Somente três semanas antes de sua morte, ela foi hospitalizada em um hospital clandestino com a ajuda de seus amigos.



Ba Jin
Encontro de amigos
e familiares em sua
residência.



Reunião de Ba Jin
(à esquerda) com
amigos em sua
casa, em Shanghai.



Conversa entre os
anarquistas
chineses **Ba Jin** e
Lu Jianbo
(1989)



Fotos de Ba Jin, aproximadamente da **década de 80**.



Em **1984**, Ba Jin foi convidado de honra do 47º Congresso Internacional de Poetas, Ensaístas e Novelistas (P.E.N.), da Associação Mundial de Escritores, em **Tokio**, Japão¹⁷⁹. Nesta oportunidade ele apresentou um documento intitulado, “*Literatura na Era Nuclear: Porque nós escrevemos?*”



Fotos de Ba Jin, na década de 90.

¹⁷⁹ Como tributo à vasta contribuição à literatura chinesa e asiática, Ba Ji foi presenteado com o Prêmio Comemorativo Asiático Especial Fukuoka em 1990.



Foto de Ba Jin em 2003.



Em 1998, por conta do *mal de Parkinson*¹⁸⁰, Ba Jin teve sua capacidade motora e fala prejudicadas, sendo internado no Hospital Huadong, de Beijing e vivendo por meio de aparelhos.



Ba Jin, em seus últimos anos de vida, era muito visitado e procurado, por novos escritores, jornalistas e educadores.

¹⁸⁰ Ba Jin chegou a reivindicar o direito à eutanásia, em 1995, principalmente depois de saber que seu amigo, o dramaturgo Xia Yan (1900-1995), conseguiu convencer sua família a desligar os aparelhos que mantinham-no vivo. Porém sua filha, Xiaolin, opôs-se a essa reivindicação.



Ba Jin e uma de suas netas.



Foto de **Ba Jin** em 2004.



Homenagem ao centenário de Ba Jin.



Exposição sobre a vida de Ba Jin realizada em 2004, em homenagem aos seus 100 anos de idade, no Museu Nacional de Literatura Moderna Chinesa (Beijing).



Idem anterior

Na terra natal do escritor e militante libertário, em Chengdu, organizou-se em 2004 o 7º Simpósio Acadêmico Internacional sobre Ba Jin.



Abertura

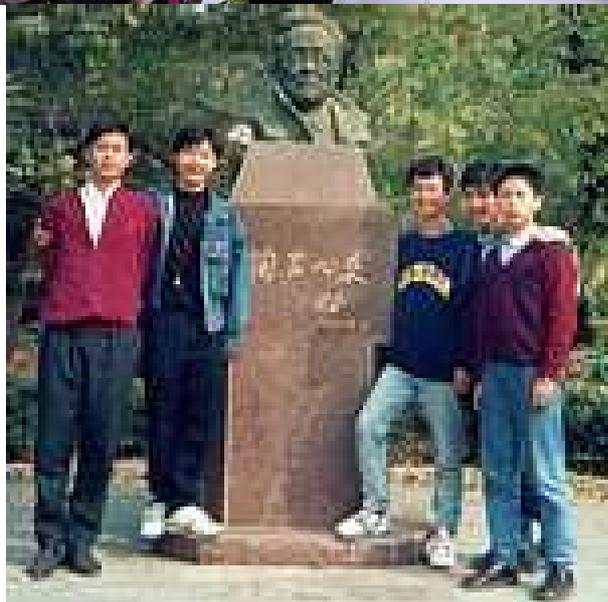
Exposição para celebrar o centésimo aniversário de Ba Jin. O evento se chamou “Ba Jin em Shanghai”, sediado no espaço da *Livraria Shanghai* e organizado pela Associação Chinesa de Escritores e a Secretaria de Propaganda do DCP (Departamento Central de Propaganda) do Comitê Central de Shanghai.



Salão de exposições do evento “Ba Jin em Shanghai”



Idem anterior



Busto em homenagem a Ba Jin.
Não há informação do local onde está este monumento.



Estátua em homenagem a Ba Jin.
Não há informação do local onde está este monumento.



Tributo:
Aglomeração de pessoas no enterro de Ba Jin em 18 de outubro de 2005, em frente a um painel em sua homenagem, no Museu Nacional de Literatura Moderna Chinesa.



Estátua e escultura da mão gravada em bronze, em homenagem a Ba Jin. *Museu de Literatura Moderna Chinesa* (na cidade de Beijing).



Museu Nacional de Literatura Moderna Chinesa (Beijing)

O museu foi criado em 1985 e nacionalizado em 1993, como proposta de Ba Jin ao presidente da república Jiang Zemin. É o maior museu de literatura do mundo.



作者像



Pinturas e retratos elaborados em homenagem a Ba Jin.

O Correio Nacional da China em 21 de outubro de 2004 lançou o selo “Ba Jin do século”.



Olga Lang

(1898–1992)

Escritora, lingüista e historiadora russa, foi integrante do Partido Socialista de Esquerda Revolucionário durante a Revolução Russa, lutou contra a ascensão do Fascismo em Berlim, presenciou a invasão japonesa à China e sofreu com as perseguições da “caça às bruxas” aos comunistas nos EUA. Nos anos que passou na Universidade de Columbia, tornou-se especialista na biografia de Ba Jin e na história dos anarquistas chineses.

Foi casada por alguns anos com Karl August Wittfogel¹⁸¹, conhecido historiador sinólogo, crítico às teorias marxistas e ao comunismo.

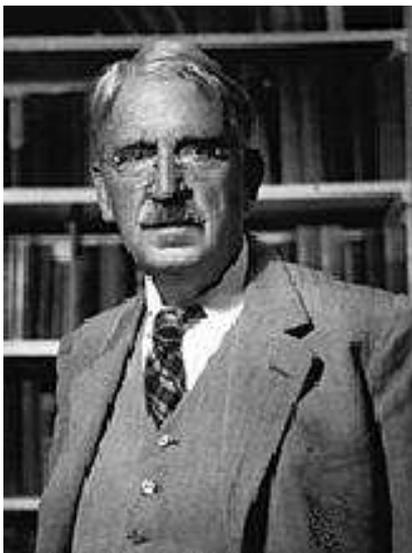
¹⁸¹ Karl A. W, alemão judeu que cedo se integrou a movimentos sociais como o *Movimento da Juventude Alemã*, do *Partido Socialista Independente* e, mais tarde do *Partido Comunista da Alemanha* (PCA). Em sua juventude escreveu algumas novelas com temas comunistas, mas depois de sua formação acadêmica se tornou crítico da teoria marxista e da prática política comunista, principalmente em seus estudos sobre história da China, representados pelas obras: *Geopolítica, Materialismo Geográfico e Marxismo* (1929;1985), *Economia e Sociedade na China* (1931) e *Despotismo Oriental: Um Estudo Comparado do Poder Absoluto* (1951). Tornou-se antropólogo e historiador, sinólogo, criador do modelo explicativo das “civilizações hidráulicas”.



Jacques Reclus¹⁸²

(1894-1984)

Sobrinho mais novo de Eliseé Reclus (conhecido geógrafo e anarquista) e filho de Paul Reclus, nascido em Paris. Passou a sua infância na Escócia e, seguidamente, na Bélgica, onde inicia seus estudos em ciências econômicas. Trabalhou como jornalista sindical e colaborou com a imprensa libertária (nos jornais “A Batalha”, “Mais distante” do Dr. Pierrot, “O Diário Libertário”, etc.). A partir 1920, tornou-se editor do periódico “Novos Tempos”. Em 1923, constituiu-se sob sua iniciativa a *Associação em defesa dos revolucionários encarcerados na Rússia*.



John Dewey

(1859-1952)

Filósofo, psicólogo e educador estadunidense, conhecido por suas formulações teóricas sobre democracia e educação. Desde a década de 1890, John Dewey procurou estabelecer um modelo de educação democrática. Em 1896, criou a Escola Experimental de Chicago, mas é a partir do início do século 20 que será muito influenciado pelas idéias anarquistas do espanhol Francisco Ferrer i Guardia (criador da *Escola Moderna*). Foi pioneiro na implantação de uma *Escola Moderna* em New York em 1911. Teve contato com anarquistas dos Estados Unidos, como Emma Goldman, com quem estabeleceu trocas de experiência e frutíferos debates. Seu pensamento sobre educação circulou o mundo, inclusive, entre a juventude libertária chinesa do movimento da *Nova Cultura*.

¹⁸² Em contacto com um estudante chinês anarquista, estudou a criação de uma Universidade Popular, para trabalhadores, em Shanghai, concebida sob o conceito modelar kropotkiniano de trabalho e estudo. Jacques ficou entusiasmado com o prolongado funcionamento da Universidade, em 1928, mas a experiência dura apenas mais um prazo, quando as doações são impossibilitadas em 1930 pelo governo de Jiang Jieshi devido à promoção da “subversão”. No entanto, Jacques permanece na China, onde a Segunda Guerra mundial o surpreendeu quando ele esteve na fronteira com o Vietnã. Retorna a Pequim em 1945, ficando até 1952. A violenta campanha anti-estrangeiros, desencadeada pelo Partido Comunista no poder desde 1949, obriga-o a voltar para França. Em Paris, a sua esposa Huang Shuyi torna-se professora de Línguas orientais, enquanto ele trabalha como corretor, seguidamente, editor, tradutor e, por último, leciona na universidade de Paris-VII até à sua morte, em 5 de Maio de 1984 em Paris. Neste ínterim, ele continuou também as suas atividades de autor [ex.: *A Revolta do Taiping (1851-1864)*].

* Na edição de 1972 de *A Revolta do Taiping (1851-1864)*. [Prólogo da Revolução Chinesa] de Jacques Reclus há um prefácio escrito por Jean Chesneaux, Pavillon [Paris, 1972, 279 p. (aCCFR, CIRA-L)], grande sinólogo e edito de textos sobre o anarquismo na China como: CHESNEAUX, Jean. *O Movimento dos Trabalhadores Chineses (1919-1927)*, Stanford University Press, Stanford CA, 1968.



Robert A. Scalapino
Diretor do *Instituto de Estudos do Leste Asiático* da Universidade da Califórnia, Berkeley. Ele é editor da *Asian Survey*, uma revista escolar de publicação mensal, que circula nos EUA e países vizinhos; escreveu uma série de livros e artigos famosos sobre Política na Ásia e as relações políticas entre EUA e Ásia: *Early Socialist Currents in the Chinese Revolutionary Movement: Sun Yat-sen versus Liang Qichao* (1959), *The Chinese Anarchist Movement* (1961), *Asia and the Road Ahead* (1975), *The Foreign Policy of Modern Japan* (1977), *The United States and Korea: Looking Ahead* (1979), *The Japanese Communist Movement, 1920-1966* (1967), *Modern China and Its Revolutionary Process* (1985), e *Major Power Relations in Northeast Asia* (1987), *The Last Leninists: The Uncertain Future of Asia's Communist States* (1992).



Jean Jacques Gandini
(1949-...)

Historiador anarquista francês, é um grande dissertador sobre as questões da democracia e da liberdade em seu país e na China. Nos estudos sobre China deparou-se com a história do anarquismo, para a qual dedicou diversos artigos e textos¹⁸³.

¹⁸³ Escreveu diversos artigos e livros que não puderam ser analisados aqui neste trabalho. Um, por conta da incapacidade de se ler no idioma francês e, dois, pela incapacidade de se adquirir a tempo tal literatura. As obras escritas por Gandini são:

1. GANDINI, Jean-Jacques. *Chine, fin de siècle. Tout changer pour ne rien changer*, Atelier de Création libertaire, Lyon. 1994. 144 p. ISBN : 2-905691-31-X.
2. GANDINI, Jean-Jacques. *PA KIN, écrivain chinois et centenaire*. Atelier de Création libertaire, Lyon, 1986.
3. GANDINI, Jean-Jacques. "L'anarchisme, face cachée de la révolution chinoise". In *Mouvement Social* (1994) 169 : 137-144.
4. GANDINI, Jean-Jacques. *Pa Kin, le coq qui chantait dans la nuit*. Atelier de Création libertaire, Lyon, 1985.
5. GANDINI, Jean-Jacques. *Aux Sources de la révolution chinoise: les anarchistes:1902-1927. Contribution historique de 1902 à 1927*. Atelier de Création Libertaire (A.C.L.), Lyon, 1986.

Arif Dirlik¹⁸⁴

(1940 - ...)



Nascido na Turquia, é professor da Duke University, EUA, desde 1971, onde é integrante do Instituto de Estudos Ásia-Pacífico da. É também Professor Convidado de Ciências Sociais da Oregon University e diretor do Centro de Teoria Crítica e Estudos Transnacionais. Historiador e cientista social interessado no estudo dos contextos revolucionários da China Moderna e Contemporânea, ele dedicou boa bibliografia especificamente sobre a história do comunismo e do anarquismo neste país. Atualmente, tem escrito, junto com outros pensadores de esquerda como Antonio Negri e Noam Chomsky, sobre a Globalização e as alternativas ao sistema capitalista e imperialista vigente.

¹⁸⁴ Arif Dirlik se tornou especialista em estudos sobre China Moderna, estudos Asiáticos Transnacionais, estudos Sino-Americanos, estudos Pós-Coloniais e Globalização:

1. DIRLIK, Arif. *Revolution and History: origins of marxist historiography in China, 1919-1937*, Berkley, University of California Press, 1978.
2. DIRLIK, Arif and Krebs, Edward S. "Socialism and Anarchism in Early Republican China", *Modern China*. (1981), (7)2: 117-151.
3. DIRLIK, Arif. "The New Culture Movement Revisited: Anarchism and the Idea of Social Revolution in New Culture Thinking", *Modern China*, (1985), 11(3): 251-300.
4. DIRLIK, Arif. "The New Culture Movement Revisited: Anarchism and the Idea of Social Revolution in New Culture Thinhing", *Modern China* 11 (1985) 3: 251-300.
5. DIRLIK, Arif. "Vision and Revolution: Anarchism in Chinese Revolutionary Through on The Eve of the 1911 Revolution", *Modern China* 12 (1986) 2: 123-165.
6. DIRLIK, Arif. *The Origins of Chinese Communism*, London, Oxford University Press, 1989.
7. DIRLIK, Arif. "The Revolution that never was : Anarchism in The Guomindang", *Modern China* (1989) 15(4) : 419-462.
8. DIRLIK, Arif. "The Path not Taken: The Anarchist Alternative in Chinese Socialism: 1921-1927," *International Review of Social History*, Amsterdam (1989). 34(1): 1-41.
9. DIRLIK, Arif. *Anarchism on the Chinese Revolution*, Berkeley, CA University of California Press, 1991.
10. CHAN, Ming K. and Arif Dirlik. *Schools into Fields and Factories: Anarchists, the Guomindang, and the Labor University in Shanghai, 1927-1932*. Duke University Press, Durham, NC, 1991.
11. DIRLIK, Arif (ed.), *What Is in a Rim? Critical Perspectives on the Pacific Region Idea*, Boulder: Westview Press, 1993.
12. DIRLIK, Arif. "Postmodernism and Chinese History", *boundary 2 - Volume 28, Number 3, Fall 2001*, pp. 19-60.
13. DIRLIK, Arif (ed.). *Critical perspectives on Mao Zedong's thought*. Humanities Press International, Atlantic Highlands, New Jersey, 1997.
14. DIRLIK, Arif e MEISNER, Maurice (eds.). *Marxism and the Chinese Experience: Issues in Contemporary Chinese Socialism*. Armonk, NY: ME Sharpe , 1989.
15. DIRLIK, Arif. *After the Revolution: Waking to Global Capitalism*. Wesleyan University Press, Hanover, NH, 1994.
16. DIRLIK, Arif. *The Postcolonial Aura: Third World Criticism in the Age of Global Capitalism*, Westview Press, Colorado, 1997.



Vitor Garcia
(1919-1991)

Militante anarco-sindicalista espanhol, escritor, tradutor de obras sobre a história do movimento anarquista internacional.

Começou a trabalhar aos 12 anos de idade em uma fábrica têxtil de Barcelona e militar a partir de 1933, na CNT. Em 1936, faz parte da juventude libertária junto com Aberl Paz, Liberto Sarrau, etc. no grupo ácrata “Os Quixotes do Ideal”, que se opõe à colaboração governamental. Ele passa a se dedicar aos *fronts* de combate, recusando as ordens de militarização do estado, adere a um jornal coletivizado de Lérida e participa da criação das JJLL (Juventudes Libertárias). De volta ao *front* com a 26ª divisão, acaba ferido.

Em 1939, refugia-se na França, e é internado em diferentes campos de concentração. Integra, em seguida, uma célula secreta de resistência. Em março de 1944 ele é preso pela milícia de Pétain, retornando depois ao campo de Vernet, mas ele conseguiu fugir, durante sua transferência, por trem, para o campo da morte em Dachau (Alemanha). Entre 8 e 9 de abril de 1945, participa em Toulouse do congresso da Federação Ibérica das Juventudes Libertárias e assume o cargo de administrador do jornal “Ruta” e do “Solidariedad Obrera”, posteriormente secretário da Juventude Anarquista Internacional.

Em julho de 1946, ele assiste ao congresso de Faenza na Itália e se junta à luta na Espanha. Mas é preso pela polícia franquista e aprisionado na “Modelo” de Barcelona. Só será libertado sobre uma série de condições em 1948, mas apesar de demasiados compromissos na luta clandestina, ele deixa, então, a Espanha e vai para a Venezuela.

Durante os anos 50 ele efetua um périplo (que lhe dará o apelido de “Marco Pólo do Anarquismo”) através dos países da América Latina. Continua viajando ao Japão, China, Índia, Turquia, Egito, Iraque, Grécia, Itália, Holanda, Alemanha e França. Em 1961, retorna à Caracas a dirigir um Centro Cultural de Estudos Sociais e assume como secretário da CNT da Venezuela em 1966. Em 1976, volta à Espanha e depois se muda para a França em 1961, onde reside até seu falecimento em 1991.

Infatigável militante, Vitor Garcia foi autor de diversos artigos, publicou muitos relatos de suas viagens em publicações libertárias, traduziu para o espanhol “A Enciclopédia Anarquista” de Sebastien Faure e produziu trabalhos de fundo historiográfico como “Antologia do anarco-sindicalismo”, “Museiushugi, o anarquismo japonês”, “A China comunitária”, “O anarquismo na China”, etc.



Emma Goldman

(1869–1940)

Nasceu na Lituânia. Nos primeiros anos como estudante teve consciência da opressão social e religiosa contra as mulheres, chegando a atuar em círculos estudantis radicais desta época. Em 1886,

transferiu-se para os Estados Unidos. Em Rochester viveu a exploração como operária da indústria e a infelicidade de um casamento que acabaria em divórcio. Resolveu mudar-se para

Nova York, onde entra em contato círculos anarquista locais, integrando-se à luta libertária. Junto com outros anarquistas, como Alexander

Berkman (de quem veio a se tornar grande amiga), foi deportada da Rússia nos anos posteriores à Revolução de 1917, retornando aos Estados Unidos. Transferiu-se depois para a

Inglaterra, Canadá e Espanha.

Emma Goldman ficou conhecida pela participação em grandes processos históricos como a Revolução Russa (criticando, inclusive, os desvios contra-revolucionários sintomáticos deste processo) e a Guerra Civil Espanhola; e por sua a

postura radical em defesa dos direitos das mulheres, feministas. Escreveu diversos artigos e livros com a temática anarquista e feminista. Os livros mais conhecidos são: *Anarquismo e Outros*

Ensaio; A Significância Social do Drama

Moderno; Minhas desilusões na Rússia; Vivendo Minha Vida. Foi editora de uma revista anarquista famosa entre o público estadunidense, chamada

Mother Earth (Terra Mãe), que no ano atual comemora 100 anos de sua primeira edição.

Foi amiga de **Ba Jin**, a quem o escritor anarquista chamava carinhosamente de “Mãe espiritual”.



Piotr Kropotkin
(1842-1921)

Nascido em Moscou, Piotr Kropotkin, durante sua juventude, foi pajem da câmara do imperador e um escritor sem recursos. Aos 22 anos foi confiada a sua direção uma expedição geográfica à Sibéria. Por 5 anos percorreu a região desde os Urais à Manchúria. Os frutos dessa experiência são os notáveis escritos: “O deserto asiático” e “A orografia da Ásia”. Enfim, foi estudante revolucionário, oficial do exército, explorador de terras desconhecidas, secretário de sociedades científicas, administrador, um revolucionário perseguido. Aos 25 anos abandonou o exército e passou a ser Secretário da Sociedade de Geografia da Rússia, aderiu (em viagem à Suíça) à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e já se identificava como anarquista. Em 1873 publicou um mapa da Ásia, que revolucionou os conceitos geográficos sobre aquele continente. Nesses anos escreveu duas das suas obras mais importantes: *O Apoio Mútuo: fator de evolução* e *a Ética: origem e evolução da moral*. Em 1874 foi encarcerado na Rússia, mas logrou escapar, chegando a Londres, e pouco depois voltou à Suíça, onde fundou o periódico anarquista *Le Revolté* (A Revolta). Nessa ocasião, em consequência de umas greves dos trabalhadores têxteis em Lyon, Kropotkin foi condenado a cinco anos de prisão como membro da A.I.T., permanecendo detido até 1886, ano em que foi libertado por pressão da grande campanha de agitação em seu favor por toda a Europa. Outra vez na Inglaterra, colaborou para a imprensa anarquista e científica de todo o mundo e criou o periódico *Freedom* (Liberdade), que desde então é órgão do movimento anarquista inglês. Durante a Revolução Russa, Kropotkin contava já com 75 anos de idade. Até sua morte escreveu várias cartas críticas a Lênin, manifestando-lhe o seu desconforto, desilusão e pesar pelos caminhos autoritários e tirânicos que já se esboçavam na orientação daquela grande revolução. Os escritos e a trajetória de Kropotkin foram fonte de inspiração para militantes revolucionários de inúmeras partes do mundo, inclusive, dos intelectuais anarquistas e da juventude libertária chinesa.

GLOSSÁRIO

O uso do pinyin

O sistema *pinyin* para romanizar o chinês tem origem em um sistema de romanização desenvolvido na Ásia oriental no início da década de 1930 e empregado no final da mesma década em partes da China. Com algumas modificações, o próprio *pinyin* foi introduzido pelos chineses na década de 1950. É agora o sistema de romanização oficial da República Popular da China, foi adotado pelas Nações Unidas e outras agências mundiais e tornou-se o sistema mais usado nos estudos e no jornalismo, suplantando amplamente o velho sistema Wade-Giles. O sistema *pinyin* é pronunciado como se lê, na maior parte dos casos, sendo as exceções mais importantes o “c”, pronunciado como “ts”, e o “q”, pronunciado como “tch”. Em alguns casos, quando a separação de consoantes é pouco clara, usa-se um apóstrofo para ajudar na pronúncia, como por exemplo: as cidades de Xi'an e Yan'nan (para diferenciá-las de xian e yanan) ou o Hong Ren'gan (e não reng-an).¹⁸⁵

Esta monografia de graduação utiliza a romanização do *pinyin*, com exceção dos termos de que não se encontrou referência substitutiva. Abaixo se estabelece um glossário, onde se pode encontrar a antiga grafia de todos os toponímicos, expressões ou nomes próprios citados.

Ai-guo-xue-she - Ai-kuo Hsüeh-she

Ba Jin - Pakyn / Pa Kyn / Pa Kin / Pa Chin (ver Li Yaotang / Li Feigan / Ganfei Li)

Baoding - Pao-ting

Beijing - Pequim / Pekín

Cai Yuan Pei - T'sai yuan-pei / T'sai yuan-p'ei / Ts'ai Yuang-p'ei / Ts'ai Yüan-p'ei

Changsha - Chansua / Changshá

Chang-xing-dian - Chang-hsing-tien

Chen Duxiu - Ch'en Tsu-hsiu

Chen Jiong ming - Ch'en Chiung-nin

Chen Yan-nian - Ch'en yen-hien / Ch'en yen-nien -

Chen Yi - Ch'en-l

Chui min xue she - Hui-Ming Hsüeh-she

Congming - Ch'ung ming [ilha]

Da dong shu - Ta t'ung shu

¹⁸⁵ SPENCE, Jonathan D. – Em Busca da China Moderna: quatro séculos de história. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Deng Xiao-ping - Teng Hsiao-p'ing
Dong fang - Tung fang tsa-chih
Feng Ziyou - Feng Tzu-y / Feng Tzu-yu
Fujian - Fu Kien / Fukien
Geming wen xian - Ke-ming wen-hsien
Geming yi shi - Ke-ming i-shih
Gong chan zhu yi - Kung-ch'an chu-i
Guandong - Kuang-tung -/ Kuangtung
Guang fu hui - Kuang-fu hui / Kuangfujui
Guangzhou – Cantão / Kuangchou
Guomin - Ko-min
Guomintang - Kuomintang
Guoming xian qū - Kuo-ming hsien-chü
Hai wai gong du shi nin ji shi - Hai-wai kung-tu shin-niem chi-shih
He chang gong - Ho Chang-kung
Henan - Jonán
Heng Bao - Hen Pao
Ho Zhen - Ho Ch'en / Ho Chen
Hongcong - Hong Kong
Hu Hanmin – Hu Han-min
Hubei - Hupei
Jiang Jieshi - Chiang Kai-shek / Chang Kai-chek / Tchang Kai Chek
Jiang Kanghu - Chiang K'ang-hu / Kiang K'ang-hu / Chiang Kang-hu
Jiangsu - Kiangsu
Jili - Chili
Jin dai shi zi liao - Chi-tai-shih tzu-liao / Chih-tai-shih tzu-liao
Jin dai zhong guo liu xue shi - Chin-tai Chung-kuo liu-hsüeh shih
Jin Hua - Chin-hua
Jing De Hui - Chin-te Hui
jinshi - chi-shi
ju ren - chü-jen
Kang Yowei - K'ang Yu-wei / Kan Yen-wei
Kiaochow - Chiaochou
Jiangsu - Kiangsu
Kong Fuzi - Confúcio / Kong Fu Tsé
Laozi - Lao Tsu / Lao Tsé
Li Feigan - Li Feikan / Li Fei Kan / Li Pei Kan / Gangfei Li (ver Ba Jin ou Li Yaotang)
Li Lisan - Lili-san / Li Li-san
Li Shizeng - Li Shih-tseng
Li Yaotang - Lin Yaodang (ver Ba Jin ou Li Feigan)
Liang Qichao - Liang Ch'in-chao
Liang xin - Liang-hsin
Liu Bu Hui - Liu-pu Hui
Liu fa qun xue hui - Liu fa chieh-hsueh Jui
Liu Shifu - Liu Shi fu / Liu Szu-fu / Liu Shih fu
Liu Shipei - Liu Shi-peí
Liu Zexu – Liu Tse-sü
Lo jia lun - Lo chia-lun

Lu Jianbo – Lu Chien Bo / Lu Chienbo / Lu-Chien-Bo / Chienbo Lu
Luo shi wen - Lo Hsi-wen
Lü-ou jiao-yü yun dong - Lü-Ou chiao-yü yün-tunar
Mao Zedong - Mao Tse-tung / Mao Tsé-tung
Min Bao - Min-pao
Ming li bao / Ming-li pao
Nanjing - Nanking / Nanquim
Ou Shen Bai - Ou Shen-pei / Ou Shen-Pai
Qin gong jian xue hui - Ch'in-kung chien-hsüeh hui
Qin gong jian xue hui yi - Ch'in-kung chien-hsueh shüeh hui-i
Qing - Ching [dinastia]
Qing Yi Bao - Ch'ing-I Pao
Qiu Jin - Chiu Chin
Song Jiaoren - Sung Chiao-jen / Sung Chiaojen
Shandong - Shantung
Shangai - Xangai
Shanxi - Shansí
She hui chu yi tao lun ji - She-hui chu-i t'ao-lun chi
Sheng Cheng – Cheng Tcheng
Shi Bao - Shih Pao
Shifu (Liu Shifu) - Shi fu / Shih Fu / Sifo / Szu-fu
Shi jie - Shih-chieh
Shi li cong fa - Shih-li kung-fa -
Su Bao - Sun Pao-shi
Sun Zhongshan - Sun Yat-sen
Taipei - Taipé / capital de Taiwan
Tao Cheng Zhang - T'sao c'hen-chang / T'ao ch'eng-chang
Tianjin - Tientsin
Tianyi bao - Tien-i pao / T'ien-i pao
Tongmeng hui - T'ung Men Hui / Tung Meng Hui
Wang Jingwei - Wang Ching-wei
Wang Ruo-fei - Wang Jo-fei
Wu Zhihui - Wu shih-hui / Wu chih-hui
Xia qing nian - Hsin ching-niem / Hsing Ch'in-niem
Xin jiao yu - Hsin Chiao-yü
Xin she - Hsin she
Xin Shi Ji - Hsin shih-chi
Yangzi - Yangtse / Yang tse [rio]
Yihetuan - Yijetuan / “Boxers”
Yuan Shikai - Yang Shi-k'ai / Yuang Shih-kai
Zhang Binglin - Chang Ping-Lin
Zhang Jingjiang - Chang Ching-chiang
Zhang Tai Yan - Chang Tai Yen / Han Tai-yen
Zhao Shi-yan - Chao Shih-yen / Chao Shig-yen
Zhang Ji - Chang Chi
Zhang Zhidong - Chang chi-tung / Chang chi-tong
Zhejiang - Chekiang
Zhou Enlai - Chu En-lai

Zhu yi ban yue kan - San Min Chu I pan-yüeh K'an
Zhu Minyi – Chu Minyi / Ch'u Min-i / Chiu Min-i
Zi guo zhu yi - Tsu-kuo chu-i
Zi You Ren - Tzu-yu Jen
Zou Rong - Tsou Yung / Tsou Jung